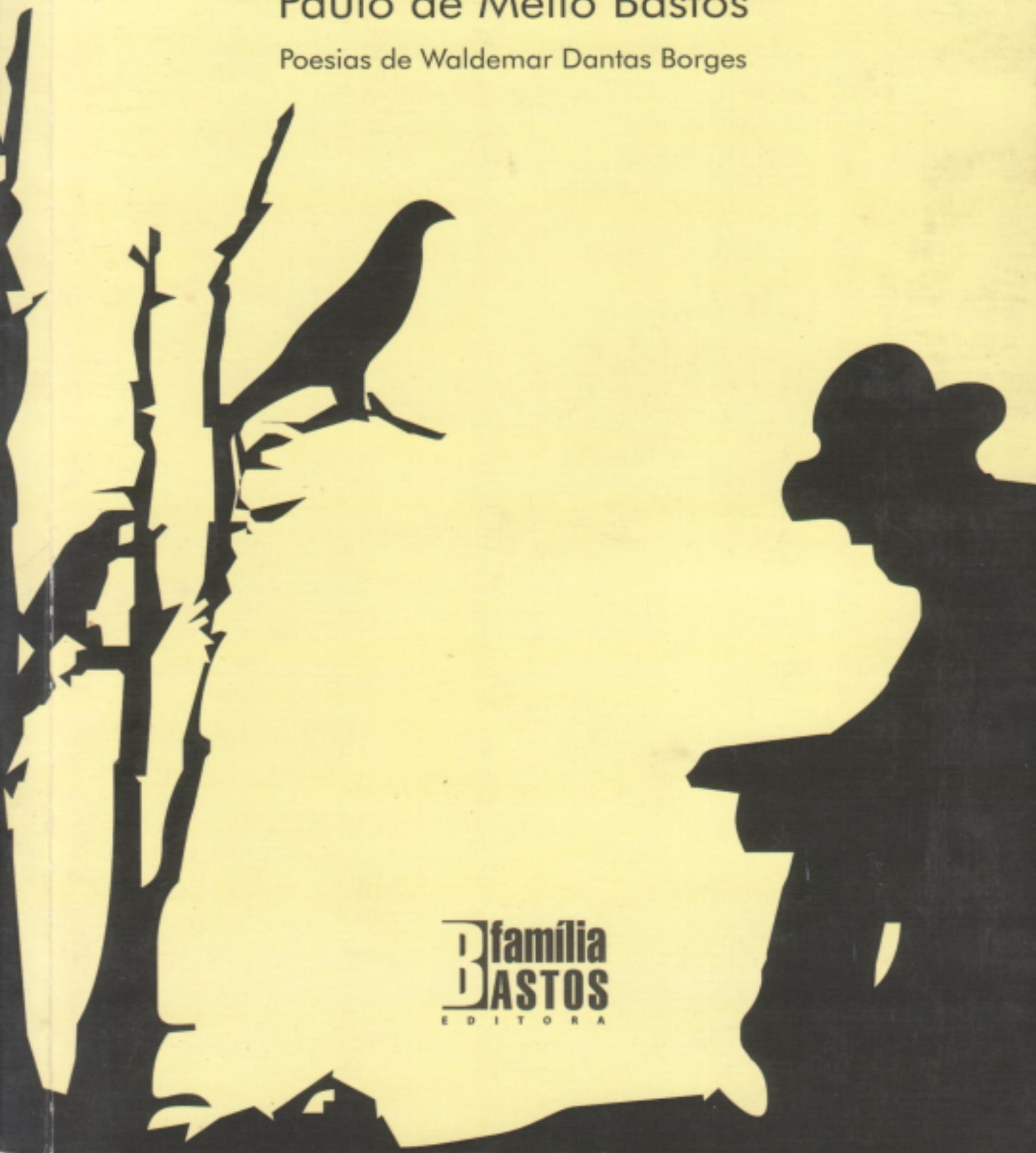




O Nordeste É Um Só

Paulo de Mello Bastos

Poesias de Waldemar Dantas Borges

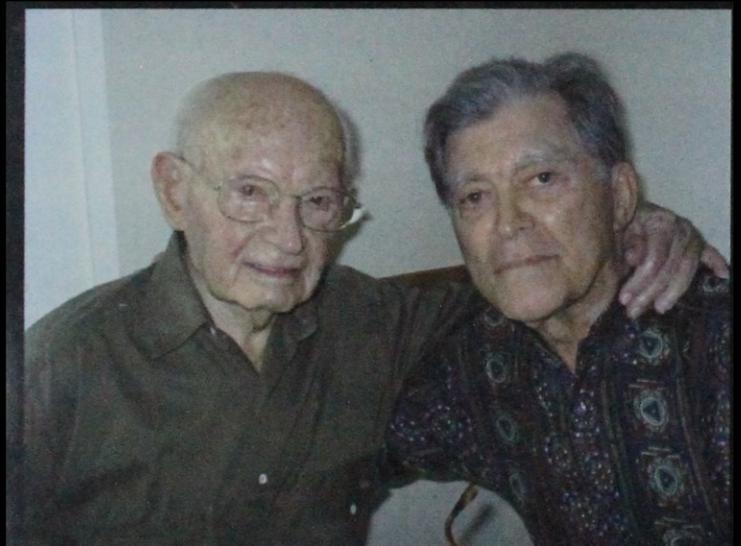


B família
BASTOS
EDITORA

O NORDESTE É UM SÓ é romance e é memória política. Personagens reais se misturam à ficção na busca do tempo perdido, da terra distante, dos sonhos utópicos.

Mello Bastos escreve na primeira pessoa, em alguns momentos, para revelar detalhes históricos até agora guardados na caixa-preta da memória. As poesias do amigo-irmão Waldemar, também nordestino, são o trampolim para o mergulho nas lembranças comuns, ponto de partida real deste livro.

Na foto de 2008, Waldemar e Paulo comemoram juntos os 90 anos de cada um.



PAULO DE MELLO BASTOS é alagoano, nascido em São José da Laje em 1918. Aeronauta com carreira militar e civil, lutou pela criação da Petrobrás e tornou-se líder sindical, sendo cassado pela ditadura que se instaurou no país após o golpe militar de 1964. De volta do exílio no Uruguai, participou da luta pela anistia política e trabalhou de motorista de táxi a administrador de empresas, já que o regime de exceção o proibiu de exercer a profissão de piloto.

Aos 80 anos tornou-se escritor. Este é seu quinto livro, sendo o segundo romance.

O Nordeste É Um Só

Paulo de Mello Bastos

O Nordeste É Um Só

Poesias de
Waldemar Dantas Borges

D família
BASTOS
E D I T O R A
1ª. Edição 2010

Edição e texto final
Solange Bastos

Poesias
Waldemar Dantas Borges

Capa e projeto gráfico
Roberto Portes

Digitação
Bianca Portes

Caricatura
Fortunato

Ficha catalográfica elaborada por Mary Komatsu Shinkado CRB7/3770

C327 BASTOS, Paulo de Mello. *O Nordeste é um só. Poesias de Waldemar Dantas Borges. Ilust. de Fortunato.* Teresópolis: Família Bastos Editora, 2010. 244 p. ; il.

ISBN: 978-85-89853-06-4

1. Literatura – Brasil. 2. Romance brasileiro. I. Título.

CDD B869



Permitida a reprodução total ou parcial deste livro, desde que sem fins comerciais, citando o autor e com a transcrição desta nota.

Os direitos desta edição pertencem à Família Bastos Produções Ltda.
www.familiabastos.net
Teresópolis – RJ

Índice

<i>Prefácio</i> — MODESTO DA SILVEIRA	9
<i>Provocação e Resposta</i> —	13
<i>Cap 1</i> — Vó Dona	17
<i>Cap 2</i> — A Pensão da Rua Larga	21
<i>Cap 3</i> — São João no Sertão	24
<i>Cap 4</i> — A Saga de Aprijo	30
<i>Cap 5</i> — Passageiro	36
<i>Cap 6</i> — O Rico e O Pobre	40
<i>Cap 7</i> — Rocinha, Terra Prometida	46
<i>Cap 8</i> — A Biroasca	54
<i>Cap 9</i> — A Teia de Aranha	58
<i>Cap 10</i> — Caminhante	63
<i>Cap 11</i> — O Preguiçoso	65
<i>Cap 12</i> — Furando A Laje	68
<i>Cap 13</i> — Carro de Boi	75
<i>Cap 14</i> — Direto com o Matuto	79
<i>Cap 15</i> — Meu Sofrê	85
<i>Cap 16</i> — Confidências	88
<i>Cap 17</i> — O Petróleo Será Nosso	94
<i>Cap 18</i> — A Saída É Em Frente	105
<i>Cap 19</i> — Medos.....	112
<i>Cap 20</i> — Como Eu Queria Que Fosse	119
<i>Cap 21</i> — Canto Visionário	123

<i>Cap 22</i> – O Sonho da Volta	129
<i>Cap 23</i> – Voar É Preciso	137
<i>Cap 24</i> – Mala Pesada	144
<i>Cap 25</i> – Prudência	150
<i>Cap 26</i> – Canção da Minha Terra	159
<i>Cap 27</i> – Verdade Verídica.....	170
<i>Cap 28</i> – Saudade de Vavá	175
<i>Cap 29</i> – Retirantes	180
<i>Cap 30</i> – Balanço	186
<i>Cap 31</i> – O Plano	194
<i>Cap 32</i> – Descontentado.....	200
<i>Cap 33</i> – Coração e Razão	206
<i>Cap 34</i> – Desafio da Amizade	216
<i>Cap 35</i> – Abrígio em Buquim	224
<i>Cap 36</i> – Sempre Irmãos.....	229
<i>Posfácio</i> –	243



Ao meu irmão Waldemar

Prefácio

*Modesto da Silveira*¹

Conheço e admiro o autor e amigo Paulo de Mello Bastos há mais tempo do que ele próprio imagina, principalmente a partir da conhecida “Greve Mello Bastos”, há quase meio século. Na mesma década, já na ditadura que se estendeu de 1964 a 1985, com o Paulo já cassado (com 2 esses mesmo) e caçado (com cedilha mesmo), tive a honra de ser advogado de uma das pessoas mais queridas de sua casa, também por perseguição política.

O livro me instiga e comove em muitos momentos e sentidos, desde os mais delicados sentimentos de amizade, solidariedade, patriotismo e amor até a repulsa da estupidez das ditaduras, tiranias, guerras, torturas e genocídios. E o autor sabe do que está falando, seja como testemunha, vítima, seja como autor também de outros livros históricos, que abordam a 2ª Guerra Mundial. Nesta ele teve participação heroica na defesa de nossas costas, contra ataques de submarinos nazistas e torpedeamento de navios mercantes brasileiros, de carga e de passageiros. Aliás, esses ataques afundaram mais de quarenta navios brasileiros, com milhares de vítimas, entre passageiros e tripulantes, mortos nas costas do Brasil.

¹ Antônio Modesto da Silveira, advogado, professor, tradutor, jornalista, deputado federal, sempre foi um incansável batalhador na defesa dos direitos humanos defensor de presos políticos, mesmo no auge da ditadura militar.

Lá na frente, no “Oi... oi... oi..., seguindo o carro de boi...”, tornei a identificar-me já que eu, bem menininho ainda, fui candieiro de bois, ajudando um tio carreiro. Nesta fase meu sonho de ser carreiro foi superado por outros, alguns dos quais realizados, enquanto outros ainda, mais amplos e profundos, só a história resolverá.

Como fui também menino lenhador nos cerrados do Triângulo Mineiro, solidarizei-me, no livro, com o menino da Festa de São João. A diferença entre nós é que eu só cortava galhos de árvores secas e caídas, por serem mais leves aos meus ombros frágeis, para evitar a fumaça dos galhos verdes no fogão, na trempe ou nas fogueiras. Mais ainda, para não provocar a ira do latifundiário, dono do cerrado.

A luta pelo “Petróleo é Nosso”, que envolveu os patriotas da geração do autor, é outra inevitável identificação, especialmente por causa da impatriótica quebra do monopólio estatal da Petrobrás. Nova luta surge agora no horizonte brasileiro – “O petróleo tem que ser nosso!” – pela descoberta do pré-sal, cujo potencial pode mudar os destinos do Brasil, como nação rica, empobrecida pela exploração estrangeira. Não permitiremos que este seja apenas mais um ciclo de saque, como foram o do “Pau-Brasil”, o do “Açúcar”, o do “Ouro”, o do “Café”. Este será o do “Desenvolvimento Contínuo” para todos, se nos livrarmos do saque externo e de seus aliados internos.

“O Nordeste é um Só”, escrito em pingue-pongue de prosa e verso entre o autor Paulo e seu amigo-irmão Waldemar, abre cortinas para se vislumbrar que o Brasil é um só e que o mundo é um só, na essência. Isto se pode depreender dos sonhos humanistas e socialistas dos personagens.

Há capítulos delicados, como o da “Vó Dona” e o menino travesso, que nasceu em Ribeira do Pombal e foi criado em Buquim; o da “Pensão da Rua Larga”, no Rio, em que os “três bagunceiros”, dentre eles o autor, passavam a conversa na simpática garçonete Nancy, que lhes dava um bife extra; a perigosa aventura do “Aprijo” e a birosca de drogas da Rocinha, seu sonho de retorno às origens e seu amor por Maria Quitéria de permeio. Há ainda “O Golpe militar de 1964”, em que, de repente, o Brasil
“Viu as flores perderem o sentido de existir
E as crianças, de súbito, pararem de sorrir.”

O livro revela muito mais. Revela a delicadeza da amizade de homens hoje nonagenários, que sempre se sentiram irmãos. Há tantas coisas em comum que fazem com que o Nordeste seja um só, o Brasil seja um só e o próprio mundo seja um só, nas suas necessidades básicas e sonhos comuns, na busca da felicidade humana.

Encerrando, já em posfácio, o autor e meu amigo Paulo se enlaça à filha Liana, que o ajuda a resistir à

dor da morte do amigo-irmão Waldemar.

Estou enriquecido pela leitura e honrado pelo prefácio de “O Nordeste é um Só”, de meu amigo Paulo de Mello Bastos. Você também se enriquecerá. Leia-o e verá.

Rio de Janeiro, 06 de agosto de 2010.

Dia da 1ª. Bomba Atômica, de Hiroshima, no final da 2ª. Guerra Mundial, em 06.08.1945.

Provocação

Waldemar, meu irmão,
Ponha a mão na consciência.
Qual a sua naturalidade?
Sergipano de Buquim
Não é verdade...
Bahia, a sua terra,
Deu Ruy Barbosa, Castro Alves,
O que você quer mais?
Sergipe não fica atrás.
Os Fontes, Amados, Silvio Romero,
Duas capitais!
Já sei, você está de olho
É na terra dos Marechais...

Waldemar, esse terreiro é meu,
Mas posso lhe oferecer.
Só não abro mão
De coisas que me são peculiares.
Graciliano de Quebrangulo,
Petróleo, sururu, Zumbi,
O poeta Jorge de Lima,
De União dos Palmares.
Tire o olho das nossas praias,
Do azul do nosso mar.
Mas se quiser tudo isso,
No pacote, de presente,

Vai também o Calabar...

Waldemar, meu irmão,
De poeta não tenho nada.
Inveja e vontade não fazem poesia.
Feche os olhos aos meus plágios.
Quem sabe? Chego lá um dia...

Resposta

*Meu irmão Paulo,
Recebi a sua provocação bem-humorada,
Mas antes:*

*Li na orelha de seu excelente Tauã:
"Aos 80 anos tornou-se escritor".
Os latinos diziam:
"O poeta nasce, o orador se faz."
Eu, ousadamente, diria: "O artista nasce e..."*

*Você não virou escritor aos 80 anos.
Você já nasceu com alma de artista:
Sabe ouvir
Sabe sentir
Sabe contar
Sabe escrever
Sabe, por certo, poetar!*

*E hoje, através da atraente narração
Na pele do velho Noberto,
Qual o cacique guerreiro da tribo tupi,
Você nos brada:
Meninos, eu vi!*

*Nasci no sertão da Bahia,
Terra seca, Vidas Secas
Como Graciliano dizia.
Menino vivi em Canudos,
Catei casca de balas no Morro da Favela
Catei santos nas destruídas igrejas do Conselheiro
Nadei no Vaza-Barris.
Conheci as famílias dos bravos fogueteiros.
Vi o verde quando chovia,
Vi a cara de alegria sorrindo
Meu povo tocando
Meu povo cantando
Meu povo dançando
Meu povo namorando!
Água!
Era tão pouco o que o meu povo queria...*

*Vi a seca torrando a vegetação
Vi a sede e a fome matando a criação
Vi meu povo de joelhos rezando
Água!
Era tão pouco o que o meu povo pedia...
O meu amigo poeta, consternado*

*No meu ouvido dizia:
"Povo da areia seca
Gente boa!
Que de joelhos na terra esturricada
Ainda espera compaixão do céu azul
Que em face da agonia é uma risada."*

*Vi a cara da dor chorando
Vi meu povo retirante pelas estradas sofrendo...
E meu amigo poeta com olhos de pranto dizia:
"Meninos barrigudos vestidos com a poeira
Dos caminhos
Mulheres esqueléticas seminuas
Botando o dedo magro na boca dos filhinhos."*

*Paulo, a nossa querida Pátria Nordestina
Tem lindas praias de mares verdes e azuis
Tem brilhantes e invejáveis inteligências
Tem matas, florestas e caudalosos rios
Tem tudo da beleza para se cantar.
Mas também tem, num mundo de desenvolvida
Tecnologia, a vergonha da seca a perdurar.*

*É por essa marca de retirante
Que sou um Caminhante
E carrego na mente o grito dor-esperança
Do meu povo:
Este ano choveu!
Será que no próximo choverá?*

1

Vó Dona

O menino não era o primeiro neto de vó Dona, mas era o seu queridinho. Nasceu na Bahia, em Ribeira do Pombal, e criou-se em Buquim, minúscula cidade do estado de Sergipe. Foi lá que ele ganhou sua estrela.

O menino de Buquim foi travesso. Criou passarinhos em gaiola. Manchava as roupas com nódoa de caju. Largava pelas margens dos córregos os sapatos, apesar das severas recomendações, adorava procurar ninhos de passarinhos para criá-los em gaiolas.

Vó Dona, sua protetora, sempre encontrava uma explicação recheada de elogios às travessuras e desobediências do neto:

- Vocês precisam de conselhos para criar esse menino. Não sei se Deus me permitirá os anos necessários para ver até onde meu netinho chegará. Criar não é só dar comida, roupa e botar na escola. Tem

que deixar o menino procurar seu caminho, ter vontade. Se não for assim, vamos ter que ficar atrás dele soprando no pé do ouvido: “Faça assim, faça assado”, durante toda a vida. Quando não tiver mais ninguém para soprar no pé do ouvido, ele estará perdido.

Os tempos foram passando e o queridinho de vó Dona meteu na cabeça que seria alfaiate. Falante e habilidoso, chegou até a fazer calças de homem que mereceram elogios. Depois, entusiasmou-se com os caminhões e na imaginação quis ser caminhoneiro. Inclinou-se mais tarde pela carreira de aviador, por ter visto um avião chegando a Salvador, quando ainda tinha doze anos. Os rumos da vida o levaram para outras bandas, mas não se apagou a forte impressão deixada pela cidade.

O menino de Buquim foi arrancado dos sonhos pela obrigação de prestar o serviço militar. Ousado, impetuoso, foi para Aracaju e se apresentou na Circunscrição Militar. Não era esse o seu desejo, mas poderia ser o primeiro passo de uma longa caminhada.

Deitado numa cama beliche no alojamento dos praças, cortado pela saudade, no silêncio da noite, sua imaginação o transportava a Buquim. O lençol servia para enxugar as lágrimas.

Mas o que mais doía era a falta do seu cajueiro,

aquele que vó Dona lhe destinou, assim como uma estrela do céu.

O neto de vó Dona lastimava o abandono, mas não foi surdo a seus conselhos.

O menino de Buquim não era mais o menino, de Buquim.

Vó Dona

*Dona de estrelas no céu
e de cajueiros na terra
Vó Dona era só poesia!
Dava uma estrela
E plantava um cajueiro
Para cada neto que nascia.*

*Num céu que era só dela
Minha estrela (tão bonita!)
Reluzia.
E no colo de vó Dona
Sob a luz de minha estrela
Feliz eu adormecia.*

*De uma semente
Que eu mesmo na cova plantei
E com devoção de crente
Diariamente reguei
Meu cajueiro crescia
Sorrindo quando me via.*

*Parti. Tudo mudou...
Vô Dona virou estrela
Minha cidade cresceu
Meu cajueiro morreu
Minha estrela desapareceu...*

2

A Pensão da Rua Larga

1937. Pensão São Paulo, na rua Larga número 91, hoje Marechal Floriano, de dona Nair e seu Villas. Quarto número 9. Três camas. Três bagunceiros! Um gaúcho, Aldônio. Um baiano, Waldemar. Um alagoano, Paulo, líder das mais impensadas maluquices.

Maluco era o Mário Peres, espanhol de Cádiz, que morou conosco enquanto revalidava o diploma de medicina. Mário era fortão. Botava a gente num lençol, pendurava pelo lado de fora da janela, do sexto andar... depois casou com uma andaluza, como ele. Foram morar em Sorocaba, onde Mário tinha família.

Conversa que eu liderava as maluquices! Mas fazíamos muita bagunça, isso sim. E comíamos demais. A garçonete era a Nancy, uma pretinha muito simpática. A gente passava a conversa nela e comíamos dois bifés cada um.

Quando papai esteve aqui no Rio, ela servindo a mesa: – E essa neguinha sibite? – estranhou o major Bastos, com o preconceito de quem está acostumado no interior do Nordeste com os caboclos submissos, humildes. Ela falava carioca, chiado...

Para alegria e alívio de dona Nair, os três indesejáveis decidiram armar barraca no Flamengo. A mesma alegria não tiveram os donos de nosso novo pouso. Fecharam a pensão. Só nós três não arredamos pé. Cortaram a luz. Nós achamos emocionante viver e estudar à luz de velas.

Dona Nair era gordona, branca, mãe da Nairzinha, casada com seu Villas, espanhol. Foi ela que pediu para a gente sair da pensão, farta com nossas estripulias.

A pensão para onde nós três fomos era no Flamengo, onde morava um colega do Waldemar, acho que chamava Francinetti, era um nome italiano. Ficava na rua Ferreira Viana, pouco depois de onde é hoje o Hotel Florida, a uns cinquenta metros da Praia do Flamengo. Os donos eram mato-grossenses, como o italiano.

Verdade que os donos fecharam a pensão e nós ficamos com a casa. Como a dona do imóvel cortou a luz e não tínhamos pra onde ir, ficamos por lá assim mesmo, até arranjar outro lugar. Conseguimos uma outra

pensão, perto da rua do Catete, onde estava o Ildeu, que depois fez prova comigo para a Aviação Naval.

Eu estudava no curso preparatório Euler, na rua dos Ourives, hoje Miguel Couto. Ainda não havia a avenida Presidente Vargas. Waldemar era 1º. Cabo do Exército, servia no Quartel-General. Estudava no curso preparatório Freycinet, na rua Buenos Aires, para a prova da Escola Militar. Quando passamos nos exames, eu e Ildeu fomos estudar no Galeão, Waldemar e Aldônio foram para a Escola Militar, em Realengo.

Já na Aviação Naval, passávamos os fins de semana numa outra pensão, do outro lado da mesma rua, no Catete, quando saíamos do Galeão. Éramos eu, Ildeu e França.

Waldemar virou cadete da Escola Militar, saía aos domingos para passear mas era interno, porque não tinha família no Rio nem dinheiro para pagar diária extra de pensão.

Terminados os exames, o gaúcho seguiu seu rumo, o baiano foi ser oficial do Exército, o alagoano foi ser oficial da Aeronáutica.

Aquela altura eu e você já sabíamos que iríamos ser irmãos pelo resto de nossas vidas.

3

São João no Sertão

Este ano choveu!

*Hoje é dia de São João
Merece comemoração!
Será uma festa perfeita.*

*– Meninos, vão catar lenha
E não esqueçam os gravetos.
Não prestam os que são verdes
Só servem aqueles bem secos.
Você, filho, vá à caatinga cortar
A mais bonita árvore que achar.
– Mas, minha mãe, cortar uma árvore?
Elas já são tão poucas e magrinhas!...
– Filho, não tenha padecimentos,
Árvore é para São João.
Também me ralo de sentimento,
Mas neste abandonado sertão,
As árvores se sabem condenadas*

*A morrer de sol ou de “queimadas”.
Morrer na fogueira neste dia
É apenas abreviar sua agonia.*

*Na frente da casa, a fogueira,
A árvore no centro plantada.
Em torno de seu magro tronco
A lembrança em quadrados crescia.
A árvore, abnegada, sorria...*

Este ano choveu!

*O verde está que só vendo!
Queira o nosso bom São João
Que continue chovendo.
O milho deu cada espiga!
Vamos ter muita fartura:
Canjica, pamonha, mungunzá,
Um porrão cheio de aluá
E todos os tipos de doçura.*

Este ano choveu!

*Nasce uma festança!
Os fogueteiros, faz meses,
Em seu contínuo martelar
– Tok - tok - totok,
– Tok - tok - totok,
Não param de fabricar
Foguetes, “espadas”, buscapé.
Em suas perigosas oficinas*

*Repetem as mesmas rotinas
Protegidos por sua fé.*

Este ano choveu!

*Vamos, pois, comemorar!
Sentar em redor da fogueira
O milho verde assar.
E no braseiro depois
Sozinhos ou de dois em dois
Fazer um pedido e saltar.
Tirar bilhetes da sorte:
– Moça, um príncipe belo e rico
Vai lhe roubar pra casar.*

Este ano choveu!

*Em torno da fogueira
– As comadres, tagarelando
– Os compadres, bebericando
– A criançada, brincando
– Os moços, se namorando
– A brincadeira de roda, rodando
– Todos de mãos dadas, cantando
– O foguetório, espocando
– A árvore, abnegada, queimando
E, em círculos, a esperança girando!...*

Este ano choveu!

*Tocados pela “branquinha”,
Os mais velhos contam “causos”
De almas penadas, de mal-assombrados.
E de príncipes, princesas, rainhas
Pela bruxa má “encantados”.
Histórias do além-mundo...*

*E todos atentos, escutando
No silêncio mais profundo.*

*As crianças o que agrada
São as histórias da “boa fada”
Que em seu mágico esplendor
“desencantava” encantados
Que a “bruxa má” encantou.*

*De repente começa a “guerra”:
São dois lados em disputa.
Como se fossem cometas
As “espadas” cortam os céus
Com suas caudas de limalha.
Buscapé, fogos, petardo,
Estouram por todo lado.*

*– Crianças, já para dentro!
Fechem portas e janelas.
Mulheres, cuidado, não corram!
Safado, namorador, o buscapé
É doidinho por mulher.*

*Persegue as que lhe têm medo,
Entra por baixo das saias
E queima o nosso segredo.*

*Passada a guerra de fogos,
Com muita gente queimada,
A conversa desanima,
Ninguém mais quer comer nada.
Alguns nem ficam de pé;
O “rabo de galo” fez mais danos
Que a guerra a buscapé.*

*– Crianças, para cama!
Não esqueçam de rezar
Nem de lavar os pés
Antes de se deitar.*

*Agora, só há pouca brasa,
Com as cinzas misturada.
Muitos já foram pra casa
Outros dormem na calçada.*

*– Filho, você parece enfadado.
Todos já foram dormir
Só você está acordado.
- Eu não vou poder dormir.
Mãe, eu estou agonizado...*

*Olhando as cinzas da árvore
Me sinto como culpado.
– Filho, você não tem culpa,
Coisa má você não fez.
Só nos resta esperar
Que de abandono, cansada,
Nossa gente um dia acordar.
Neste dia, a boa fada
Com seu mágico esplendor
Desencantará nosso sertão
Que a bruxa-miséria encantou.*

*Vão se passando os São João...
Também vai passando a vida
E a vida passa correndo.
Lá no sertão nada passa,
As árvores continuam morrendo...
E dentro do peito da gente
Um bichinho corroendo...*

*Este ano choveu!
Será que no próximo choverá?*

4

A Saga de Aprijo

Era um domingo de sol, na feira de peixes. Aprijo olhava deslumbrado os enormes camarões-zebu, que só tem no Maranhão.

Ele chegara há pouco de Carolina, sua cidade natal, às margens do Tocantins. Analfabeto aos vinte anos, sem pai, tinha a cor, o riso e a alegria espontânea de um índio. Aos trancos e barrancos, sem dinheiro, com ajuda e simpatia chegou à capital, São Luís. Ficou ofuscado com as luzes à noite, os ônibus, os automóveis, as pessoas caminhando em todas as direções, parecendo um formigueiro. Não conhecia ninguém.

Foi na feira que conseguiu ganhar os primeiros tostões. Ajudou a descarregar os jegues da carga de farinha, a cana e os sacos de milho dos carros de boi. Arranjou dormida num estábulo de vacas leiteiras, num arrabalde da cidade. Pensou em desistir, pouca

diferença fazia do seu dia a dia em Carolina. Mas o que ele não queria era ouvir: “Avisa a tua mãe que hoje de noite vou lá”.

– Quanto você quer para levar essa compra em minha casa? – perguntou-lhe a madame, sobrecarregada.

– É perto ou longe?

– Dá para ir a pé.

– A senhora paga o que quiser.

– E se eu não quiser pagar nada? – perguntou a senhora, com um sorriso.

– Levo de graça – respondeu prontamente.

Aprijo não poderia imaginar que sua vida mudaria completamente a partir daquele momento. A simpática “madame” não o interrompeu durante a caminhada até sua casa, quando ele começou a falar das saudades de Carolina, das dificuldades que estava passando, do desejo de melhorar de vida.

– Violeta, o que esse capiau tanto fala com você? – estranhou o marido, fardado, que chegava em casa naquele momento para almoçar.

– Acho que só você pode ajudá-lo – esclareceu

calmamente Violeta, começando a colocar as cestas da feira na mesa da cozinha.

– Vamos lá, ô maranhense, o que você pediu à minha mulher? – perguntou o sargento Ubaldo, empinando o queixo, mas com uma entonação que traía a boa vontade em ouvir o “capiáu”.

– Seu tenente... – começou a dizer Aprijo, meio vacilante, e logo interrompido:

– Não sou tenente, sou o primeiro-sargento radiotelegrafista Ubaldo, chefe do Posto-Rádio do CAN – disse com firmeza, referindo-se ao Correio Aéreo Nacional, que desde os anos 1930 era a principal e, muitas vezes, a única forma de comunicação das população do interior com o resto do Brasil.

– Seu sargento, sou de Carolina e vim nem sei como pra São Luís, pensando encontrar aqui um primo da minha mãe e me ajeitar por aqui. Como não sei onde ele mora e conversando com muita gente na feira, bateu na minha ideia ir pru Rio de Janeiro, porque lá sim tenho um irmão da minha mãe que tá bem de vida – disse Aprijo num fôlego só, para não perder a coragem.

– E o que eu tenho com isso? – surpreendeu-se o sargento, com um ar meio divertido, abandonando a cara fechada.

Aprijo não se fez de rogado:

– O senhor que manda muito, podia me deixar por aqui e me arranjar uma viagem no avião do Correio pro Rio de Janeiro.

– Eu mando muito no Posto, no avião quem manda é o oficial que está pilotando.

– Se o senhor manda no Posto, podia me deixar por aqui até o avião passar...

– Como é mesmo o seu nome?

– Aprijo, seu criado.

– Você trabalha de enxada, Aprijo?

– Isso eu sei, sim senhor!

– O avião passa voltando para o Rio de Janeiro toda sexta-feira e hoje é segunda. Como minha mulher pediu que lhe ajudasse, você vai dar uma geral em volta do Posto – olhe que é muito serviço – e eu lhe dou comida e dormida até o dia em que você conseguir embarcar. Está combinado?

– Tá bom demais! Que Deus lhe acompanhe sempre
– foi o sussurro embargado de Aprijo.

O sargento Ubaldo, velho batalhador pela criação da Petrobrás, era rigoroso nas suas obrigações militares mas solidário com o povo pobre. O maranhense de Carolina, sem certidão de nascimento, sem saber ler nem escrever, sem serviço militar, obteria do sargento uma declaração de bons antecedentes que ainda lhe seria muito útil.

Aprijo se desdobrou na capina e remoção de entulhos, deixando toda a área do Posto e as instalações em volta um brilho só. Enquanto trabalhava, tentava descobrir o rastro no céu do avião em que pensava seguir para o Rio de Janeiro, que se tornara a sua terra prometida. Em Carolina, ele se acostumara com alguma movimentação de aviões, porque por lá passavam duas rotas de companhias aéreas comerciais, além dos pequenos aviões do CAN. Mas por São Luís passavam os Douglas que transportavam correspondência e pessoas carentes, precisando de atendimento médico especializado ou outras urgências.

– Pronto, seu sargento, venha ver o meu serviço
– chamou Aprijo depois de uns dias, com indiferente orgulho.

O sargento ficou mesmo surpreso, com a qualidade e rapidez com que Aprijo se desempenhara da tarefa. O próximo avião do CAN passaria em São Luís às nove e meia da manhã do dia seguinte, depois de

pernoitar em Belém do Pará. O sargento se dispôs a interceder junto ao capitão, comandante da aeronave, para permitir o embarque de Aprijo.

Desde as sete da manhã, de banho tomado, lá estava ele, calça azul esbranquiçada pelo tempo, com dois remendos nos joelhos e outro na bunda, camisa branca com riscas azuis, puída nos cotovelos e no colarinho, presente da mulher do sargento. Aprijo já demonstrava alguma intimidade com os praças que serviam no Posto, com quem tomara café naquela manhã, tratando alguns por você, mal disfarçando a ansiedade.

5

Passageiro

– Há algum passageiro para embarcar aqui? – pergunta o capitão ao sargento, assim que abre a porta do avião que acaba de pousar.

– Cinco na lista autorizada pelo CAN e mais um que há uma semana está aqui, aguardando sua chegada para tentar embarcar – informa prontamente o sargento.

– Quem é o praça?

– É um bom sujeito. – E acrescenta: – Durante os quatro dias em que deixei permanecer aqui aguardando o avião, ele deu uma limpeza geral em todo o destacamento.

– Já senti que é seu “peixe” – brinca o capitão. – De onde ele é?

- De Carolina.
- Como chegou até aqui?!
- Só ele e Deus sabem...
- Onde ele está?
- Estou aqui, seu capitão. – E estendendo rapidamente a mão: – Aprijo, seu criado.
- Aprijo não existe, maranhense, seu nome é Aprígio – disse-lhe o capitão, apertando-lhe a mão.
- Até que Aprígio é mesmo mais bonito, mas desde que me entendo só oiço me chamar de Aprijo...
- Mostre-me sua identidade.
- Não tenho isso não sinhô.
- Onde está sua certidão de nascimento?
- Nunca vi falar nisso não sinhô.
- Como é que você quer viajar?
- Ah capitão, com meus pé e agora de avião se o sinhô tiver pena deu.

O capitão coçou a cabeça. Chamou o sargento para conversarem à parte:

– Sargento, como vou levar esse homem para o Rio de Janeiro sem documento nenhum?

– Capitão, eu já conheço a história dele. É filho de pai morto, analfabeto como tantos outros, como o senhor muito bem sabe, mas brasileiro como eu e o senhor. Ele se envergonha da profissão da mãe, apesar de falar dela com carinho. Quer ir para bem longe, diz ter um tio no Rio de Janeiro. Essa fuga de Carolina para ele é tão importante quanto as nossas carreiras na Aeronáutica. Peço ao senhor que leve esse coitado. Eu dei a ele uma declaração de boa conduta, não tem valor legal mas é uma forma de ajudá-lo.

Aprijo aguardava à distância o diálogo do capitão com o sargento, ouvindo tudo com total clareza, habituado que era a aguçar o ouvido para caçar passarinhos, aprendendo a imitar os seus cantos.

– Aprígio! – chamou o capitão.

– Pronto!

– Mostre-me a declaração que o sargento lhe deu.

– Pelo amor de Deus, seu capitão, não rasgue ela! É tudo que tenho, ela, essa camisa que ganhei, essa calça desbotada, os chinelo e três minréis.

– Dê-me a carta – insiste o capitão, num tom firme.

Com os olhos marejados, Aprijo enfia a mão trêmula no bolso da bunda da calça, retira a carta bem dobrada, envolta numa folha de jornal e a entrega ao capitão.

Atesto que Aprígio da Silva, filho de Raimunda da Silva, nascido em Carolina, no estado do Maranhão, analfabeto, inteligente, trabalhador, comportou-se com toda a dignidade e desincumbiu-se satisfatoriamente das tarefas realizadas neste Destacamento da Força Aérea Brasileira...

O capitão leu, releu. Pensou nos milhares de nordestinos analfabetos, sem espaço nas escolas nem no mercado de trabalho. Deu um tempo para escoar a emoção que o tomou. Tirou a caneta do bolso superior da camisa que compunha a farda do sargento e escreveu ali mesmo: “Confirmo as declarações do sargento”. E assinou o nome por extenso, com posto e função. E dirigindo-se ao sargento:

– Dê o embarque ao Aprígio também.

A emoção de Aprijo deve ter superado a do capitão quando concluiu o curso de aviador e recebeu o brevê.

6

O Rico e O Pobre

Quando me tornei tenente me senti rico, ganhava dinheiro. Falava com Waldemar regularmente, ao telefone. Ele se casara pouco depois de começar a carreira militar, com uma moça de nome Luísa, a Zota. Edelena, minha mulher, lembra que eles moravam na rua Paissandu, perto da praia. Depois mudaram para a rua Dom Pedrito, no Leblon. Mais tarde ele serviu na Fábrica de Pólvora do Exército, em Piquete, Minas Gerais, onde o visitei.

Anos depois, quando ele voltou a morar no Rio, eu ganhava quase o dobro do que o Waldemar. Como eu tinha automóvel, buscava a Zota no Hospital do Exército a cada filha que eles tinham. Foram três: Sandra, Ana Luísa, Nádia. Edelena corrige: a Sandra não foi você que buscou...

Veio a guerra, em 1939.

Criaram o Ministério da Aeronáutica. O Brasil tentou se manter neutro no conflito. Mas quando navios mercantes brasileiros foram torpedeados pelos alemães, uma grande campanha nacional promovida pela UNE e pela Liga de Defesa Nacional exigiu a nossa entrada na guerra, ao lado dos Aliados.

O Ministro da Guerra de Getúlio, Eurico Gaspar Dutra, sugeriu a criação de uma força expedicionária. Encabeçando a primeira turma de oficiais designados para estagiar nos Estados Unidos, nos preparativos da tropa, estava o coronel de artilharia Zeno Estilac Leal, irmão do general que teria um papel decisivo no segundo governo Vargas.

A aproximação com os Estados Unidos formalizou-se em fevereiro de 1943, quando Getúlio e Roosevelt se reuniram em Natal, no Rio Grande do Norte. O presidente norte-americano chegou num grande navio de guerra. O apoio brasileiro à aviação norte-americana na guerra custaria a construção das bases de Belém (Valdecans), São Luís do Maranhão, Fortaleza, Natal, Recife e Salvador.

Getúlio Vargas formou um grupo para controlar a construção, paga através da empresa americana Pan American. Era como se fossem aeroportos da Pan Am sob controle brasileiro.

Em Recife foi feito um campo de concentração, cercado de arame farpado, para colocar os prisioneiros de submarinos e navios alemães, no Ibura. Era o nome do antigo engenho onde foi construído o aeroporto internacional, que passou a se chamar Guararapes depois da guerra, em 1948.

No pacote negociado com o presidente Roosevelt, Getúlio condicionou a ajuda na guerra à transferência de tecnologia para a construção da Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda.

Finalmente em junho de 1943 embarcou para a Itália o primeiro escalão da FEB, a Força Expedicionária Brasileira. Até fevereiro de 1945 seriam vinte e cinco mil homens embarcados, sendo algumas centenas da Força Aérea Brasileira, do Grupo de Aviação de Caça, comandado pelo Ten.-Cel.-Av. Nero Moura. À frente da FEB, o general, futuro marechal, Mascarenhas de Moraes.

Entre os soldados brasileiros na Itália, estava o primeiro-tenente Waldemar Dantas Borges. Ele seria um dos 300 signatários do manifesto de apoio à Liga de Defesa Nacional, elaborado na Itália em abril de 1945. Enquanto isso, eu participaria de operações de patrulha da costa brasileira, para evitar a aproximação de submarinos alemães.

Waldemar já se identificava com a plataforma democrática de amplos setores militares. Na verdade, desde a modernização do parque industrial brasileiro, nos anos 1930, o eixo de influência franco-germânico se deslocara para os Estados Unidos, que pretendiam enquadrar o Brasil como fornecedor fiel de matérias primas estratégicas e tornar o Nordeste brasileiro a ponta de lança para o controle do Atlântico Sul. Mas essa contradição com o ideário nacionalista só se aguçaria no pós-guerra, particularmente com a campanha, no Brasil, do “Petróleo é Nosso”, em que eu e Waldemar participaríamos ativamente.

Naquele momento, a luta era contra o nazi-fascismo. Em termos militares, as tropas brasileiras deveriam contribuir para barrar o deslocamento alemão para a França, onde já se planejava a ofensiva final aliada.

...Aqui, no campo de batalha italiano, combatem jovens procedentes de todos os pontos cardeais do Brasil, do norte, centro e sul. Combatem ombro a ombro católicos, protestantes e judeus, brancos e negros, jovens das mais diversas classes e concepções políticas, todos constituindo, em face do perigo e da morte, um símbolo vivo de União Nacional contra os bandos armados de Hitler!

...Nós, soldados do Brasil, temos consciência da missão que aqui desempenhamos e nenhuma dúvida paira em nosso espírito sobre as nossas responsabilidades nesta guerra e

diante dos problemas internacionais de uma paz justa e duradoura. As tarefas patrióticas que a L.D.N. [Liga de Defesa Nacional] vem realizando no Brasil, encerram, pois, o verdadeiro sentido da luta da Força Expedicionária, luta que não terá termo antes que as hordas saqueadoras e escravagistas do nazismo baqueiem para sempre, esmagadas pelas forças vitoriosas das Nações amantes da Liberdade e da Democracia!

Morreram 454 soldados brasileiros na Itália. Seus restos só vieram para o Brasil muitos anos depois, quando se construiu o Monumento aos Pracinhas, no Aterro do Flamengo. Apesar do risco de morte que correu ao instalar os equipamentos de comunicação na frente de batalha, Waldemar voltou da guerra e entrou para o IME, o Instituto Militar de Engenharia. Ele participaria mais tarde da construção da refinaria de Cubatão.

Ex-Combatente

*Por todos os caminhos da Pátria
Jovens de todos os recantos recrutados
Remoendo incertezas caminham
para os quartéis.*

*Aprendem a odiar e a matar jovens
de outras Pátrias
Como eles, ensinados a odiar e a matar
outros
Jovens sem entender a razão.*

Guerra!

*Por todos os caminhos da Pátria,
Com suas medalhas inúteis e glória fugaz,
Jovens desajustados, meurotizados,
envelhecidos,
Voltam aos seus recantos e morrem
esquecidos.*

7

Rocinha, Terra Prometida

Nos anos 1950, quando Aprijo chega ao Rio de Janeiro, o principal reduto dos nordestinos era a favela da Rocinha, entre os bairros da Gávea e São Conrado, na encosta do Morro Dois Irmãos. Antiga fazenda de café depois ocupada por imigrantes portugueses e espanhóis, a maior favela da cidade já naquela época ganhou o nome pelas pequenas roças que forneciam verduras aos bairros vizinhos. A construção de parques proletários não deu solução de moradia aos enormes contingentes que chegavam do Nordeste, fugindo da seca e da miséria. A Rocinha foi crescendo, o que seria acentuado nos anos seguintes, quando a construção dos túneis Rebouças e Dois Irmãos ainda atraiu mais gente para o local. O cenário das favelas já se incorporava à cidade, solução de moradia para os pobres, representando àquela altura cerca de sete por cento da população.

Depois de pernoitar no alojamento dos praças no Recife, Aprijo ficou doze dias aquartelado junto com os praças no Rio de Janeiro, até localizar o tio, birosqueiro na Rocinha. O encontro foi frio mas Aprijo não estranhou, jamais conhecera o calor do carinho. O tio fez um verdadeiro interrogatório: tem documentação? Tenho isso aqui, e mostrou a declaração do capitão, endossando a do sargento. Sabe ler e escrever? Não. Conhece dinheiro e sabe fazer troco? Ah, isso sei. Olhe, meu filho, disse-lhe o tio: aqui no Rio de Janeiro o mais besta que existe conser-ta relógio debaixo d'água. Não ter documento até que é uma boa. Assim a polícia não tem pista. Mas para trabalhar preciso de documento, foi o que me disseram lá no quartel. Bem, vamos dar um jeito. Tem um dono de cartório que é nosso freguês, ele pode muito bem quebrar esse galho. O que é cartório, pergunta Aprijo. É o lugar que registra nascimento, faz casamento, faz muita coisa. Ele vem aqui tomar sua cachacinha? Mais ou menos. Olha aqui, Aprijo, vou lhe dar um conselho: no morro ninguém vê, ninguém ouve, ninguém fala sobre os outros, só dentro de casa. Desobedecer a essa regra, morre. Morre por quê, pergunta o sobrinho meio assustado. Bem, vamos mudar de conversa. Como o povo de lá tão? Tá tudo pobre. Até parece que tem caveira de burro enterrada por lá. Minha irmã continua com a freguesia dela, pergunta o tio. Acho que foi isso que me fez sair de lá. Deixando de banda uma tia, não

tenho mais ninguém que me interesse em Carolina. Tinha o banho no Tocantins, a caçada no cerrado, a pescaria, mas isso foi na minha vida de menino.

O tio fala de suas dificuldades. Batia a cabeça em tudo que é lugar e terminei me ajeitando nesse morro onde devagarinho montei essa birosca. Hoje em dia vivo mais de outros negócios do que dela. Você tá chegando, veio por sua conta, não me perguntou nada. Eu como seu parente me sinto na obrigação de lhe mostrar o caminho do trabalho. Olhe, meu sobrinho, aqui quem não sabe ler nem escrever, como vai anotar um recado por telefone, um endereço, o pedido de um freguês? Vem muita gente lá debaixo, até mesmo de carro, pegar encomenda aqui na birosca. Enquanto falava o tio ia guardando as coisas para fechar a birosca. Você vai ficar aqui com a gente até se ajeitar por sua conta. Minha mulher trabalha na Casa Comunitária do morro. Na casa o quê? Casa Comunitária, é onde o pessoal vai buscar ajuda. Você, meu sobrinho, vai trabalhar comigo. Vai ficar no balcão, vendendo cachaça, cigarro, tira-gosto. Trate de conferir bem o dinheiro, principalmente o troco. Quando tiver conhecido e se acostumar bem, pode fazer outras coisas que não precisam de muita leitura. Você já ouviu falar em contravenção e movimento, perguntou o tio de repente, já com a porta fechada e olhando bem para a cara de Aprijo. Não sinhô. Pois preste muita atenção no que eu vou

lhe dizer. Aprenda e se faça de esquecido na mesma hora. A contravenção é o jogo do bicho, que tem dono e emprega muita gente. Não se pode fazer nada perto de pontos de bicho, é a lei. E tem o varejo de venda de drogas, a boca de fumo. A nossa aqui ainda é pé-de-chinelo, perto do movimento dos bacanas. Mas sustenta muita gente, tem olheiro, gerente, território muito disputado. Mijou fora do penico vai pru buraco. É isso que posso lhe oferecer. Vamos pra casa jantar.

Nessa época as bocas de fumo nas favelas e conjuntos habitacionais do Rio de Janeiro ainda eram pequenas, frequentadas pelos malandros e marginais, mas já conhecidas como “movimento”. O fumo era a maconha, o “preto” como se diz hoje, coisa “chulé”, “sandália-de-couro-velha”. O “branco”, a cocaína, chegou a ser vendida livremente nas farmácias, principalmente da zona sul da cidade, desembarcada em pesados sacos de lona, em forma de pasta, pelos que viriam a constituir a “máfia espanhola” do submundo carioca. A maconha só conquistaria a classe média na década seguinte, com o movimento hippie. Na Lapa, na Zona do Mangue, nos arredores do Porto, o que se consumia era mesmo cachaça, pau-pereira, rabo-de-galo.

Enquanto na Praça Mauá quem mandava era o contrabandista Zica, que abastecia a rede moambeira com tecidos de qualidade, bebidas, relógios, os banqueiros

do jogo do bicho tinham o verdadeiro poder de fogo, discretamente dividindo a cidade em territórios, ferrenhamente disputados. É incontável o número de vítimas dos pistoleiros a soldo da contravenção entre os banqueiros rivais, a polícia ou grupos de traficantes que “sujaram” algum território. Só nos anos 1980 a cúpula do bicho estabeleceria uma aliança estável, com um braço legal na Liga das Escolas de Samba, e a extensão da rede de atividades para todo o país. Na folha de pagamentos, a antiga “galinha” – propina – dos delegados de polícia se multiplicou para políticos, juízes, jornalistas. Nos anos 1970 os assaltos a banco e residências foram dando lugar ao tráfico de drogas, reforçando o envolvimento de policiais que atuavam na repressão. Já não teria vez a famosa frase do assaltante Lúcio Flavio Villar Lório: Bandido é bandido, polícia é polícia.

A cabeça de Aprijo fervilhava. Saíra de Carolina para se afastar da mãe prostituta, dona de um puteiro vagabundo, da falta de instrução, da falta de dinheiro, em busca de um trabalho decente. Em São Luís do Maranhão teve sorte ao encontrar o sargento e o capitão da FAB, que o apoiaram mesmo sem conhecê-lo direito. O tio o recebera bem, mas a sua cabeça não conseguia entender tudo que estava acontecendo, muito rápido. A casa era perto, logo Aprijo estava diante da mulher do tio e dos primos, aparência pobre na roupa e timidez ao falar. Causou admiração a força de vontade e decisão de Aprijo ao largar

Carolina pelo Rio de Janeiro. Mas era mais uma boca para comer, mais roupa para lavar na tina, mais um para dormir no quarto apertado com os primos. Mais velho e analfabeto, Aprijo queria impressionar com histórias sobre mulheres, caçadas, banhos de rio. Será que vai dar certo, pensou a tia. A sorte estava lançada, matricular-se numa escola pública, nem pensar. Papagaio velho não aprende a falar. Assim pensou o tio e decidiu o que fazer com Aprijo. Que diabo, sou tio dele e vou ajudar do jeito que posso. Moradia, comida, trabalho pago e pronto. Depois, não tem do que se queixar. Ficou lá em Carolina largado na rua pela mãe, que nem na escola se interessou em botar ele quando era pequeno, não vai ser eu agora, ele um homem feito, que vou me preocupar com isso. Olhe Rita, vou meter ele no trabalho de balcão e de rua, mais de rua, mesmo arriscado. Você que tá comigo há mais de quinze anos sabe das dificuldades que passamos. E aqui pra nós, esse serviço de entrega da boca não rende quase nada. Verdade que ninguém pega a erva e volta avexado lá pra baixo, tem sempre um cigarro, um peixe frito, um gole de cachaça. O tio foi dormir, satisfeito com a chance de ter um ajudante de confiança, afinal, seu sobrinho. Mas preciso ter cuidado para ele não se assombrar, lembrou o velho maranhense, lá se tem medo até de assombração.

Retorno

*“Vou-me embora
Vou-me embora
Porque já disse que vou
Aqui eu não sou querido
Mas na minha terra eu sou”.*
(Cancioneiro popular nordestino)

*Lá cantam os passarinhos
Nos cajueiros em flor
- Vou-me embora vou-me embora
Porque já disse que vou-*

*Lá terei da minha gente
Da amizade o calor
- Aqui eu não sou querido
Mas na minha terra eu sou-*

Lá tem festas de igreja

*Tem procissão do Senhor
- Vou-me embora vou-me embora
Porque já disse que vou-
Aqui gastei meus carinhos
Não encontrei o amor
- Aqui eu não sou querido
Mas na minha terra eu sou-*

*Vou poder sorrir de novo
Esquecer o que foi dor
- Vou-me embora vou-me embora
Porque já disse que vou-*

*Vou passear na retreta
De braços com um novo amor
- Aqui eu não sou querido
Mas na minha terra eu sou-*

8

A Biroasca

- Sei não, seu Luí, se é negócio nós vim lá do nosso lugá pru meio desse furdunço todo. A língua que se fala aqui é ôta. Tem hora que fico um tempão só escutando o que se fala os daqui e num entendo nada. Parece que tamo nas estranja. Tenho uma saudade da gota serena lá do meu sertão das Alagoa, nós mer-mo pobre pára debaixo dum cajuro e chupa caju, em quarqué beira de riacho tem um pé de melancia. Mé de abeia de fulô de mandacaru logo nas primeira chuva cum farinha é a mió cumida do mundo.

- Seu Agostinho, vamos parar com essa conversa porque a saudade tá crescendo e nós temos de aguentar a vida por aqui mesmo onde tem o dinheiro e é mais fácil de ganhar do que lá.

- Ah... isso é verdade, seu Luí, a saudade entristece mas se nós oiá bem, a gente aqui nesse mundo de meu Deus só se alembra do que tem de bom por lá.

Cadê que nós fala da seca, da falta de trabalho alugado, da fuloração dos pé de fruta que não vinga, das galinha sem um caroço de mio pra comê... é purisso que a gente vem pra cá cuá ideia de vortá um dia e o tempo vai passando e o dia de São Nunca cadê que chega? Nós vai morrendo é puraqui mermo. Seu caso, seu Luí, é diferente. O sinhô já conhecia esse negócio de branquinha e peixe frito. Tem um movimento danado até de gente com automove. Mais uns três ano o sinhô tá rico com a ajuda de Deus.

- Sei não, seu Agostinho, mas conversar com o senhor já é meio caminho andado. Tou até pensando de aumentar e melhorar meu negócio agora que tenho meu sobrinho pra me ajudar. Ele ainda anda meio assustado mas é assim mesmo no começo. Quando tiver habituado vou soltar ele por aí pra aumentar a freguesia.

Seu Luiz não podia se queixar do sobrinho. Em pouco tempo Aprijo aprendeu a reconhecer números, mais pela prática do que na escola noturna ao pé do morro. Não demorou muito a aprender a assinar o nome e anotar endereços. O tio não explicava muito mas o contato com a freguesia foi lhe ensinando a discricão. O tio arriscou mandá-lo até a praça Mauá, buscar mercadoria nova chegada da Argentina, para o carnaval.

Pra Carolina não volto mais, decidi Aprijo. No Rio de Janeiro não sou ninguém, só devo explicação a meu tio e é ele que me colocou nesse caminho, que me ampara. Vou juntar um bocado de dinheiro, mudo de lugar, compro um registro de nascimento, guardo a declaração do capitão, começo com uma birosca, pulo prum botequim, mais adiante um restaurante e aí tou feito. Caso, crio família, boto todo mundo na escola. A cabeça de Aprijo ia longe mas empacava numa encruzilhada. Para juntar dinheiro em pouco tempo teria que se envolver cada vez mais com as vendas e entregas ilegais.

Isso aqui é que nem botar carne pra onça, garantia o tio Luiz. No dia que você vai lá na hora que ela tá com fome, sem levar a carne do costume, ela te pega e no barato você fica sem um braço. Você já tem muita gente conhecida que começa a querer saber o que você tanto faz na rua. Não adianta inventar que foi fazer isso ou aquilo. Todo mundo aqui anda sempre com a pulga atrás da orelha, já pensei muito em me mudar daqui pra outro lugar e ficar só vendendo cachaça e peixe frito. Mas quem disse que posso. Não roubo, não mato, não levanto falso contra ninguém, até que ajudo quem me pede, quando em vez vou à missa. Deus tá vendo. Só não faço é me confessar porque na Virgem Maria eu acredito mas no padre não. Ele é que nem eu. Tem lá suas coisas que não pode falar.

Ateu

*Deus foi morto
 Quando eu tinha 11 anos.
 Eram oito horas da noite!
 Quem o matou foi o padre Firmino
 Da igreja de Santa Ana do Buquim.
 Minha confissão!...
 Não tivesse confessado a parada
 Naquela igreja protestante
 Até hoje
 Deus estaria vivo.*

Momentos difíceis para o birosqueiro Luiz. Nesse mundo de Deus misturado de doutor, polícia, traficante, viciado, gente pobre e gente rica. E não boto a mão no dinheiro grosso, preciso dar um jeito nisso. Até a polícia sabia que seu Luiz era peixe pequeno, nem conhecia o Home. Mas a idade estava avançando, o tempo passando, ele com a responsabilidade de distribuir uns dez quilos por mês com muito risco... vou peitar o Tagarela.

9

A Teia de Aranha

Quem dá o que tem a pedir vem. De grão em grão a galinha enche o papo. Quem fala o que não deve ouve o que não quer. Deus ajuda a quem cedo madruga.

Tagarela, tou mais acuado do que tatu no buraco com cinco cachorros do lado de fora latindo e cavando. O quê que houve seu Luiz? Um detetive que de vez em quando molha a palavra aqui na birosca me perguntou onde eu estava guardando o dinheirão que recebia de você. Isso pra mim já é um aviso que vem trovoada por aí. Pra correr esse risco, pagar meu sobrinho e ter como pagar o advogado quando der zebra, mesmo com cinco por cento do movimento mal cobre as despesas com transporte e um ou outro olheiro e já tou no mato sem cachorro.

Tagarela era só o intermediário. O fornecedor da droga, o atacadista, era conhecido como matuto. Era

o Home. Luiz arriscou alto. A sorte é que o Home gostou, a ambição era importante na ampliação dos negócios. Ainda não era a vez da cocaína. Mas o lança-perfume e o cheirinho-da-loló já se espalhavam do carnaval para as festas da gente rica. O melhor era o “Rodo Metálico”, que vinha numa bisnaga metálica, e era caro. A margem de lucro aumentava para o traficante.

O Home mandou dizer que tá fechado os cinco por cento, seu Luiz, e que dentro de uns trinta dias a sua entrega vai dobrar. Luiz ficou radiante e aumentou o salário de Aprijo. Tagarela não era da confiança total do dono do morro, mas o medo de morrer o tornara um cumpridor fiel das determinações do chefe. Conhecedor da frieza do Home, fez uma série de recomendações a seu Luiz para que não caísse em armadilha.

A birosca foi ampliada. Agora tinha até mesinha desmontável para clientes. Uma garçonete de saia curta e decote generoso ajudou a ampliar a freguesia, o que também encobria o aumento do movimento da outra clientela. Logo na primeira semana emendou um feriadão, quase triplicando a procura da erva. Tagarela cansou de tanto subir e descer o morro. No final do dia reclamou com seu Luiz que o pagamento não estava compensando. Mas não podia largar o trabalho.

Aqui tudo é de boca. Não tem carteira assinada, não tem nome para não dar sopa à polícia. Melhor é fechar o olho, procurar a proteção do Home e ir em frente. Seu Luiz avançou o sinal e perguntou o nome do chefão. Ah não sei não sinhô, nem quero saber. Até o meu nome já esqueci. Tagarela pra lá, Tagarela pra cá. Numa caixa no meu barraco tenho escondida minha certidão. Só a mulé sabe dela pra quando eu morrer. Isso aqui é muito arriscado mas não tem desemprego. Entrou não sai mais. Acho que aprenderam com as formiga. O senhor já ouviu dizer que formiga se aposenta ou troca de formigueiro?

Como numa teia de aranha, quanto mais se mexia mais se enrolava. Não tinha saída, só podia seguir em frente. Seu Luiz teve medo. Pensou em mandar a mulher e o filho pequeno para longe, Aprijo poderia ajudá-lo. Violeta abespinhou-se: você quer me trocar por alguma puta, seu safado. Não, mulé, não atazane mais a minha cabeça.

Ato de Fé

*Para conservar meu otimismo
Espano minhas perplexidades todas as manhãs.
Para que meus sonhos continuem vivos,
Eu os re-sonho todas as noites.
Para que minha crença nas pessoas não esmoreça,
Esqueço suas fraquezas e ofensas mesquinhas.*

*Para que minha alegria não entristeça,
Canto a beleza do mundo e o milagre da vida.
Para não perder minha fé agnóstica,
Rezo à natureza minha reza pagã.*

Não, seu Luiz não estava pessimista. Assustado, sim. Perdera o direito de decisão sobre seus próprios desígnios. Seu comprometimento com o mundo sujo da droga agravado, agora, pela introdução vagarosa e arriscada do sobrinho. Não tinha como recuar, desistir, nem até mesmo, como pensou numa madrugada de insônia causada pelo medo, revelar tudo que sabia à polícia. Impossível fazer isso, foi a primeira reação, temendo perder a vida. Levantou-se, foi à cozinha beber uma caneca d'água tirada do pote de barro. A mulher acordou, o que tu foi fazer na cozinha? Fui matar a sede, respondeu secamente. Deitou, começou a pensar, tomou uma decisão.

Não teve pressa. O feriadão passou, o movimento foi muito grande, o percentual acertado de cinco por cento fez o olho crescer. Não dá para começar tudo de novo, muita responsabilidade com a família. Todo dia tenho conta pra pagar, ninguém quer saber se tenho ou não dinheiro, quer

é receber. Se há uma coisa de que me orgulho é a confiança que o povo tem em mim, se é pra seu Luiz pode levar que o homem paga, é certo. Deu tempo ao tempo.

*Em suas águas curo minhas feridas
meu cansaço
e continuo o caminhar.*

*Ave de arribação procuro um clima
uma estação uma asa um ninho.
Quero parar quero pensar
Quero o fim deste caminho.
Minha cabeça arrasta o corpo: Andar!
Ora em círculos ora em retas continuo
o meu caminho
Caminho longo de nunca acabar...*

11

O Preguiçoso

Os dois homens discutiam no balcão da birosca:

– Quem canta é dona Josefa de Jesus, de Buquim!

– Não, não, conheço é da boca de dona Maria Maurara, tá certo que é de Buquim... – Ora, home, dá no mermo! – Num dá nada, quer vê? – Mas é tudo de marido preguiçoso, homem de Deus teimoso que só jegue, muda só um verso ou outro. Oxente...

– Marido, se alevante, deixe de ser preguiçoso, o homem que não trabalha não pode comer gostoso. – Trabalhar é coisa boa, não é minha velha, pegar na foice é estrouvo. Adeus, saudade... – Marido, se alevante, vá matar um jacu, pedaço maior é dos meninos e o pequeno é pra tu.– O jacu é carne boa, não é minha velha, na espécie de um urubu. Adeus, saudade...

– Num tô dizendo, o jacu é só adispôs, e inda pru riba o pedaço pequeno é dos menino, o mais grande do

marido... – Deixe o homem cantar, seu Noberto!

– Marido, se alevante, seu pai mandou chamar. Partido de arroz tá maduro e está fácil de ganhar. – Trabalhar é coisa boa, não é minha velha, o diabo é quem vai lá. Adeus, saudade... – Marido, se alevante, vá matar uma sariema, nós come a carne toda, faz a bassoura das penas. – Quem me dera isso agora, não é minha velha, no braço de uma morena. Adeus, saudade... – Marido, se alevante, vá matar um zabelê, pedaço pequeno é dos meninos e o maior é pra você. – Zabelê é carne boa, não é minha velha, é danada pra correr. Adeus, saudade... – Marido, se alevante, vá na casa do caxeirinho comprar um metro de pano pra vestir nosso filhinho. – Aí tem um colchão velho, não é minha velha, faz uma calça pra mim. Adeus, saudade...

– É agora que a mulé se afuleima! – antegoza seu Noberto, o sorriso escondido pelo bigode. – Chchchchchch!!!!

– O que aconteceu?

– Sujeito infeliz, não tem mais o que dizer, tomara que o trem te pegue pros urubus te comer. – A fazenda Rio Branco, não é minha velha, fica aí pra tu vender! Adeus, saudade...

– Pois faltou, né não cumpade? A do mocó...

– Marido, tu te alevanta, vai nas casa de tua avó, buscar uma lazarina para matar um mocó... – Surucucu tá na rodia, não é minha velha, pegar no pé é pior. Adeus, saudade...

– Tá certo, cumpadre, mas quem sabe tudo mermo é seu Jackson da Silva Lima, o homem do folclore no Sergipe!

12

Furando A Laje

Plantaram uma laje em cima das nossas cabeças para a gente crescer para baixo, dizia meu amigo Darcy Ribeiro, referindo-se ao drama do povo brasileiro. Foi difícil furar essa laje. Ele deu algumas marretadas procurando furá-la e conseguiu. Mas a grande maioria acredita que o céu é um teto por cima de nossas cabeças e talvez por isso tenha medo dessa tentativa.

Só tem a presa na mão quem vai à caça. Ele foi. Primeiro com a vontade, ajudado pela cabeça, com um pouco de sofrimento no coração. A pertinácia, a convicção de que sofrimento é ingrediente insubstituível nas conquistas almeçadas, tudo foi ficando para trás até, finalmente, atingir o ponto de chegada previamente estabelecido.

Não me Comprometa

*Escuto com desconforto
Quem se diz estar seguro
Do presente e do futuro.
A certeza é sua linha
Vale a dele não a minha.*

*Eu só de dúvidas feito
Nunca sei quem faz melhor
Se minha cabeça ou meu peito.
Sem passado, sem futuro,
Me debato no escuro
Sem saber pra que fui feito.*

*Instável nos sentimentos
Misturo sem perceber
Choro riso ódio amor.
Até mesmo no meu time
Torço contra e a favor.*

*Não sei quem é o mais forte
O medo ou o destemor,
O covarde ou o valente,
O escravo ou o senhor.
Quem só falou a verdade
Ou quem nunca verdade falou.*

*Contudo, não perco o alento.
Neste mundo atormentado
De bomba K e robô.
Aproveito o meu momento
A todo o pano e vapor.
E aviso a quem não sabe:
- Eu quero ficar de fora,
Não tenho a menor vontade
De apressar a minha hora!*

Antes da metade do século passado a comunicação era via telegráfica e só para as cidades com trilho de ferro. Automóvel praticamente só nas capitais e vindo dos Estados Unidos. Rádio, tinha-se notícia que existia. Televisão nem pensar. Computador era mistério divino. Avião também começava a engatinhar. Sem esses elementos o mundo era um quintal. O que não se vê é porque não existe.

Não acredito em milagre. Pelo menos para mim nunca aconteceu. Encher a cabeça de informações de toda natureza, estudar, selecionar objetivos e persegui-los com persistência, aí está o segredo do sucesso se não houver acidentes de percurso. Não é fácil mas esse é o único caminho para os que não dispõem de tapetes vermelhos à sua frente.

– Tagarela, tu tem tempo pra uma conversa comprida ou tá com pressa?

– Nesse momento tou com pressa, tenho que ir a mais dois pontos prestar conta ao patrão. Amanhã a maré tá mansa e aí nós pode conversar.

– Tá fechado. Amanhã por volta das dez da manhã eu passo aqui.

A garantia do emprego e da vida do Tagarela era a fidelidade canina ao patrão, que ele mesmo não conhecia. Ao prestar contas no final da tarde, o Tagarela conversou sobre o desejo do Luiz. O que ele quer mais? Os cinco por cento não chega? Não sei ainda o que ele vai falar, escute tudo direitinho e não se esqueça que o ipicilone do problema tá com o Chefão. Sei disso sinsinhô e por isso marquei pra amanhã. Depois de ouvir toda a conversa, peça dois dias para a resposta.

Seu Luiz conhecia as leis do movimento, naturalmente não queria propor novidade, mas fazer uma sondagem para saber até onde o Tagarela tinha espaço para manipular valores ou quantidade de mercadorias. O Tagarela estava satisfeito com seu trabalho, mesmo sem carteira assinada. Sempre tinha trabalhado de biscate e agora ganhava muito melhor. Nem endereço certo ele tinha.

No dia seguinte, devidamente instruído, Tagarela senta-se com seu Luiz lá num canto da birosca com pouca luz, devido ao sombreado da frondosa jaqueira que bloqueava o sol na parte da manhã.

Cuidadosamente seu Luiz coloca sobre a mesa duas doses de cachaça cearense Ypioca em dois copos de vidro pequenos, aproveitados da massa de tomate utilizada na cozinha. Num gesto de cordialidade, ergue o copo às nossas boas qualidades e entorna a dose goela abaixo de uma só vez, no que é acompanhado pelo Tagarela. Fortalecidos pela Ypioca, seu Luiz faz uma grande volta para entrar no verdadeiro assunto: aumentar a sua participação de cinco para sete por cento do valor das entregas. A família tá crescendo, o ramo de atividade é muito arriscado e assim pelo menos a viúva fica em boas condições para cuidar dos filhos. Seu Luiz elogia o sobrinho e abre perspectivas de fazê-lo seu substituto. Mais uma dosezinha de Ypioca com sardinhas, pequeninas, fritas – o que demonstrava pesca irregular fora de época, sem respeitar o defeso – motivou Tagarela a elogiar a qualidade da cachaça e do tira-gosto.

Tagarela, o que nós pode fazer para melhorar a nossa comissão sem prejudicar o chefão. Seu Luiz, se soubesse responder essa pergunta eu já tinha enricado. Pois olhe, Tagarela, se tu quiser fazer uma sociedade comigo, com aprovação do chefe, acho que vai dar

certo. Seu Luiz, que sociedade pode haver entre dois canela-quebrada? É muito fácil. Como? Tome nota como é: se há freguesia que não discute preço é a “cheirosa”. Fazer empréstimo e não pagar, assaltar, matar parente endinheirado, tudo vale para comprar por qualquer preço a droga. Você, Tagarela, sabe disso mais do que eu, que só tenho uns cinco ano de experiência e tu praticamente foi criado nesse meio. Não quero nada escondido. Vamos dar um jeito de ter um dinheiro na mão ou então um prazo de oito dias para pagar a partida e vamos aumentar o preço da mercadoria. Para evitar choradeira e complicação com a polícia vamos dividir a freguesia que sempre pagou na hora sem chiar e a que pede prazo ou acha caro. Se tudo ficar acertado nós já pode começar dentro de duas ou três semanas. Tu fala lá e eu cá acerto tudo com meu sobrinho. Boto minha mulé à frente da birosca, posso até botar mais uma garçone-te caprichada que enrole a freguesia enquanto espera a mercadoria.

Tagarela ouviu, e de repente pediu mais uma cachacinha. Seu Luiz, vim pra cá desconfiado porque esse tipo de negócio que tamos metido escorregou, morreu. Mas cá no meu juízo acho que é uma proposta honesta, aumenta a vendagem da mercadoria, o movimento da birosca vai crescer e com um aumentozinho no preço da trouxinha ninguém reclama e pra nós o lucro vai ser bom. Comprar como o senhor tá

falando lá fora é comprar no atacado. Por um lado é bom mas por outro, a responsabilidade pela qualidade da mercadoria fica com nós mesmos. E pelo que tenho visto a gente pode engrossar ela um pouquinho. Tagarela, você ficou animado com a minha ideia... Quando me dá a resposta do Home? Hoje é quinta-feira... o mais tardar na próxima terça-feira. Nancy, traz dois trago bom pra seu Tagarela e eu.

Beberam as cachaças, contentes se despediram com um apertado abraço e um balbuciar no ouvido do Tagarela: se Deus e a Virgem Maria nos ajudar, sem prejudicar ninguém, nós vamos enricar. Que a Virgem Maria mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo nos acompanhe, disse Tagarela, sonhando com um futuro tranquilo.

13

Carro de Boi

I

*Oi... Oi... Oi...
Vai seguindo o carro de boi.
Uma junta, duas juntas, até mais.
Equilibrado no carro com sua vara de ferrão
Geme o carreiro os seus ais...*

*Oi pente fino
Oi penteado
Oi ouro fino
Oi prateado.*

*Segue o carro cantando sons tirados
De eixo e rodas afinados.*

*“Boi tem força no cangote
Cavalo no espinhaço*

*Mulher na ponta da língua
Homem no punho do braço
Caranguejo na puã
Burro no queixo de baixo.”*

*Oi... Oi... Oi...
Vai seguindo o carro de boi...*

*Quando crescer
Quero ser carreiro de carro de boi!*

II

*Oh!
Lá vem vindo o caminhão!
No volante um semi-deus orgulhoso
Confiante na direção.
Por estradas e trilhas cruas
Pelas descalçadas ruas
Despertando admiração!*

*Quando crescer
Quero ser chofer de caminhão!*

III

*Ah!
Lá vem voando o avião!
Pássaro pesado majestoso
No manche um deus poderoso
Desafiando a amplidão!*

*Quando crescer
Quero ser piloto de avião!*

IV

*Cresci.
Segui pela contramão.
Fui até soldado guerreiro
Mas não cheguei a ser carreiro
Nem chofer nem piloto de avião.
Meu pensamento se solta...
Do fundo do coração
Eu faria a viagem de volta
Pegava minha vara de ferrão
Trepava no meu carro de boi
Fa errar pelas estradas
Dormir debaixo da lua
E cantar pra minha amada*

*“Quem quer bem dorme na rua
Na porta so seu amor
Do sereno faz a cama
Das estrelas cobertor”*

*Oi... Oi... Oi...
Vai seguindo meu carro de boi...*

14

Direto com o Matuto

Foram cinco dias intermináveis para seu Luiz. Fundia a sua cuca a dúvida sobre a interpretação do Chefão. Pensou seu Luiz: tou fazendo jogo limpo, não tou tomando freguesia, continuo dependendo dele para comprar a mercadoria, falei direto, não mandei recado. Só posso receber uma boa resposta. Foi boa e antecipada. Logo na segunda-feira, quando a birosca abriu às oito horas, o Tagarela chegou, acompanhado de pessoa discreta, calça azul bastante usada, camisa da mesma cor de mangas curtas, tênis sem meia, com boné de embarcaçõ. Tomaram assento na mesinha mais afastada da porta, pediram um guaraná e perguntaram à garçonete pelo seu Luiz. Daí a pouco ele aparece, se dirige à caixa, abrindo-a para ver se havia entrado algum dinheiro. Ao passar um olhar pelas mesas, surpreende-se com a presença do Tagarela acompanhado de outro cidadão. Para demonstrar intimidade e descontração vai até a mesa, pede licença, senta-se, cumprimenta cordialmente o estranho e em seguida abraça o Tagarela.

O senhor, seu Luiz, é um bom comerciante, sabe cativar os freguês. O Tagarela tá com a razão. Seu Luiz, esse é o homem que vai lhe dar a resposta. Muito prazer, aqui não se precisa de nome. Nosso negócio é feito de boca mas vale mais do que contrato em cartório. Aqui ninguém engana ninguém. O senhor, seu Luiz, é um elemento que tem se conduzido bem há bastante tempo no nosso comércio. O Tagarela até aqui tem sido da nossa confiança. Do jeito que o senhor recebe a mercadoria pra vinte ou trinta freguês, nós recebemo pra uma área grande onde temo responsável pela entrega e também pelo recebimento do dinheiro. Só trabalhamos com gente séria na vendagem. Só compra quem tem dinheiro. Dez trouxinha já fica beirando dois salário. Nós, os comerciante cá de cima, não cheiramo nem fumamo, só queremos vender. O negócio que o senhor propôs não é novidade mas só fazemo dum certo valor pra cima.

O homem faz uma pausa antes de continuar, olhando firme seu Luiz. Vamo combinar o seguinte: essa birosca é um bom ponto. Tem sempre gente, principalmente na boca da noite que é a melhor hora de entrega. Vamo lhe adiantar dinheiro pra duas lambreta, isso depois do Aprijo e mais outro que até pode ser o senhor mesmo, estiver bem treinado para as entrega. Entrega de ônibus ou a pé não dá certo. O Tagarela lhe entrega a encomenda no dia e na

hora combinada e o senhor manda o dinheiro três dias depois. Vou lhe dar trinta dia de prazo pra tudo ficar organizado. As lambreta compro a prazo e o senhor paga a prestação todo mês. Não pode atrasar nem um dia.

Finalmente o matuto relaxou um pouco. Seu Luiz, mais velho, lhe lembrava o tio que o criou. Desabafou. Tou nessa vida, seu Luiz, há quatorze ano e nunca tive problema. Não sou o manda-chuva mas sou responsável pelo trabalho de umas cem pessoa. A vida nesse comércio é dura. Não tem hora, não tem doença, não tem esquecimento nem mentira. Só trabalhamos com gente séria que pode até morrer mas cumpre a palavra.

Tudo combinado, o treinamento nas Vespas foi diário. Seu Luiz, entusiasmado, melhorou ainda mais a birosca, passou a mulher para a caixa. Chamou Aprijo para uma conversa séria. Propôs-lhe transferir responsabilidades e aumentar a sua comissão nas vendas. Aprígio vacilou entre ganhar dinheiro com riscos ou enfrentar permanente pobreza. Parafusava na sua cabeça um dos primeiros ensinamentos que ouviu na Igreja Batista de Carolina: É mais fácil passar um camelo no furo duma agulha do que um rico entrar no Reino dos Céus...

*Só pobre vai pro céu
Por ter vida de aflição!
Isto é conversa de rico,
É pura tapeação!*

Aprígio pensou, pensou e optou pela sabedoria popular tão bem arrematada pela sensibilidade do poeta. Vou em frente. O tio Luiz não quis botar no seu nome as duas vespas. Não tinha explicação possuir duas lambretas quando o negócio legal era um botequim alcunhado de birosca. Colocou no nome da mulher e a outra no nome de Aprígio. Tava tudo em casa. Dentre vários fregueses da birosca, muitos utilizavam lambreta. Tanto a mulher do seu Luiz como Aprígio sabiam andar de bicicleta. Na Vespa até que é mais fácil porque não precisa pedalar, era essa a resposta dos fregueses às perguntas do Aprígio. Em menos de um mês estavam absolutos no guidom.

O Adriano, jovem de vinte e quatro anos concluindo o curso de ciências contábeis, filho de alto funcionário do Departamento de Trânsito, era freguês mensal da birosca. Aprígio trocou idéia com a tia e resolveram conversar seriamente com Adriano. Não sei bem como vou fazer, mas sempre vejo lá por cima da mesa do meu pai todo tipo de carteira assinada pra ser preenchida depois. Vem cá, Adriano, vamos combinar o seguinte: tu pega duas carteiras assinadas aqui, com tua letra ou de outra pessoa, se tu não quiser, enchemos com os

dados tudo certinho e pronto. Um favorzão deste vale um mês em branco na tua conta. Adriano vacilou, coçou a cabeça, pensou nas consequências, ele já não era uma criança... ajudar duas pessoas amigas igualmente estabelecidas, levando ou não vantagens, sem prejudicar ninguém, estava certo. Era justo. Assim que eu puder trago as carteiras assinadas. Na próxima vez, falou Aprígio.

Não foi difícil para Adriano. Apanhou uma carteira e duas semanas depois apanhou a outra e, como tinha combinado, levou as duas no mês seguinte. Fez a recomendação: cuidado para não preencher com a mesma tinta da assinatura. Não se preocupe. Adriano recebeu a encomenda mensal embrulhada, colocou-a na bolsa, contou o dinheiro, efetuou o pagamento conferido pelo Aprígio e em seguida devolvido. Aqui a palavra vale mais do que qualquer documento. Trocaram um sorriso com um obrigado de cada lado.

O atendimento rápido aos pedidos, agora entregues de lambreta, gerou o sentimento de organização com maior responsabilidade, resultando em crescimento da freguesia. O medo dos riscos foi superado pelo faturamento. Aprígio entusiasmou-se com os bons resultados e começou a caraminhar sua independência a médio prazo. Sua visão era curta. Apostava no bom relacionamento agora com o policiamento

de trânsito, um começo de intimidade com o Tagarela, gente importante como cliente. Pelas suas mãos estavam passando montes de dinheiro, desfrutava da confiança do tio, de vez em quando tinha um chumbrego com uma das garçonetes, a quem fazia recomendações especiais da sua clientela, quando ávida lá aparecia à busca de erva ou outra novidade.

15

Meu Sofrê *

Na minha pequena cidade, um dos divertimentos preferidos da meninada era pegar passarinho cantador.

Arapucas, gaiolas, visgo de jaca, eram as armadilhas mais usadas.

Eu já tinha muitos passarinhos de gaiola mas ainda não tinha o mais desejado: o sofrê, pássaro de belo canto e lindo colorido preto, dorso e barriga vermelhos, com tons alaranjados e asas de branco espelhadas, o que o torna uma ave de gaiola das mais apreciadas.

Foi com agradável surpresa que afinal encontrei no meu visgo de jaca, a se debater, o meu sonhado sofrê.

Com paciência, delicadeza e carinho, libertei da armadilha o meu novo passarinho e para ele eu mesmo construí uma ampla gaiola de três poleiros, pois para os nossos passarinhos éramos nós mesmos os gaioleiros.

Nela o meu sofrê soltava seu belo canto.

Porém para o meu espanto, comecei a notar que a cada dia era mais lamentosa a sua triste melodia.

Curioso e preocupado, eu quis saber o porquê do triste e talentoso canto do sofrê.

- Dizem que foi há muito tempo, no passado...

De natureza romântica e apaixonada, ela era feliz e vivia cantando alegremente para sua amada.

Certo dia ao voltar ao ninho estava vazio, ele tinha sido abandonado.

Em vão cantou aos ventos os tristes lamentos!

Tanto tempo cantou o seu canto desolado, que esqueceu o canto alegre do passado. Até hoje é sofrido o canto do sofrê e fica ainda mais triste e desolado quando ele está engaiolado.

Comovido, sem mais indagações libertei o meu sofrê:

-Voa, querido passarinho, que sua amada o espera saudosa em seu ninho!

Ninguém me acreditava e diziam que era produto de minhas fantasias.

Mas juro que passados uns dias, eu vi, era ele, o meu sofrê, pousado num galho da mangueira, cantando alegre para me agradecer!

Essa ingênua história do meu sofrê é um pedaço de beleza de minha infância que ficou guardado cuidadosamente

na distância. Foi muito depois, na vida adulta, que fui aprender o porquê do sofrido canto do sofrê.

Ah... que inveja de suas poesias historiando a infância em prosa rimada, atropelando meus passos que foram os dele. Nascer numa cidadezinha do interior nordestino, numa fazenda ou engenho pouca diferença faz. Os brinquedos, as traquinices, as professoras improvisadas e as maledicências são comuns. Da Bahia ao Maranhão tudo se parece. É mistura de raças, de costumes, de cultivo da cana, da macaxeira, do coco da praia, do caju, da manga-espada, da tapioca... sem falar no acarajé. O paladar, o tempero, os cavalos-de-pau, as brincadeiras de açude – Galinha gorda, gorda é ela, vamos comer? Vamos a ela! – são os mesmos. Os bêbados são diversão das crianças. Os banhos de cachoeira são expectativas de ver alguém nu. Pegar passarinho em arapuca, no visgo de jaca, preás no mundéu. Os meninos mais espertos caçam passarinhos com bодоques. O nordeste inteiro é um só.

16

Confidências

Aquele furdução na birosca, com permanente música nordestina tocada numa vitrola escondida por trás do balcão, transmitia uma alegria contagiante. Aprígio estava perfeitamente integrado naquele vai e vem. Um atendimento ou outro no balcão para cooperar com as garçonetes demonstrava aos fregueses seu interesse na boa qualidade do serviço. Marcava também a pretensão de ir além de entregador e recebedor de pagamentos. Mal aprendera a ler e já anotava endereços, dava telefones, enfim, dominava os elementos necessários ao exercício da profissão que, além desses predicados, seria coroada de êxito se mantivesse cautela total nas conversas.

Ele se adaptou bem ao novo ritmo dos negócios, permanecendo ao balcão no intervalo das entregas. O tio Luiz, depois do entendimento com Tagarella, vislumbrou ampliar suas atividades em festas de aniversário de clientes. Mataria dois coelhos de uma

só cajadada. Com dois ajudantes, um na cozinha e outro na copa, ele ficaria no salão servindo bebida e salgadinhos à espera do jantar. Na bandeja, junto com os guardanapos, as trouxinhas ou ampolas seriam servidas, por indicação do dono da casa, aos clientes permanentes da birosca. O Tagarela, consultado a respeito, não criou empecilho, apenas recomendou: todo cuidado é pouco. Faça a entrega de toda a encomenda ao dono da festa e ele lhe paga na hora. Se alguém ficar sabendo de onde veio o bagulho isso fica por conta dele. Você é o garçom. Pra isso compareça bem vestido de garçom, fale pouco e circule o tempo todo para não dar muito papo.

Tagarela tinha começado a vida como garçom em São Paulo e perdera o emprego por falar muito. Daí o apelido de Tagarela. Com ligeira passagem pela polícia paulista, por falsificar bebidas no bar onde trabalhava, resolveu se aventurar no Rio de Janeiro. A sorte não lhe faltou. Logo na Rodoviária encontrara um conhecido que, sem rodeios, após ouvir as razões da sua transferência para o Rio fugindo de possíveis complicações policiais lá em São Paulo, convidou-o na mesma hora para subir o morro onde ele morava e se encaixar no tráfico. Pensar muito para resolver as coisas nem sempre dá certo. Pois olhe, seu Luiz, não lhe digo que tou rico, mas sempre carrego no bolso três a cinco conto. Nessa vida tem que ser assim, enquanto tá dando certo, vamo em frente até ser dono

da entrega dum morro inteiro. Chegando lá é só controlar o comércio, receber o dinheiro, mijou fora do penico vira defunto. Eu, graças a Deus, tenho ficha limpa aqui no Rio. Tenho duas casas. Uma com minha mulher mãe dum casal de filhos que quero muito bem e outra onde me escondo quando a coisa fica preta. Como a casa é pequena, o senhor já viu, sou obrigado a dormir junto. Com mais um tempo dessa vida espero ir pra um subúrbio ou mesmo outra cidade abrir um boteco e levar uma vida de descanso. É bom sempre ter um dinheiro sobrando porque o futuro só Deus sabe. Aprendi muita coisa nessa vida de traficante de segunda. Quem nasce pobre, não teve escola, aprendeu a ler aos tropicão e chega aonde cheguei, mesmo com dinheiro no bolso, deve viver como pobre porque já está acostumado e não desperta olho grande em ninguém. O que mais vale é a certeza de que não vai passar necessidade. Pegar no sono sem saber como vai comer quando acordar é pior do que purgante de óleo de rícino. Passei muita necessidade, muito aperto, corri muito da polícia mas graças a Deus e à Santa Maria tou aqui com o juízo limpo de não ter matado ninguém.

Aquela rápida autobiografia do Tagarela alargara os horizontes do seu Luiz que, pela primeira vez, ouvia conselhos de que muito carecia. Mas Tagarela, tou com os ouvido tão ligado na sua conversa que deu até cansaço. Me diga uma coisa: como é que

você sabendo tanta coisa vai poder deixar esse ramo de comércio? Não é um perigo conhecer toda a segredaria do movimento, como você conhece? Ah, seu Luiz, esse é que é o ipicilone da saída. Tou perdendo sono pra saber como vou falar com o Home. Tagarela, se coloque no lugar do dono do morro, ponha o dedo no juízo e pense o que você faria no lugar dele. Não sei não, seu Luiz. Pra falar a verdade eu sei muita coisa.

Mas também eu acho que tá tudo errado. Vamos conversar direto sem rodeio. Todo comerciante bota sua mercadoria à mostra e compra quem quer. Se não houver fornecedor não tem também comprador. Comprar o quê? Uma coisa que não sei é como essas ampola são fabricada e de onde vêm. Sei que volta e meia aparece um morto, dois, três. Tudo gente como eu. Ora veja: eu sou traficante? Eu conheço a freguesia, faço entrega. O senhor mesmo, seu Luiz, sabe muito bem como é esse emaranhado. É verdade que ganho um dinheirinho todo santo dia e, como sempre tive na cabeça um dia sair dessa vida, vou juntando num canto pra me aposentar. Acho que tá chegando a hora, só me falta encontrar o jeito de sair. Tagarela, você conhece o manda-chuva pra quem você trabalha? Ninguém conhece. É um mistério danado e olhe que trabalho pru mesmo patrão há uns quinze anos. Foi uma das coisas que me disseram quando entrei pra esse trabalho: não pergunte

quem é o patrão, quanto menos gente conhecer pra cima, melhor pra você, ganhe o seu e feche o bico.

Até mesmo perguntar por um companheiro de entrega que tu não vê há um tempo é arriscado. Quando se é moço, começando a vida, parece que tudo é falado sem rodeio, sem armadilha, mas não é assim não. O que se fala e se ouve pode jogar fora. O que é bom, cada um guarda no seu baú pra mais tarde. O diabo é que isso não se aprende nem na escola. E pra quem nunca na escola foi, ainda é pior. Essa história de que a vida é a melhor escola não é mentira não, mas o diabo é que a morte chega antes do diploma.

De repente me veio à cabeça uma ideia de como me aposentar. Tou indo pros sessenta anos, as pernas não aguenta mais uma corrida de ladeira abaixo e, muito pior, de ladeira acima. Tenho uma pessoa já conhecida, séria, que trabalha no ramo há uns dez anos, de toda confiança, estabelecida, o que é muito importante. Posso saber quem é essa pessoa? Agora não, seu Luiz, só depois de chegar lá de cima o sinal aberto pra eu apresentar. Se tudo der certo, vou viver tranqüilo o resto da minha vida. Nunca me joguei pra cima por não ter o bolso cheio. Fui juntando devagarinho que nem galinha, de grão em grão e daqui a pouco, com a ajuda de Deus e da Virgem Maria, vou poder comer, beber e vestir até o meu fim.

Seu Luiz estava meio perdido com as confidências do Tagarela. Aquilo tudo que estava ouvindo era demonstração de confiança entre velhos amigos. Na realidade, entre eles havia compromissos e riscos por pertencerem a um ramo de atividade clandestina. Como em toda clandestinidade, o sigilo é a única garantia. Não precisa intelectualismo, escolaridade, conselhos. A prática do ato ilegal, por si, abre uma picada por entre as dificuldades, aponta em geral a trilha mais amena e segura. O Tagarela estava infringindo essas regras. A sagacidade do seu Luiz não ia muito longe mas dava para suspeitar alguma coisa diferente.

As revelações espontâneas do Tagarela sobre o seu projeto de vida só poderiam provocar nele novas ambições e perspectivas promissoras. Na cabeça do Tagarela ferviam as ideias de uma futura vida pacata. Tinha por longos anos servido fielmente ao tráfico. Deixava um substituto tarimbado, com a vantagem de ser estabelecido, já integrado na atividade da distribuição, conhecedor das vantagens e riscos, ambicioso, com a particularidade de dispor de uma minirrede de distribuição com duas lambretas, além da birosca como fachada legal para justificar a presença numerosa de pessoas.

17

O Petróleo Será Nosso

Quem não sabe geografia e história é analfabeto. Quem dizia isso era um professor da Escola Militar de Realengo, no Rio de Janeiro. Pois o final da Segunda Grande Guerra foi muito mais do que a vitória sobre o nazismo. A libra esterlina foi substituída pelo dólar americano nas transações internacionais. O capitalismo no Velho Mundo só não foi a pique graças ao plano Marshall dos Estados Unidos, para não deixar a Europa sob domínio soviético. Começava a Guerra Fria.

No encontro histórico de Roosevelt, Churchill e Stalin após a vitória dos aliados, a bordo de um cruzador da Marinha dos Estados Unidos no mar Mediterrâneo, foram traçados os novos rumos geográficos, políticos e econômicos de boa parte do mundo. Churchill, velha raposa política, temendo a expansão soviética na Europa, sugeriu que convidassem o Papa como quarto participante do encontro

de cúpula. Mas calou-se quando Stalin, cofiando o famoso bigode, perguntou-lhe: “Quantas divisões de Exército ele tem?”

Na América do Sul, os norte-americanos deram um cuidado especial ao seu “quintal”, mas cochilaram com relação a Cuba, anos mais tarde. A crise dos mísseis, quando a União Soviética quis resistir à exigência dos Estados Unidos de retirar os armamentos instalados em Cuba, quase gerou uma guerra nuclear. Mas isso foi bem mais tarde, depois mesmo da guerra da Coreia, quando os Estados Unidos quiseram formar um corpo expedicionário com participação de tropas brasileiras e os militares nacionalistas conseguiram vencer a campanha “A Coreia Não”.

O governo Vargas caiu logo depois da derrota dos alemães na guerra. Era um paradoxo o Brasil lutar pela democracia no plano internacional e manter internamente uma ditadura. O retorno de nosso Corpo Expedicionário e do Grupo de Aviões de Caça coberto de vitórias nos céus da Itália paradoxalmente estimulou a conspiração que levaria à deposição de Getúlio Vargas. Os oficiais golpistas – inexperientes – não cassaram os direitos políticos do ex-presidente, que influiu decisivamente na escolha de seu sucessor.

Na prática, Getúlio apoiou a candidatura Dutra, pelo PSD, que ganhou disparado de Eduardo Gomes, pela UDN. Ele próprio se elegeu senador e deputado por vários estados, mas não assumiu qualquer mandato. Foi nesse período, em que Vargas se recolheu à fazenda Santos Reis, em São Borja, que ele construiu a plataforma política nacionalista.

Em avião da Força Aérea transportei uma comissão de deputados federais convidados pelo Major-médico da Aeronáutica Wilson Fadul, prefeito da cidade de Campo Grande, em Mato Grosso, à fazenda onde se encontrava o ex-presidente. A conversa foi longa. Getúlio ouviu pacientemente e respondeu: “Não fui deposto pelo povo, mas pelos generais conservadores. Se os senhores asseguram minha posse e governo, candidato-me.”

O Fadul tomou a palavra:

– Presidente, a maioria dos oficiais das Forças Armadas, pelas manifestações em várias oportunidades, tem revelado consciência nacionalista. O teste será a eleição para a diretoria do Clube Militar, que congrega sócios das três Armas. O nosso candidato é o general Newton Estilac Leal, seu amigo e patriota.

Uma pausa. Silêncio. Duas baforadas de charuto:

– Se os senhores elegerem o general Estilac, numa campanha caracterizada pelo nacionalismo, serei candidato. Uma vez eleito, o general Estilac assumirá com todas as responsabilidades a pasta da Guerra. Meu próximo governo será voltado para a classe trabalhadora e a nossa libertação econômica.

Voltamos todos eufóricos. Preparava-se a batalha no Clube Militar. A eleição simbolizava uma acirrada luta pelos destinos da nação, concentrando os esforços dos chamados militares de esquerda. Em plena Guerra Fria, os oficiais nacionalistas eram apontados pela direita civil e militar como comunistas.

O petróleo tornou-se a chave da campanha. À posição que defendia a criação da Petrobrás, opunham-se os entreguistas, representados pela UDN – a denominada União Democrática Nacional. Defendiam a parceria com os Estados Unidos, país experiente, consumidor, para a exploração do nosso petróleo. Esse grupo era liderado pelo Juarez Távora, cearense que foi da Coluna Prestes, chamado de “rei do Nordeste” na Revolução de 1930.

De início, a campanha nacionalista era restrita ao Clube Militar. Encabeçando a outra chapa para a direção do Clube estava Oswaldo Cordeiro de Farias, que teria notória atuação golpista nos anos seguintes. Estilac também lutara na Coluna Prestes

e se tornaria o primeiro ministro da Guerra do governo democrático Vargas, que assumiu em 1951, com a garantia do apoio militar das guarnições do Sul, dada pelo próprio Estilac.

Nessa época, eu voava no Correio Aéreo Nacional, o que me facilitava o contato com oficiais, não apenas de outros estados, mas das outras Forças Armadas.

Cabe lembrar que a Marinha é a nossa força mais antiga, a primeira a se organizar no Brasil, adotando as práticas e métodos da tradicional Marinha Inglesa. A “volta de Nelson”, na manga do dólmã da farda para os oficiais com o curso da Escola Naval, era uma referência ao bravo almirante inglês Nelson, que morreu na batalha de Trafalgar. Das três Armas a Marinha sempre foi a mais conservadora, a menos participante dos fatos políticos nacionais. Naturalmente o isolamento pelo embarque nos navios, além do rigor do Regulamento Disciplinar da Armada, que proibia discussões fora do âmbito profissional, tornava ainda mais difícil qualquer participação.

O Exército sempre foi a mais popular e presente das três Armas. Mais numeroso e distribuído por todo o território nacional, recebia a grande maioria dos jovens acima de 18 anos que deveriam prestar o serviço militar obrigatório por um ano. Sem dúvida, ao longo de nossa história, foi uma escola de preparação da

juventude, com noções de patriotismo e cidadania. Mas desde a proclamação da República, o Exército esteve presente em todas as crises de poder, extrapolando, por vezes, os limites disciplinares e estritamente de sua competência. O mando discricionário da Coroa foi substituído pelos métodos autoritários representados pelo “bastão símbolo de comando” do marechal Deodoro da Fonseca. Mesmo a revolução de 1930, liderada por Getúlio Vargas pela “modernização” do Estado brasileiro, nomeou interventores para governar os estados, todos eles militares, com exceção do Espírito Santo.

Mas voltando à eleição no Clube Militar, o comitê de lançamento da campanha de Estilac Leal tinha oficiais das três forças.

A Marinha era representada pelo capitão-de-mar-e-guerra Paulo Werneck, que seria chefe de gabinete do Ministro da Marinha do governo Jango. Foi a ele que sugeri o cabo Anselmo procurar, quando suspeitamente o líder dos marinheiros me perguntou quais eram as ordens para resistir a um possível golpe, nos últimos dias de março de 1964².

Ainda da Marinha, tinha também um goiano, que foi para Cuba depois do golpe, era capitão-de-fragata. Cruzou o mundo inteiro como capitão de navio cubano. Lembro-me de um almirante, que foi

sogro do meu companheiro Aldo da Costa Pereira, comandante e historiador da aviação civil brasileira.

Da Aeronáutica, havia o Francisco Teixeira, capitão-de-fragata que se tornou tenente-coronel, uns cinco anos mais velho que eu, um grande amigo. Já brigadeiro, Teixeira estaria à frente do 3o. COMAR – Comando Militar da Aeronáutica, ao lado do aeroporto Santos Dumont, quando houve o golpe de 1964 e se recusou a uma ação isolada de resistência legalista, que poderia gerar um banho de sangue.

O Carlos Alberto Souto era capitão-de-corveta, quando eu era segundo-tenente, foi subcomandante da Base Aeronaval de Santos. O Fortunato Câmara de Oliveira, o Fortuna, era capitão no Campo dos Afonsos durante a guerra, quando eu era instrutor na Escola de Aeronáutica. O pai era general. Excelente desenhista – é o autor da caricatura do Waldemar, de cachimbo – foi quem criou o símbolo do Grupo de Aviação de Caça, o "Senta a Pua!".

Nessa mesma época, o Príamo Ferreira de Souza era primeiro-tenente, gaúcho, irmão do Oscar, que era segundo-tenente como eu, na Escola.

Havia o Hélio Castro Alves Anísio, terminou brigadeiro pela anistia. Lembro-me que era filho ou neto de padre. O tenente Vinhas era fotógrafo, um grande

desenhista. O tenente Hilton Bergman, o Alemão, protagonizou o episódio tragicômico que relato em meu livro *Salvo-Conduto*³, quando foi pego após uma fuga espetacular da base em Belém, onde estava preso como comunista, mas conseguiu fugir de novo.

O tenente-navegador Dantas era conhecido por Dantinhas, para diferenciar do Dantão, o primeiro-tenente-aviador Sebastião Loureiro Dantas, cunhado do Rui Moreira Lima, atual brigadeiro que se tornou herói na Itália. O Dantão foi alfaiate em Uberlândia, antes de entrar para a Escola de Aeronáutica. E o tenente Luís Paiva, casado com a Mariana, como se lembra minha mulher. Havia também o José Niepce da Silva, que eu reencontraria em Brasília, muitos anos depois.

O Florenzano Zola era bem mais velho que eu, tenente-coronel mecânico. Já o Paulo Resende Malta era uma turma ou duas depois do Rui, mais jovem que eu. E ainda o major Humberto Freire, diretor da revista do Clube Militar, que escreveu “A Coreia, Não!”, outra importante plataforma pela qual lutávamos. Foi mandado para Aracaju, por causa disso. Aproveitou para fazer campanha em Sergipe.

O Wilson Fadul, major-médico em 1950, com quem estive na fazenda de Getúlio Vargas, em São Borja, e que viria a ser o Ministro da Saúde de João Goulart,

foi o representante no Mato Grosso da campanha do Estilac. Ele recolhia os votos do estado e passava para mim, no Correio Aéreo Nacional. A maioria dos pilotos era favorável ao Eduardo Gomes, fundador do CAN.

No Exército havia uns vinte oficiais engajados na campanha “O Petróleo é Nosso”. O Nelson Werneck Sodré, historiador e depois general, era um grande intelectual, que depois escreveu vários livros. O pai do Fernando Henrique Cardoso, general Leônidas Cardoso, que também foi deputado, e o tio, o general Felicíssimo, eram ferrenhos nacionalistas. O general Horta Barbosa também era um entusiasta da campanha do petróleo.

Muitos desses militares eram simpatizantes ou próximos à influência do PCB – o clandestino Partido Comunista Brasileiro, liderados pelo Teixeira. O antigo piloto Ivan Ribeiro, cassado depois do Levante Comunista de 1935, é quem dava assistência aos aeronautas. Ele integraria o Comitê Central do PCB e seu filho, homônimo, viria a ser o principal assessor do Ministro da Reforma Agrária Marcos Freire, no primeiro governo civil depois de 20 anos da ditadura militar. Ivanzinho morreu com Freire num desastre de avião, logo no começo do governo Sarney.

Muitos integrantes da campanha eram simplesmente nacionalistas, sem vínculos com partidos ou

organizações políticas, a não ser o próprio Clube Militar. Todos, no entanto, éramos apontados pela imprensa conservadora como comunistas.

Era o caso do Waldemar, que nunca foi comunista, nem mesmo próximo ao PCB. Como toda a tropa que participara da guerra ao lado dos americanos, voltou simpatizando com os irmãos do Norte. Até que a luta pela Petrobrás transformou a eleição no Clube Militar uma verdadeira prévia da eleição presidencial.

Entrei de corpo e alma na campanha do Clube Militar. Dividimos os bairros do Rio de Janeiro pelos oficiais engajados. Eu peguei Santa Teresa e Rio Comprido. Toda noite saía com um calhamaço de programas da candidatura, de casa em casa, durante dois meses, visitando cada militar reformado. A campanha se concentrava na criação da Petrobrás e na equiparação do reajuste dos oficiais reformados aos da ativa, para corrigir distorções inaceitáveis.

– Boa noite, sou o tenente Mello Bastos, estou fazendo a campanha...

Havia almirante ganhando o correspondente a 20 reais, quando deveria estar ganhando quatro mil, por exemplo, porque só davam aumento para os da ativa, e não se aplicava correção monetária. Não teve

um que não assinasse a lista se comprometendo com a candidatura. Vi um velho almirante chorar ao ler nosso programa: “Graças a Deus meus filhos cuidam de mim como deles cuidei até a maioria”.

Começamos a ir para Belo Horizonte, Juiz de Fora, Salvador, Aracaju, Maceió, Campo Grande, Porto Alegre, Curitiba, aproveitando os voos do Correio Aéreo Nacional. Temíamos utilizar o correio comum, pela possibilidade de desvio. Eu fazia dois voos por mês pelo CAN. Na ida, distribuía material de campanha e, na volta, colhia os votos por correspondência em envelopes lacrados, entregues à Secretaria do Clube, e que só seriam abertos pela mesa apuradora.

Foi uma vitória esmagadora. Ganhou o Estilac.

18

A Saída É Em Frente

Naquela noite da conversa franca com seu Luiz o Tagarela dormiu tranqüilo. Estava convencido de que descobrira um caminho fácil para a aposentadoria. Sem muitos rodeios, colocou para o chefe no tráfico suas preocupações e seu desejo de uma vida tranqüila com a patroa (a principal), indicando seu Luiz para substituí-lo. O indicado era pessoa conhecida pela eficiência com boa folha de serviços prestados, homem religioso com práticas de benemerências na igreja da sua paróquia, ambicioso, desejoso de enriquecer. O Tagarela derramou com palavras e gestos sobre a mesa do encontro com o chefe todo o enredo de sua almejada aposentadoria. Tagarela, você sabe que isso aqui é que nem maçonaria, todos por um e um por todos. Se o serviço tá pesado pra tua idade, vamo manerá. Nesse ramo de negócio que tamo metido é a mesma coisa de quem se mete na mata: passou da metade é mais perto ir em frente pra sair dela do que voltar. Parar é que não pode porque o bicho pega.

Naturalmente o Tagarela não entendeu a metáfora, insistiu nas suas pretensões e pediu uma resposta dentro de uma semana. Na cúpula do comércio criminoso das drogas a proposta do Tagarela soou como enorme ingenuidade ou tentativa de chantagem, o que não seria perdoado. Esse homem não pode sair como quer, reverberou o Chefão. O que ele faz e o pouco que sabe, abrindo a boca num dia em que tomar umas cachaças, todos nós vamos parar na cadeia. Também não vamos dizer a ele isso que você tá ouvindo porque ele pode pensar que é muito importante.

Quem vai dar a resposta ao Tagarela é o Chicão. Mas o Chicão é cheio de complicação com a polícia e é arriscado sair assim de cara limpa conversar com quem ele nunca viu, arrematou um da cúpula da droga. Isso é problema dele e do Tagarela. Você que abastece o Tagarela e conhece seu Luiz avisa que agora mudou. A entrega e o recebimento é diretamente com seu Luiz. Não precisa conversar muito, basta dizer que ele foi indicado pelo Tagarela e que nós já sabemos tudo da vida dele e que se ele for trabalhador e honesto pode até enricar. Tudo isso tem que ficar resolvido dentro de três dias. Foram as palavras finais do Chefão. Antes de encerrar o encontro para decidir a aposentadoria do Tagarela, o Chefão mandou chamar o Chicão, um pau-mandado que virou faz-tudo.

Chicão não tinha um cargo na hierarquia do tráfico. Praticamente não fazia nada, entretanto cumpria com perfeição as ordens do capo. Pelas conversas com o chefão e a execução fiel das ordens recebidas, tornara-se uma peça importante, sem nenhum poder para tomar decisões. Chamado num canto da sala, colocou o chapéu debaixo do braço como sinal de respeito, baixou a cabeça e esperou a fala: Não preciso fazer recomendação especial nenhuma, você só precisa ouvir, não anota nada, guarde bem as datas e o local do atropelamento. Você sabe quem é o Calixto? Sei sinsinhô. Pois fale com ele para arranjar um carro arrastado lá da zona sul e botar na sua mão. Agora preste muita atenção: você conhece o Tagarela? Ora se conheço. Sabe onde ele mora? O sinhô não vai acreditar, mas eu sei de cabeça onde mora todo mundo que trabalha com o sinhô. Quando tiver tudo pronto, endereço, carro, costume do Tagarela logo no começo da boca da noite e tudo isso não pode durar mais de oito dias, venha me avisar o dia e a hora. Não esqueça de deixar os documentos legais no cofre do carro. Sei que você é especialista nesse trabalho mas não custa nada recomendar cuidado.

Não era esta a primeira nem a segunda vez que Chicão fazia esse trabalho.

O que não posso é comprometer o meu nome com besteira. Com seis dias me apareça aqui para contar

como tudo está preparado. Posso aparecer com tudo pronto com quatro ou cinco dias? – perguntou Chicão. Pode sim, o que não pode é deixar rabo de palha pelo caminho e comprometer minha reputação, respondeu-lhe o Chefão. Chicão era veterano nesse tipo de tarefa e tinha plena consciência de que uma falha, um deslize poderiam ser fatais. Era conhecido no círculo fechado da comunidade como cobra limpa-campo. A previsão do Chicão com relação ao tempo necessário ao cumprimento da tarefa foi até exagerada.

Três dias após as ordens do patrão, saiu na manchete do jornal: "Ancião atropelado por estudante que foge sem socorrer a vítima". O motorista fugiu mas deixou no porta-luvas toda a documentação do veículo e seus documentos. Trata-se de um universitário, residente em Ipanema. No entanto, uma testemunha descreveu o motorista como um cidadão de meia-idade, que em seguida pegou um ônibus em direção ao centro da cidade. A polícia abriu inquérito para apurar as circunstâncias do acidente.

Você até merece um prêmio, Chicão. Seu serviço foi limpo. Ora, para todos os efeitos o carro foi roubado e nunca ninguém vai descobrir pra que finalidade. Mesmo assim vou mandar você passar um mês na minha casa no campo, dando uma limpeza geral. Limpa por fora, corta a grama, refaz os canteiros e uns consertos na casa que está

precisando. Não pode é ficar parado para não despertar curiosidade dos outros.

Ah meu Deus eu até gostava do Tagarela... mas esse tipo de trabalho – quem tá nele, sabe – cochilou, vai pru inferno. Cumpro ordem do Chefão e fico descansado. Como é que uma pessoa trabalha nesse ramo, cheio de complicação e risco, guardando cada dia que passa mais informação comprometendo a vida de um monte de gente e não desconfia que o maior risco quem corre é ela mesma? Ninguém pode chegar e dizer: cuidado com a sua vida, você já está sabendo demais... o cara tem que ter um olho dentro da cabeça pra enxergar essas coisas, senão com o tempo fica sabendo demais e todos nós ficamos na mão dele. O Chicão entendeu isso direitinho. Ele é muito fraco em leitura e danado de inteligente. Quando dou um serviço pra ele fazer explico tudo e nunca deu errado. Agora, por exemplo, deixo ele fora do circuito um ou dois meses até esfriar tudo. No Natal mando juntar todo mundo numa churrascaria, corre tudo solto, sem limite de despesa e com a presença de todo mundo, menos eu. Quanto menos conhecido, mais garantido. Quando a pessoa quer se desligar dessa vida é mais difícil do que deixar de ser padre. É uma complicação dos diabos, até o Papa tem que se meter. O Papa aqui sou eu, faço o sinal da cruz e mando ele pros infernos.

Natal

*Milagre de Natal!
Dentro de todo ser humano
Renasce a cada ano
Um abstrato sol interior.
Sol-Natal Natal-Sol
Que aquece e alumia
E convida todos os seres do mundo
Ao presépio da harmonia.*

*Na festa do Sol-Natal
Há canto e dança e perdão.
Braços que estreitam no abraço
Mãos que se encontram no aperto
Sorrisos que se fundem na alegria
Esperanças no raiar de um novo dia.*

*Generosas mensagens que recebo
E agradeço.
Acontece que nos festejos natalinos
Penso nos milhões de abandonados
Meninos e meninas
E entristeço.*

*Penso nas multidões marginalizadas
Sem pão sem chão sem nome.
Penso nas sobras de banquetes desperdiçadas*

*Quando tantos irmãos morrem de fome.
Penso em ti, humano Nazareno,
Pobre Cristo nu crucificado
Por defender o pobre o pequeno
Contra a avidez do rico potentado.*

*Dois milênios!
Tanto tempo já passado...
E teu rebanho, doce carpinteiro,
De bilhões de miseráveis aumentado
Brada e luta pelo mundo inteiro.
E inda continua espoliado.*

19

Medos

Gato escaldado tem medo de água fria. Não meta a mão em cumbuca. Cautela e caldo de galinha não fazem mal a ninguém. O apressado come cru e ainda se queima. Fique atento, seja prudente. É sempre o medo na espreita, dissimulado sob cautela, juízo, precaução. Medo de cobra, de fio desencapado, de ladeira com lodo, de avião, de ponte sem corrimão. Medo de engolir caroço de jaca. Medo da guerra. Do clarão da artilharia inimiga, as explosões das granadas ensurdecendo, o cheiro de sangue fresco mesmo não sendo o seu, os gritos de socorro.

Aqui tem que ser mouco, cego e mudo. Todos sabem disso, inclusive foi a advertência que seu Luiz fez ao sobrinho Aprígio logo que este chegou. Faltou dizerem ao coitado do Tagarela que o dito vale pela vida toda. Sua morte passou quase despercebida, como sua vida. Menos para seu Luiz, que herdou a área sob controle do

Tagarela, um pouco ampliada. Ele, sim, entendeu muito bem o aviso.

Tagarela conhecia nomes, pessoas que vendiam e pessoas que consumiam, das coberturas aos portões das escolas e às biroschas que serviam de ponto de encontro e consumo para iniciantes. Graças à miopia de algumas autoridades para o vai e vem suspeito, esse patrimônio constituía um esquema seguro do tráfico. Estava tudo na cabeça do Tagarela. Ele não poderia devolvê-lo ao patrão na hora do “vou embora”. O acordo de trabalho tinha cláusula pétrea, a perenidade na profissão. A desistência espontânea indicava a escolha de um dos criminosos: concorrência ou denúncia. No código de ética do movimento, os dois tinham como punição o destino dado ao pouco maledicente Tagarela.

Seu Luiz sentiu ter metido a mão na cumbuca. Deixe pra lá, agora vou em frente até chegar a Chefão porque só aí vou ser dono do meu destino. Pensou, pensou no que fizeram com o Tagarela... Mas também não tinha cabimento deixar solto por aí um camarada que, dependendo da sua vontade, podia esculhambar todo o negócio montado à custa de muito risco, medo, mortes e sofrimento. Só Deus tem esse poder.

Há tantos anos metido nessa vida, Tagarela não era uma criança, nem burro, fez seu pé-de-meia, tinha duas famílias, uma aqui e outra em São Paulo, guardador de

um segredo complicado que ele mesmo recomendava: mijou fora do penico vai pra debaixo de sete palmos de fundura. Não sei não, a cabeça dele virou mingau.

Essas conjecturas escorriam como água de torneira pela cabeça de seu Luiz, ao subir mais alguns degraus na escada de comprometimentos com o comércio de drogas. Ora essa, tudo na vida é assim. Dinheiro toda hora passando pela mão sem recibo, sem ir ao banco, sem pagar imposto, querer ainda segurança e ir à missa todo domingo com a família, é querer muito. Com proteção do meu Padim Ciço do Juazeiro, que abaixo de Deus é quem me protege, acredito que homem nenhum vai botar a mão em mim. Assim seu Luiz afugentava parte dos medos e riscos decorrentes de suas atividades ilegais.

O medo dos donos do poder de suspeição da fidelidade se transforma em práticas sujas, desumanas. É o medo preventivo, de que Tagarela foi vítima, irmão do medo que, aliado ao oportunismo, leva à delação, trampolim para a ascensão a bons cargos. Na ditadura implantada em 1964 no Brasil, essas práticas desembocavam em promoções, elementos necessários na carreira da corrupção, em que tantos se envolveram.

Mas há o medo verdadeiro, o medo-risco. Medo de ser maltratado à porta de uma embaixada ao Tentar asilo político, como me aconteceu dias depois do golpe militar, arriscando entrar na do Uruguai,

muito visada naquele momento e que chegou a ser invadida pela polícia. Digamos que esse medo, no caso, gera uma decisão quase-suicida sob controle. E há o medo do avião, um capítulo à parte. O treinamento constante para enfrentar situações quase impossíveis gera o conhecimento técnico, que permite controlar o medo, a adrenalina funcionando como estímulo. Aqueles que não conseguem esse autocontrole pagam alto preço, embranquecendo precocemente os cabelos e sofrendo distúrbios neuro-vegetativos, quando não, males mais graves. O bom mesmo é fazer parceria com o medo, incorporando-o, deixando-o inerte à porta, sempre aguardando uma oportunidade.

É preciso traçar o rumo com segurança, ter bom ouvido e boa cabeça. Antigamente havia um sistema de rádio que servia de orientação para o pouso, era o rádio-faixa. Um sinal emitido de um ponto na cabeceira da pista, num ângulo de trinta graus e até uma distância de cinquenta quilômetros – sinal rádio-goniométrico – indicava a faixa em que o avião deveria se deslocar para se aproximar corretamente do solo. Um desvio à esquerda da faixa gerava um sinal Morse da letra A, um desvio à direita era indicado pelo sinal para letra B, o que permitia a correção da rota pelo piloto. Esse sistema de rádio-navegação, superado pelas novas tecnologias, serve de metáfora para o controle do nosso comportamento diário, deixando os medos à direita e à esquerda, sem perder o controle da rota.

Medo

*Inútil querer livrar-nos do medo.
O medo faz parte da natureza humana.
De primeiro, medo de terremotos, de vulcões,
Medo de ciclones, medo de furacões,
Medo de tempestades, de relâmpagos,
De raios, de trovões.
Depois de milênios de variados medos!
Medos vão chegando, vão passando
E novos e mais medos vão se sucedendo...*

*No momento, por exemplo,
Tenho medo do trânsito
Tenho medo de polícia
Tenho medo de assaltante
Tenho medo de ladrão
Tenho medo de Aids
Tenho medo de câncer
Et cetera et cetera...
E,
Lá no fundo de todos os medos,
Está o medo da morte!*

*Meu amigo, minha amiga, não se aflijam.
O medo nos humanos é instintivo, natural
E, talvez, dos grandes padecimentos
o mais ameno.*

*Se encontrardes alguém imune ao medo
Não tenhais dúvidas:
É um ser extraterreno!*

Voltemos à Rocinha, onde a guerra do tráfico já se delineava naqueles anos. Aprígio não participava das decisões, mas o tio informou-o das mudanças na hierarquia. Também melhorou seu salário e comissão no crescimento e eficiência na venda e entrega da droga. As duas lambretas, uma com Aprígio e a outra com sua namorada para entregas à clientela feminina, aumentaram sensivelmente a rapidez e a segurança no serviço.

Mas seu Luiz não descansava. Por longos meses seu Luiz foi atormentado pelo fantasma do Tagarela, todas as noites após a oração, antes de dormir. Finalmente depois de quase dois anos, consolidou-se na cabeça de seu Luiz a tranquilidade própria de quem exerce um comércio legal e necessário à comunidade, sem problemas com a polícia, sempre com informações de primeira mão. A prática de algumas benemerências, como a ornamentação da igreja com flores no dia da sua padroeira e a doação de um mimeógrafo para a escola onde seus filhos estudavam, contribuiu para a construção da imagem bondosa e solidária de que seu Luiz tanto precisava.

A birosca passou a bar, caminhando para restaurante. Já estava difícil saber quem era quem no meio da clientela heterogênea. Aos olhos do público, seu Luiz era um comerciante competente e trabalhador, porque sempre permanecia no bar.

A sorte está lançada. Vou em frente. O Tagarela escolheu o caminho errado, por isso deu com os burros n'água. Não se deve sair por baixo mas por cima. É o que vou fazer daqui a uns anos, raciocinou seu Luiz, mais pela possibilidade de ficar rico do que por convicção na sua decisão. E enricou mesmo nos cinco anos seguintes. Na esteira de seu Luiz, o sobrinho Aprígio melhorou de vida a ponto de ter apartamento próprio e pensar em casar.

Como Eu Queria Que Fosse

*Quando eu tiver que partir
Para minha Iha Encantada,
Quero uma nuvem que me leve,
Nuvem branca da cor da neve.
Não será pesada a minha essência,
Mas deve ser uma nuvem especial
Que não respeite a ciência
E vença o espaço sideral.*

*Minha Iha é plena de alegria
Mas se eu sentir saudade um dia,
Saudade que me atormente,
Abro meu álbum sem folhas
De fotos que nunca tirei.
E vou sorrir de contente
Tendo a meu lado presente
Tudo que na Terra amei.*

Não é por acaso que os sonhadores são chamados de filósofos ou poetas. Sem dúvida é um artifício inteligente para deslizar sobre os obstáculos ou mesmo usufruir do que não existe. O poeta sonha. Enxerga o que não vê. Sempre sonhando, mesmo após chegar à sua Ilha Encantada. É muita pretensão do poeta, depois de a todos nós deixar na era de guerras, pragas, sofrimentos e misérias.

Sonho

*Fechei os olhos. Dormi.
Montei minha baleia branca
Fui às lonjuras do mar.
Achei minha Ilha Encantada
Aquela de meu constante sonhar,
Sem atritos, sem agressões,
Sem guerras a confrontar.
As cobras não têm peçonha
E as feras são tão mansinhas
“que a gente pode montar”.*

*É fácil a comunicação:
Sem peias no pensamento
Cada um diz o que quer
A seu próprio julgamento.
Os silêncios falam tudo:*

*Como são ternas, bonitas,
As coisas que não são ditas!*

*Acordo assustado.
Batida de carro?
Não. Pigarro
De pulmão já saturado
De alcatrão do cigarro.*

Poeta, você não precisava ter escrito mais nenhum verso, bastava aquele dos silêncios. É a própria essência da compreensão entre dois seres. E não apenas humanos. Tenho longa experiência no trato com animais desde meus primeiros anos de vida. Até hoje cultivo, analiso e assimilo as manifestações de carinho dos irracionais. Costumo dizer que não troco um cachorro por dois homens. Claro que é uma blague, mas o ser irracional não tem artifícios, subterfúgios, malícia, desfaçatez, nem manifestações carinhosas precedendo uma agressão.

Galo de Terreiro

*No quintal de lá de casa havia
Um terreiro de muitas galinhas caipiras
E um galo - único - majestoso.
De longas cristas vermelhas.
Um belo galo, caipira de raça,
Cujos cantos dizia as horas certas
Como se fosse um relógio de praça.
Imponente, sobranceiro, marcial,
Macho amado das galinhas do quintal.
E elas, igualmente possuídas,
Sem ciúmes cacarejavam agradecidas.*

*Os desencontros, cobranças e queixumes,
O amor vitimado pelos ciúmes,
Faz-me invejar aquele galo altaneiro!
Se é mesmo possível a transmigração
Vou preferir na próxima encarnação
Reencarnar como galo de terreiro.*

21

Canto Visionário

*Eu queria ser alegre como passarinho
em alvorada
Eu queria ser acolhida como sombra
de árvore
Eu queria ser alívio como água de nascente
saciando a sede
Eu queria ser amparo como asa de ave
sobre o ninho
Eu queria ser perdão como
perdão de mãe
Eu queria ser promessa como romper
de aurora
Eu queria ser recomeçar como o novo
amanhecer
Então eu seria um Ser poético,
generoso e nobre!
Mas, eu sou homem...*

Carolina, no sul do Maranhão, como todas as cidades do interior brasileiro, mudara muito nos últimos anos, com a televisão e a internet levando os hábitos e costumes do resto do país e do mundo para dentro das casas. A cidade parecia ter parado no tempo no final dos anos 1950, quando a Belém-Brasília foi construída passando a cem quilômetros dali. As beneficiadas foram Estreito e Imperatriz, onde também passaria mais tarde a estrada de ferro de Carajás, ligando a província mineral do sul do Pará até o porto de Itaqui, em São Luís do Maranhão.

Mas foi graças ao relativo isolamento que Carolina pôde manter o título de “paraíso das águas”, com seus rios resguardados e sem poluição. Só há alguns anos se reacendeu a polêmica, dessa vez pela construção da hidrelétrica de Estreito, embargada pelo IBAMA, que alagaria as belíssimas cachoeiras do rio Farinha, afluente do Tocantins. Na briga, além dos pequenos produtores-coletores da flora típica do cerrado, estão os índios Krahô, cuja reserva seria dizimada pelo alagamento e pelos trabalhadores da construção da barragem.

Por esse Brasil do meio pra cima as notícias chegavam antigamente na voz dos cantadores ou pela poesia de cordel, nas feiras, manifestações culturais espontâneas de pessoas que não passaram pela escola. Telefone, só aquele preto, de manivela, para os

ricos. Com o progresso trazido pelo rádio, correio, televisão e agora o computador, as novas oportunidades de instrução vão transformando os costumes e as cabeças, principalmente as dos jovens.

Deixar o Norte e vir para o Rio de Janeiro não era o suficiente para enveredar por caminho direto ao sucesso. Quantos jovens à busca de melhor futuro deslocavam-se para o Rio de Janeiro na época em que era capital da República e lá se afundaram pelas mais variadas razões! Os que tinham força de vontade, apoio financeiro da família, escolaridade e pertinácia trilhavam o caminho escolhido, premiado com a realização dos seus projetos, para alegria sua e dos seus.

Os “aprígios” desprovidos da bagagem necessária para enfrentar a pesada concorrência não tinham direito de escolha. Com ajuda de alguém – e se existisse esse alguém – mal arranjavam um trabalho para o qual não havia concorrência e mesmo assim a primeira pergunta era sempre a mesma: até que ano você estudou? Não sei ler mas vou aprender. É, ler é bom mas para o que você vai fazer não precisa de leitura.

Como os aprígios poderiam aprender a ler? Ler para quê? Agora até que adianta ler, mas quando Aprígio deixou sua Carolina, lá às margens do Tocantins, na sua cabeça não tinha nenhum projeto. Em primeiro lugar queria fugir do convívio envergonhado com

fregueses do puteiro da sua mãe. Não tinha emprego em Carolina. Caçava, pescava, dava recados, nos dias de feira ganhava uns trocados dando banho nos cavalos dos feirantes e ouvia, sem querer: avisa a tua mãe que hoje de noite vou lá. A saída de Aprígio de Carolina não foi em busca de melhor futuro, mas uma fuga da vergonha que o corroía.

Não foi infeliz ao caminhar de costas para sua Carolina. Experimentou o que não conhecia: a solidariedade de pessoas desconhecidas como o sargento Ubaldo. Os dias de espera pelo avião que vinha de Belém do Pará para o Rio de Janeiro geraram um feixe de dúvidas na cabeça de Aprígio. Foi esse gesto a maior descoberta na sua caminhada. Sentiu-se valorizado. Imaginou ter valores que não conhecia. Jamais ouvira falar no maior valor inerente ao ser humano, a solidariedade.

Ubaldo percorrera caminho semelhante. Filho de família modesta de Belém do Pará, ainda na adolescência traçara o seu futuro. Imaginava voar como piloto mas para lá chegar teria que vencer várias barreiras: completar o segundo grau de ensino com idade máxima de dezenove anos, enfrentar um exame duro com conhecimentos além do currículo dos ginásios paraenses, não queria sobrecarregar o orçamento combalido da família, outros irmãos também aguardavam a vez. Todos esses fatores levaram-no

a ingressar na carreira como sargento, que também voava, embora não fosse piloto.

Não errou. Inteligente, estudioso, sério e com grande senso de responsabilidade, era um profissional respeitado. Havia na sua cabeça muito espaço além do necessário ao exercício da profissão. Ocupava-o adquirindo conhecimentos gerais através de atividades cívicas no Clube dos Sargentos, onde participava de debates acalorados em defesa da criação da Petrobrás. Naqueles tempos de guerra fria, não havia muito escolha: eram dois blocos, de entreguistas e comunistas, a favor da entrega do nosso petróleo aos norte-americanos ou pela criação da Petrobrás. O sargento Ubaldo vestiu-se de petróleo e pagaria caro por isso. Era patriota, corajoso e, acima de tudo, humanista.

Como Aprígio entender um homem com essas características? Atribuía a boa ação que ele fizera a um grande coração. Devia ser muito religioso. Que nada, era ateu. O sargento Ubaldo não fez nenhum discurso para o carolinense, simplesmente praticou um gesto próprio da sua forma de ver o mundo, a solidariedade.

Aprígio estava totalmente engrenado na sua atividade de entregador de drogas, motorizado, lendo endereços, números de telefones, contando rápido o dinheiro recebido, sabendo inclusive calcular percentual a que

tinha direito. Amparado pela proteção do tio, caminhava de vento em popa. Cada dia virado na folhinha do seu quarto era um passo a mais que o afastava do exemplo dado pelo gesto solidário do sargento Ubaldo. Não sou palmatória do mundo, vou cuidar da minha vida. Duvido encontrar alguém por aqui como aquele sargento. Aprígio realmente tinha boas recordações e respeito pelo sargento mas as circunstâncias colocaram-no na contra-mão dos caminhos trilhados por Ubaldo. Ah... deixa isso pra lá. O sargento é tudo de bom mas não sai daquilo.

Tudo isso desfilava pela cabeça de Aprígio a cada noite, antes de dormir, depois que guardava o percentual ganho no dia numa gaveta com chave no seu quarto, na casa do tio. O exemplo do Tagarela, atropelado e morto logo após abandonar o tráfico de drogas, “por simples acaso”, nem de longe passava pela sua cabeça. Quando chegar a hora de largar esse vai e vem arriscado todo santo dia, quero montar um negócio meu, comprar uma casa, casar e ficar me balançando na varanda numa rede de casal direitinho como eu via o prefeito de Carolina fazer...

O Sonho da Volta

– Ô Lula, o que tu tem na cabeça, de uns dias pra cá, que se vira pra lá, pra cá e demora a pegar no sono? – perguntou a mulher, que o observava nas noites mal dormidas. – Dinheiro não é, porque está entrando na gaveta que nem cachoeira de rio, doença também não. Eu, os filhos e tu mesmo podemos vender saúde.

Num tom grosseiro, respondeu:

– Não quero que tu te meta nos meus negócios. Não falta nada em casa pra tu nem prus meninos. O que tu quer mais? Quer te meter agora onde não foi chamada? Tenho que pensar pra frente. Arrumar o meu futuro e não sei onde será melhor, aqui ou lá no meu Maranhão.

– O que tu vai arranjar praquelas bandas que fora do rio não tem mais do que se viver?

– Deixa de dizer besteira, mulher, o que não falta lá é luz elétrica, pra montar um cinema, um hotel. Até mesmo um frigorífico.

– Mas tu me disse que enquanto tua irmã tivesse lá o puteiro, tu por lá não aparecia.

– Falei isso mesmo mas ela se mudou pra um garimpo de ouro, no Pará, que nem cem mulé da vida dá conta do recado –. E seu Luís acrescenta, mudando de tom: – Ando pensando em juntar muito dinheiro, pra dentro de uns três ou quatro anos, sem avisar a ninguém, anoiteço aqui e não amanheço. Ninguém vai me achar.

– E seu sobrinho Aprijo também vai?

– Só você e os meninos. Tou falando demais. Só nós dois sabe disso. Faz de conta que não falei nada. Falta muito tempo e quem sabe se tou vivo até lá. Só Deus sabe do nosso futuro. Esqueça tudo, cuide dos meninos que eu cuido do meu trabalho.

Se o Aprígio como entregador da mercadoria tinha sua vida em risco por qualquer deslize de informação ou de conduta, imagine seu Luiz, que ascendera na hierarquia da droga, tratando diretamente com o dono do morro. As horas sem dormir eram

motivadas mais pela recapitulação do passado do que pelo futuro. Quem o acharia lá em Carolina? Na hora de sair, na despedida dos vizinhos, diria que estava se mudando para São Paulo.

Os caminhos para Carolina eram vários. Por avião comercial, uma vez por semana pingando de cidade em cidade, era um dia inteiro. Por terra, passando por São Paulo, cortando até Goiás, onde hoje é Brasília, até as nascentes do Rio Tocantins e daí pra frente de canoa. Aprígio viera pelo litoral, deslumbrado com a viagem pelo Correio Aéreo Nacional, de graça, incluindo hospedagem, desde São Luís do Maranhão. Nas suas folgas, sentado na birosca, agora um bar muito frequentado, ele descrevia com detalhes tudo que vira e desfrutara do convívio nas unidades da Força Aérea, onde pernoitara, misturando-se aos praças. Fora, sem dúvida, a viagem da sua vida. Até noções práticas de geografia ele tivera durante o voo, porque o capitão o chamara à cabine para ele observar o litoral e a esquina do Brasil, na cidade de Natal.

Aprígio sonhava com aquela viagem, sem perspectivas, é verdade, de repeti-la, deslumbrado como se fosse um filme que terminou no pouso no Rio de Janeiro. A realidade do morro, seu destino, não tinha qualquer semelhança com os caminhos trilhados por outros nordestinos, também sonhadores, mas que chegaram já com alguma condição. Sete décadas se foram e os aprijos apenas trocaram

o avião pelo caminhão. Vão e vêm pela Belém-Brasília, mais vêm do que vão. E por muito tempo assim será. Seu Luiz e o sobrinho Aprígio têm seus caminhos próprios. São como os porcos-do-mato, olham para baixo e mesmo assim são velozes. Laranja madura na beira da estrada é azeda ou está bichada.

A Retreta da Praça

*A praça é ampla e cheia
de árvores,
de canteiros de flores
E de bancos com
gente conversando,
gente lendo,
gente namorando.
No meio da praça tem os coretos
Onde as bandas de música dão concertos
nos sábados
nos domingos
nos feriados.
A calçada da praça é larga e alegre
E nos estreita num abraço.
A música dos coretos nos embala
E de mãos dadas com a amada
Fazemos a retreta da praça.
Nestes longos anos de ausência
Eu nunca faltei à retreta da praça.*

O projeto de seu Luiz de retornar a Carolina dentro de três a quatro anos fervilhava em sua cabeça. Carolina não é mais minha Carolina. Transporte pelo rio Tocantins com barcos a motor, avião comercial uma vez por semana, estrada boa, pavimentada... qualquer um chega lá na hora que desejar. Perdeu a sua privacidade, que, agora, seria a sua segurança. O medo das garras dos chefes do tráfico tirava o seu sono. Por outro lado, pela sua vivência percebera que o grande risco estava em permanecer na área de operação e se transformar em agente duplo entre concorrentes e polícia. O seu projeto era totalmente diferente das atividades com as quais dizia querer "enricar". O tempo corria, seu silêncio era total quanto às suas conjecturas.

Resolveu preparar o terreno. Conversou com o chefe que estava precisando de umas férias, queria visitar uns parentes. Deixou a família, como garantia, tirou um mês de férias e foi até Carolina. Hospedou-se numa pensão onde sequer foi reconhecido, pelos muitos anos que haviam se passado desde que fora embora. Reapresentou-se aos antigos conhecidos, curtiu histórias da infância, colheu informações e lamentou não haver um hotel na cidade. É, Lula, você tem razão. Essa cidade cresce, cresce mas ninguém se aventura a abrir um hotel. Quem tem dinheiro aqui quer comprar terra e criar boi, pra vender pro frigorífico de Araguaína. Muita gente que passa por

aqui sai reclamando a falta de um hotel e alguns falam em ar refrigerado nos quartos. Quem é que tem uns mil contos de reis para aplicar de vez num hotel? Só rico mesmo. Mas rico não vem morar aqui! Seu Luiz não disse nada, mas achou que tinha encontrado o que procurava.

Percorreu o comércio, observou as casas que vendiam material de construção, comentou que os preços estavam altos. Seu Ibrahim – comerciante desde quando Luiz era menino – proprietário do Empório de Materiais de Construção, trazidos de caminhão pela Belém-Brasília, baixou o tom de voz para comentar: – Esses preços são pru varejo miúdo, quem compra numa vez mais de um milheiro de tijolos, cem sacos de cimento, muita madeira e paga à vista, a conversa é outra. Baratinho, baratinho, tiro uns vinte por cento. Se o freguês for amigo, ainda tiro umas quirelinhas de desconto.

Isso aqui, Lula, mudou muito. Essa estrada tirou sossego da gente, mas também quem tiver cabeça e disposição de trabalhar de sol a sol ganha o seu dinheiro. Eu mesmo que já ando pelos sessenta e cinco anos melhorei muito de vida, arrastado por essa estrada que Juscelino fez. E olha que não passa na cidade, são cem quilômetros. Homem danado esse. Ninguém tinha sossego, quando menos se esperava ele chegava de dia ou de noite num avião pra fiscalizar tudo. De bota,

manga de camisa, descia do avião, pegava a primeira varinha que tivesse ali pelo chão, se misturava com os peões da obra, tomava seu golezinho de cachaça e ia logo falando: Quando é que vou inaugurar essa estrada? Aquele homem parecia Nosso Senhor Jesus Cristo, fazia milagre, era só botar a mão pra tudo dar certo. Carolina melhorou muito e parou. Tá faltando outro Juscelino. Ouvi dizer que esse homem até preso andou. Mas Deus vê tudo. Quem fez essa maldade tá com seu lugarzinho guardado no inferno.

Seu Ibrahim olha o sol alto: Mas conversa puxa conversa, Lula, e já está na hora do almoço. Vamos almoçar lá em casa e quero ver se a minha velha vai te reconhecer. Não se incomode seu Ibrahim, vou dar trabalho à sua senhora! Que nada, ela até gosta quando levo algum amigo para comer lá em casa, porque ela é uma cozinheira de mão cheia. Também quero ver se ela se lembra de você. Saí daqui rapazinho, meu pai morreu moço, minha mãe não durou muito depois da morte dele, só ficou por aqui minha irmã que não adianta mentir, se meteu na zona. Felizmente ela saiu daqui.

Minha velha, veja quem está aqui. Vou lhe ajudar: nasceu aqui, mora no Rio de Janeiro e é tio do Aprijo. Assim é fácil demais. Deixe eu olhar bem pra ele. É o Lulinha, filho do seu Edgar e da dona Alba. Mulher danada para reconhecer as pessoas.

Trouxe ele para almoçar dizendo que você é a melhor cozinheira de Carolina. Deixa de inventar coisa, Ibrahim, eu cozinho mais ou menos. Com um largo riso simpático dona Alba exclama: por onde tanto andou que tanto cabelo criou? Com um sorriso também expressando alegria seu Luiz responde: há tanto tempo que não ouço esse ditado, dona Alba, que até me engasgo para responder. Vivo no Rio de Janeiro, mas tenho fé em Deus que ainda venho morar o resto da minha vida aqui em Carolina e, quem sabe, montar um negócio. Venha, intrometeu-se na conversa o Ibrahim, que todos nós ficaremos contentes. Isso é só imaginação da minha cabeça. Parece que acabar a vida é mais difícil do que começar. Olhe, Lula, hoje em dia montar um negócio que dê bom lucro, mesmo aqui em Carolina, tem que ser de trezentos mil pra fora. Sei disso, mas se vier mesmo, é porque estou preparado.

23

Voar É Preciso

Os meses que antecederam o suicídio de Getúlio Vargas foram de agitação política nunca vista no país. À criação da Fábrica Nacional de Motores, dos caminhões FNM (“fenemê”), seguiu-se o fabrico de aviões M-8 e M-9 para instrução primária de voo, a implantação da Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda, no estado do Rio de Janeiro, e a Fábrica de Aviões Foch Wulf monomotores para instrução e bimotores para treinamento militar. A “Marcha para o Oeste” brasileiro se deu pela abertura de estradas, de novos meios de comunicação e pelo esforço de pacificação de nossas tribos indígenas. Finalmente, a criação da Petrobrás coroou os avanços históricos e patrióticos do período.

Apesar da longa experiência política e de ter voltado à Presidência pelo voto popular, Getúlio não soube avaliar o peso dos interesses contrariados com tais medidas. As forças políticas de oposição

conseguiram isolá-lo de seu apoio militar, envolvendo-o no atentado contra Carlos Lacerda, sem dúvida seu mais barulhento opositor.

Ao final de uma conturbada reunião no Palácio do Catete com todo o Ministério, levantou-se e pronunciou a famosa frase: “Já que os senhores não decidem, decido eu”. Recolheu-se ao quarto de dormir, sentou na cama e deu um tiro no peito. Foi a maior vitória de Vargas em toda a sua vida política: entrou para a História e conseguiu adiar por dez anos a articulação golpista que se concretizaria em março de 1964, com os mesmos conspiradores civis e militares daquela época.

O vice-presidente Café Filho assume e entra em crise de saúde. Hospitaliza-se. Na linha de sucessão, assumiria o presidente da Câmara dos Deputados, que embarca em um cruzador da nossa Marinha de Guerra com um grupo de políticos, entre os quais o brigadeiro Eduardo Gomes, derrotado pelo general Dutra na eleição anterior. Aporta na cidade de Santos, de onde imaginava a tomada do poder.

Em todos esses acontecimentos, os militares e civis nacionalistas, que haviam se engajado profundamente na luta pela Petrobrás – chamados de “petroleiros” – participaram ativamente pelo “Retorno aos Quadros Constitucionais Vigentes”, proclamados pelo general Henrique Teixeira Lott.⁴

Desde 1953 eu deixara a Força Aérea Brasileira, beneficiado por leis que permitiam a redução do tempo de serviço para o oficial da ativa passar para a reserva com todos os proventos, desde que tivesse condecorações e participação na guerra. Foi o meu caso.

Desliguei-me completamente da Força Aérea, mantendo apenas as relações de amizade construídas durante os anos em que lá estive. Fui aconselhado por oficiais superiores a não me envolver no movimento sindical. Essa era realmente a minha intenção. Mas o suicídio do Presidente convulsionou o cenário político, particularmente na área trabalhista.

Instado por companheiros da aviação civil, senti-me na obrigação de corresponder à solicitação de dirigentes dos aeronautas. Não seria justo integrar uma categoria profissional considerada de alto risco sem assumir a responsabilidade de lutar pelas suas reivindicações, arcando com todos os riscos do emprego. Elegeram-me Presidente do Sindicato dos Pilotos em Transporte Aéreo. Eu iria me comprometer cada vez mais até integrar o secretariado político do Comando Geral dos Trabalhadores, dissolvido com o golpe militar de 1964.

Empenhei-me na obtenção da regulamentação do exercício da profissão de aeronauta civil, calcado

nas exigências e cuidados adotados na aviação militar. Através de informações veiculadas em revistas especializadas de todo o mundo, constatamos que noventa por cento da segurança de voo repousa nas condições físicas dos tripulantes da aeronave. É complexo conciliar saúde, tranquilidade familiar, conhecimentos técnicos, independência para decidir quando sentado no *cockpit* (“posto do galo”), a cadeira do comandante e... o lucro das empresas. É verdade que estatisticamente esses fatores asseguram maior crédito às empresas aéreas, mas o custo da segurança onera a operação.

A nova agenda de reivindicações por mim levada às diretorias das empresas aéreas, inclusive a em que eu trabalhava, a Varig, foi considerada ousada e praticamente inviável. Não desisti. Tive o apoio do órgão responsável no Ministério da Aeronáutica, que era a Diretoria de Aviação Civil. Foi constituída uma Comissão Mista com representantes da Diretoria da Aeronáutica Civil, do setor de Saúde do Ministério do Trabalho, do Sindicato das Empresas Aéreas e do Sindicato dos Aeronautas. Foram meses de debates, com avanços lentos após discussões muitas vezes ríspidas.

Durante o governo Jânio Quadros, fomos convocados ao Palácio do Planalto – representantes de empregados e empregadores – para discutir a Regulação dos Aeronautas, então já pronta para ser

assinada. Foi um “parto da montanha”, ainda imperfeito, porque sem concessões não teríamos a regulamentação que até hoje rege o exercício da profissão do trabalhador aéreo.

Quando o presidente Jânio renunciou, em 1961, eu estava no comando de um avião Super-Constellation, da Varig, transportando uma numerosa comitiva de empresários para Uberaba, em Minas Gerais, onde havia uma grande exposição agropecuária. Foi um grande choque quando comuniquei pelo microfone, em pleno voo: “O presidente da República acaba de renunciar e se desloca para a Base Aérea de Cumbica, em São Paulo”.

Fui comandante na Varig durante onze anos, de 1953 a 1964. Foram anos maravilhosos, apesar das divergências com a empresa, quando se tratava de relações trabalhistas. É indescritível a sensação de voar no comando de uma aeronave cheia de passageiros, centenas deles, todos confiantes nos conhecimentos teóricos e práticos do comandante – que não pode errar nem ter dúvidas na hora de tomar decisões que envolvem, inclusive, sua própria vida. Só o conhecimento não basta. Acima dele é necessária a convicção da solução rápida e certa para o imprevisível.

Logo após a guerra houve a fantástica evolução para o avião a jato, ainda com velocidade inferior à do

som, que atende até hoje às necessidades e conveniências do tráfego interno até mesmo em países de dimensões continentais, como a China, Estados Unidos, Brasil, Índia e África do Sul.

A aviação supersônica exigirá modificações profundas e enormes investimentos no fabrico e operação das novas aeronaves. Cabe a reflexão: quem arcará com o sucateamento das atuais aeronaves? É lógico que nenhuma empresa privada irá se dispor a jogar no lixo seus aviões convencionais e, muito menos, os maravilhosos jatos subsônicos.

Os novos aviões, em aço carbônico com a resistência do aço e o pouco peso do alumínio, poderão dispor de toneladas a mais para o aumento do número de passageiros e de carga. O combustível será, talvez, nuclear... O efeito do estrondo da barreira sônica poderá ser amenizado se for efetuado sobre o oceano.

Navegar é preciso, desde que com instrumentos adequados e objetivos definidos.

Golpe Militar de 1964

Meu Brasil

*Já começava a entender porque existem as flores
 Já começava a entender a alegria das crianças
 Já começava a entender o ardor dos jovens
 Já começava a entender a placidez dos velhos
 Já começava a entender porque existe a fome
 Já começava a entender a linguagem dos líderes
 Já começava a entender que viria o dia da justiça
 Já começava a entender que vale a pena lutar*

Quando aconteceu!

De repente meu Brasil

*Viu as flores perderem o sentido de existir
 E as crianças de súbito pararem de sorrir.
 Viu os jovens pela força emudecerem
 E os velhos perderem a merecida calma.
 Viu a justiça duramente açoitada
 E a arte a cultura a inteligência amordaçadas.*

Viu a esperança esperar com olhos de pranto!

Depois que aconteceu!...

24

Mala Pesada

- Estou decidido. Quando tiver o dinheiro, amanso o Home e vou mimbora pra Carolina. Monto um hotel com um bom restaurante e vou ser respeitado na minha terra – entusiasmou-se seu Luiz.

A viagem lhe fizera muito bem. Demonstrou ter posses. Não voltaria à cidade natal como um fracassado. Pelo contrário, seria chamado de seu Luiz pelos mais jovens. Os companheiros de banhos e pescarias no Tocantins, que trocaram com ele canga-pés, nas brincadeiras nos remansos do rio, iriam vê-lo com admiração e inveja. Apesar de só ter cursado quatro anos de escola, era um sujeito informado, interessado pelo noticiário no rádio, um pouco por jornal. Aprendera a falar bonito. Mas devagar com o andor que o santo é de barro. Tinha que avançar com cuidado, pra não acabar como o Tagarela, que dormiu de touca, bobeou, foi pro beleléu, babau.

Nem mesmo Aprígio fora informado da viagem do tio a Carolina. Apesar da preocupação com o destino do sobrinho, seu Luiz preferiu não contar seus planos, era mais seguro para os dois. Nunca se sabe, as namoradas, uma cerveja além do limite, mesmo para demonstrar confiança, poderia escapar uma informação e tudo iria água abaixo. A tal história de que em boca fechada não entra mosca. Muito angustiado pro fubá dele.

Seu Luiz precisava inventar alguma coisa realmente boa para dar certo e poder tirar o time. Mas ainda não atinava com o quê. O que não tem remédio remediado está. Resolveu dar tempo ao tempo. Vamos ver o bicho que dá. O bar, quase um restaurante, dava muito trabalho. Sem contar os negócios por baixo dos panos. No alto-falante do salão agora tocavam as músicas da moda, não só as nordestinas, como Dolores Duran, Maysa. Aquelas de rasgar o peito. Era o tempo dos concursos de misse, calça de brim Coringa, gumex, televisão começando.

Não demorou muito. Numa noite fria, ao se levantar para ir ao banheiro, seu Luiz teve um desmaio. Foi um corre-corre danado. Ele teve que procurar um médico.

- Seu Luiz, o coração é a mesma coisa que uma bomba d'água, qualquer cisquinho que atrapalhe a passagem do líquido provoca uma variação de pressão. No caso

do coração, chega a dar uma tontura e o desmaio. Foi mais ou menos isso que o senhor teve. Às vezes não dá em nada porque é fruto de preocupação. Mesmo assim, é bom evitar carne de porco, comer mais peixe e beba muita água, pouca de cada vez.

Seu Luiz pediu para o médico escrever essas recomendações, porque naquele instante ele percebeu que a saúde podia ser o pretexto que estava buscando para justificar seu afastamento do tráfico, mais tarde. E não foi por acaso que passou a frequentar o consultório médico. Começou a fazer a dieta que o doutor mandou, reclamou de uma nova tontura para o médico lhe passar um remédio. Por escrito. Seu plano avançava.

Na verdade, seu Luiz estava despreocupado com a saúde, os exames não acusaram nada de anormal. O médico lhe passara uns chás, uma maracujina, mas seu Luiz, malandro, passou a reclamar de cansaço, sentava fazendo careta, como se tivesse pontadas. Mas apesar de todo o teatro não descuidava dos negócios, ele precisava juntar dinheiro e não decepcionar o chefe.

A época não podia ser melhor. O Rio de Janeiro parecia uma festa. A granfinagem tomava uísque, a vodka bem gelada começava a aparecer nos salões, as mulheres tomavam cuba-livre. Oficialmente, o

lança-perfume se usava para brincar, jogando uns nos outros. Carmem Mayrink Veiga, uma das “dez mais” das colunas sociais da época, contou numa entrevista que se usava Rodouro, um lança-perfume com cheiro de jasmim.

Agora era se dedicar de corpo e alma ao crescimento da freguesia, juntar dinheiro e de vez em quando reclamar de uma dor no peito, de xaveco. No ano seguinte fez uma viagem para Pirapora, em Minas Gerais, às margens do Rio São Francisco e decorrido mais um ano chegou até Salvador, na Bahia. Sua receita caracterizava o interesse pelo trabalho e justificava o agravamento coronariano. Nos dias de grande sucesso nas vendas ele dizia para sua mulher: tá chovendo direto no meu roçado.

Os sequestros, assaltos, netos assassinando avós, filhos massacrando pais à busca de dinheiro para alimentar seus vícios não faziam ainda parte do noticiário policial. Esse clima engordava os bolsos de seu Luiz em ritmo mais acelerado do que imaginara. Mesmo assim esperou os dois anos. À medida que os meses corriam aproximando-o do dia final – no tráfico – o nervosismo decorrente de satisfação e medo o deixou em dúvida de como tratar os negócios com o Chefão. Ora essa – imaginou seu Luiz – tudo que era difícil eu arrumei e agora que é só falar eu estou enrolado? Vou me dar uma semana de prazo e logo

no oitavo dia vou direto de sola em cima do Home.

Depois do jantar – já noite escura – abriu seu baú feito de pau-santo, como se chamava o jacarandá, porque os santos eram feitos dessa madeira-de-lei que dura séculos, mais resistente que ferro. Espalhou o dinheiro no chão e contou. Tinha o dobro do que calculara para se iniciar no comércio hoteleiro em Carolina.

Chegou o dia que marcara para si mesmo. Bateu o nervoso. Sossega, leão. Sem conhecimento da mulher, apanhou as receitas médicas, tomou coragem e dirigiu-se à casa do Chefão. Sem rodeios, mas charmoso, tirou do bolso as receitas, entregando-as e foi logo dizendo: – Não parei antes porque sabia da minha responsabilidade, mas estou às suas ordens até encontrar um para botar no meu lugar.

O Home olhou-o de alto a baixo. Tinha que reconhecer que seu Luiz era corajoso. Fosse outro não saía vivo nem daquela conversa. No mínimo com sentença tirada. Mas a idade avançada de seu Luiz tinha sido boa para os negócios, dando respeitabilidade. Ele mesmo via no velho maranhense um pouco do pai que não conhecera, o sotaque carregado, revelando a mesma origem de quase todos que moravam na favela. Sem dúvida, seu Luiz era muito querido.

– Pelo que tou lendo nas receitas o senhor tá abusando.

- É verdade, não tinha como não fazer o serviço - respondeu com um profundo suspiro aparentando cansaço, na verdade alívio.

O mais difícil parece que já tinha passado. Como é, seu Luiz, que o senhor tá pensando em fazer? D'agora em diante minha vida tá nas suas mãos. Quando entrar um no meu lugar - se até lá estiver vivo, com a graça de Deus - e eu ensinar tudo a ele, com a ajuda de Aprígio que já sabe tudo e tá danado na lambreta, tou pensando de ir morar em Pirapora. Vamos fazer o seguinte, seu Luiz, hoje é segunda-feira, vou ver umas coisas aí, na outra segunda o senhor vem aqui que vamos resolver tudo. Tá combinado? Tá sinsinhô.

Não podia ter sido melhor e mais cordial o entendimento. Restava saber se o Home não estava pedindo o prazo pra acertar com Chicão.

25

Prudência

Um quilo de prudência vale mais do que meia tonelada de lealdade, não fale de corda em casa de enforcado, não leve tudo a ferro e fogo, não dê passo maior do que as pernas, não vá com muita sede ao pote, não ponha o carro à frente dos bois, não meta o bedelho onde não é chamado, não julgue se não quer ser julgado, não troque o certo pelo duvidoso, não seja mais realista do que o rei, mais vale um marimbondado na mão do que dois voando, nunca diga desta água não beberei.

- Essa nossa atividade, seu Luiz, só tem uma porta, que é a entrada, porque pela saída só sai caixão com um dentro.

Seu Luiz arregalou o olho de susto, a descarga de adrenalina acelerando o coração. É agora que tenho mesmo um treco, pensou.

O Chefão parecia estar curtindo com a sua cara. Mas o seu caso é diferente – continuou com um sorriso. Nunca me criou dificuldades, trabalhou duro e acho até que deu para enricar. Pra enricar não deu não sinhô, mas pra arrumar a vida até que deu. Pensei muito na sua saída. Se o Aprijo ficar no seu lugar, é uma garantia, o senhor não pode cagoetar que lasca seu sobrinho. Vamos fazer o seguinte: eu compro o seu bar, boto um homem da minha confiança lá e o Aprijo passa a trabalhar direto comigo. O senhor já sabe, a vida dele depende do senhor.

Seu Luiz respirou fundo, dessa vez sem ser teatro. É verdade, se safava mas deixava o sobrinho pra trás. Fazer o quê, de certa forma era até uma herança. Proteger o sobrinho era também esconder a origem do dinheiro que tinha ganho. Os investimentos em Carolina seriam uma maneira de lavar o dinheiro, precisava resolver como justificá-lo e, sobretudo, transportar tantos cruzeiros em espécie.

Tinha que pensar com muito cuidado na rota da viagem. Para despistar e ter segurança também no trajeto. Melhor por São Paulo e até onde tiver trilho de ferro em Goiás. Aí posso alugar um caminhão de boleia grande onde viajaria com a mulher e os meninos até Carolina, mesmo que demorasse muitos dias e tendo que passar por estradas ruins. Não tinha pressa. A moçada se ajeitava em cima da carga. Se

chover, não tem problema porque compro uma boa lona encerada para cobrir tudo. Pra pernoitar é só escolher um posto com bastante caminhão, um protege o outro. O dinheiro, esse acho que vou ter que deixar um bocado no banco, pra ir tirando aos poucos. Não posso arriscar de ser assaltado no caminhão e perder tudo. Posso ir sacando em cidades diferentes, pra não chamar atenção. E pra fazer negócio em Carolina, digo que vendo meus negócios no Rio e pronto, recebi em dinheiro.

A palavra é de prata e o silêncio é de ouro, em boca fechada não entra mosca, passarinho que muito canta caga no ninho, quando a barba do vizinho arde põe a tua de molho, boa romaria faz quem em casa vive em paz, mais vale prevenir que remediar, quem pedras joga para o alto uma lhe cai na cabeça, quem não ouve sossega ouve coitado, quem semeia ventos colhe tempestade, quem guarda acha, por via das dúvidas, um pé na frente e outro atrás, prudência e caldo de galinha não fazem mal a ninguém.

Pesava na consciência de seu Luiz não incluir o sobrinho em seu projeto. Não pretendia contar que estaria voltando a Carolina. Ora, quando cheguei aqui no Rio de Janeiro, ninguém me deu conselho, me ofereceu emprego nem me ajudou. Fiz tudo por Aprígio: dei casa, comida, emprego, onde ele vem ganhando bastante dinheiro, principalmente agora

com a minha saída, o que falta? Nada. Que ele caminhe com as pernas dele como eu caminhei com as minhas, ninguém me deu colher de chá. Devagarinho fui metendo o bico aqui e acolá e cheguei onde estou, independente, dono da minha vida e se Deus quiser vou ser seu Luiz dono do melhor hotel de Carolina. Aliás, preciso já ir pensando num nome bonito pra ele.

Na prática, os preparativos para a viagem foram razoavelmente simples. Lá teremos vida nova. Tudo novo. Uma semana de pensão e já podemos estar em casa alugada com tudo dentro. Se Deus nos ajudar, com um ano dá pra construir nossa casa num terreno grande, encostado no rio. No quintal com duas mangueiras, quero deitar na minha rede, lembrar de quando deixei Carolina, as voltas que dei pelo mundo e finalmente voltar pra encontrar a cidade crescida, com telefone e, pra quem pode, até aparelho de ar condicionado. Vou realizar um sonho em que não acreditava.

Ô Lula, tu não tá te metendo a cavalo do cão? – estranhou Rita, habituada a não ser consultada pelo marido na tomada das decisões, mas farejando o perigo. Vira essa boca pra lá, mulé... tudo deu certo até aqui e agora tu vem com agouro! Mas foi bom mesmo a tua fala porque me lembrei de muita coisa. De que tu te alembrou? Vamos começar vida nova, você vai ver. E muito boa. Com conforto, sem risco, vamos

montar nosso negócio, já tenho experiência com bar-restaurante. É só tomar conta do caixa, conferir todo dia o estoque e ficar sempre de olho nos empregados pro freguês sair satisfeito. Eu fico na caixa e de olho no atendimento e tu na cozinha pra comida sair bem feita e não deixar roubar nada. Outra coisa: nada de falar muito sobre os negócios no Rio de Janeiro. Tu tomava conta da casa e das crianças e eu largava o couro no bar, até o dia que consegui fazer um bom negócio, vendi e fomos embora.

Quem corre cansa, quem anda alcança. Seu João, daqui da ponta dos trilhos até Carolina a estrada é toda boa? Pra mim ela é boa. Tem pedaço que anda a dez quilômetros por hora, tem outros a cinquenta. Parado mesmo sem andar não tem nenhum. Se o senhor deixar comigo que já estou calejado de tanto ir e voltar, com dois, três dias estamos lá se Deus quiser. Já estou viciado de tanto fazer essa viagem. Correr pra chegar depressa não adianta. Pois é isso que faço e tenho me dado bem. O caminho é uma beleza. O Véu da Noiva é uma cachoeira que se despenca de uns oitenta metros de altura. É uma lindeza. A Chapada dos Veadeiros tem campo de pouso pra avião, um casarão no meio de um monte de mangueira, cheio de papagaio de tudo que é tamanho, fazendo uma barulheira de doido. Tem tanto lugar bonito que dá vontade de descarregar o caminhão e ficar por lá, o senhor vai ver o que tou dizendo. Seu João, pelo que

o senhor tá dizendo acho que vou ficar pelo caminho. Que dá vontade de ficar, bem que dá, seu Luiz. Já tenho meus pontos de parada com bom pernoite, comida, roupa de cama limpinha e o café da manhã com bolo de milho, batata doce cozida na hora, com nata do leite das vacas do dono da pousada. O dono fala mais que o homem da cobra. Mas tem razão, porque só tem gente pra conversar fora da família quando passa um viajante. É uma vida triste pra nós, mas pra quem nasceu e se criou por ali é uma beleza. A tagarelice do motorista do caminhão tranqüilizou seu Luiz com as incertezas da viagem.

Vamos combinar o nosso horário porque não se deve rodar de noite e eu tenho certinho o tempo que gasto de um pernoite pro outro. Uma hora depois do dia clarear deve tá todo mundo pronto, de café tomado, é só pegar a estrada. Uma hora antes do sol se pôr eu paro e vamos cuidar da dormida. Já tenho tudo isso arrumado na minha cabeça pra correr tudo bem. Nós queremos é isso mesmo, seu João, uma viagem não muito cansativa e segura. Que Deus nos proteja, respondeu o caminhoneiro.

Minha Cidade

*Minha pequena cidade
Meu real primeiro lar!
Entre nós tal a distância
Que somente a saudade
Com sua misteriosa ciência
Tem metro pra calcular.*

*Diziam-te feia sem graça
Pobres ruas uma praça
Nem sequer água encanada
Nem luz pra alumiar.
Mas de que serve luz elétrica
Pra quem tem o teu luar?
E pra que água encanada
Se tens a Fonte da Mata
A jorrar vida em cascata
No seu eterno cantar?*

*Pequenina imensa cidade
Precisei ganhar idade
Viajar pelas lonjuras
Provar risos e amarguras
Para enfim ver com clareza
Que tudo em ti era beleza.*

Até teus bêbados teus dementes

– que davam feição à cidade –

Pobres alvos inocentes

De minha inocente maldade:

– Maria Romana

João Mexeu

João da Doninha

Pinicopeu!

Certo viraram santos!

Recompensa merecida

A quem sem queixas nem prantos

Deram suas vidas à vida.

Foi assim que te amei

Quero-te igual à que deixei

Parte viva de minha memória

“Belo-belo” de minha história

Mundo encantado em que sorria

Minha menineira alegria.

Meu mundo de traquinagem e desatino

Onde eu nada tinha. Contudo

Eu era rei dono de tudo:

Eu era menino!

A chegada foi como o planejado. Seu Luiz só não contou com a emoção que sentiu ao avistar a cidade do alto de um morrote, quando vinham chegando no caminhão de seu João. O lado sujo do seu trabalho ele não queria lembrar, é como se tivesse estado preso. Mas preferia pensar que não tivera envolvimento com a morte de ninguém. Pelo menos não diretamente. Agora era virar a página e seguir em frente.

- Vai ter primeiro e segundo andar. No térreo faço restaurante, lavanderia, estacionamento, jardins. Tou pensando num jardimzinho zoológico com os bichos da região – sonhava o futuro hoteleiro Luiz.

Canção da Minha Terra

*“Minha Terra tem palmeiras
onde canta o sabiá.”*

Minha Terra tem “coqueiro que dá coco”

*Minha Terra tem passarinhos
que cantam acordando o dia*

*Minha Terra tem riquezas
que iguais outras Terras não têm*

*Minha Terra tem Índios, Pretos, Mestiços,
Mulatos, Brancos,*

Brancacentos e até Pretinhos de olhos azuis

*Minha Terra tem bandidos, traficantes,
assaltantes,*

Corruptos e até gente séria e incorruptível...

*Nos morros favelas de Minha Terra,
bandidos bem armados*

praticam tiro ao alvo matando policiais

mal armados e matando-se uns aos outros

*Minha Terra tem leis para tudo,
principalmente*

para punir pretos e pobres; poupar ricos,

poderosos, corruptos e quejandos

Enquanto no seu "Berço esplêndido"

O ""Gigante Adormecido" ronca,

Meu Brasil marcha

na mais perfeita desordem!...

- Alô, capitão!
- Fui capitão, agora sou coronel. Quem está falando?
- O senhor se lembra do Aprijo?
- O único Aprijo que conheci anos atrás veio comigo num voo do Correio Aéreo Nacional de São Luís do Maranhão para o Rio de Janeiro.
- Como o senhor está com a cabeça boa... foi isso mesmo. Tudo bem com o senhor?
- Lembro-me também que você permaneceu vários dias no QG da Terceira Zona Aérea, hoje Terceiro Comar, enquanto localizava um tio seu. Por que depois de tantos anos você teve a ideia de telefonar?
- Vou falar a verdade para o senhor mas por telefone não dá. Posso ir até a casa do senhor?
- Pode.
- E o sargento Ubaldo, que notícia o senhor me dá dele?
- Ubaldo morreu há uns quinze anos, de câncer.
- Homem bom aquele... me tratou como filho nos

oito dias que fiquei no Posto-Rádio da Aeronáutica em São Luiz. Dele e do senhor, estou sempre me lembrando. Posso ir na casa do senhor na quarta-feira que vem, depois do almoço?

- Pode - respondeu o coronel, já com a curiosidade despertada pela lembrança, depois de tantos anos, de um dos vários nordestinos que conduziu ao Rio de Janeiro em busca de uma vida melhor. - Aprígio, como você obteve meu telefone que de lá pra cá mudou duas vezes?

- O meu serviço depende muito do telefone, o que me obrigou a aprender muita coisa. Até aprendi mais ou menos a ler, quase que sozinho. A melhor professora é a necessidade. Contar dinheiro e ler número é fácil.

- Está bem, Aprígio, espero você na quarta-feira na parte da tarde. Do jeito que você, pelo nome, foi ao catálogo e descobriu o telefone, volte lá que está o endereço.

- Já tenho tudo anotado, não se incomode. Às três da tarde tou por aí.

Será mero desejo de recordar ou mais um nó para desatar na vida desse rapaz, pensou o coronel com seus botões. Coronel de pijama é carta fora do baralho,

não manda mais nada. Ninguém casa com velha na esperança de ser pai. Desse mato não sai coelho. Lá no fundo do seu pensamento o velho coronel conservava intacta a sua característica rapidez de raciocínio diante do imprevisto.

- Pode entrar – disse o coronel a Aprígio, ao ouvir com pouca clareza o som da campainha. O coronel ficara meio surdo, em virtude dos decibéis extras das hélices e turbinas dos aviões no seu pé-de-ouvido, durante toda a vida.

- Quantos anos, quanta alegria de me encontrar com o senhor ainda forte, com a mesma cara e o mesmo jeito de capitão!

- Estou alegre em vê-lo Aprígio, é sempre bom rever alguém a quem tivemos a oportunidade de poder ajudar. Mas sente-se, por favor. Fale um pouco alto, estou curioso em ouvi-lo.

O coronel teve dificuldades em reconhecer naquele rapaz bem apresentado o humilde trabalhador que trouxera para o Rio. Ele parecia ter crescido, os ombros para trás, a roupa de boa qualidade. Mas o sorriso expressava a mesma franqueza de antigamente.

- Tenho uma caixa pequena de madeira onde guardo o que não posso perder – foram as primeiras palavras

do maranhense, que ainda conservava a timidez da origem. Na semana passada andei procurando um retrato e dei com um papel com o nome do senhor e do sargento Ubaldo. Na verdade eu não estava pensando no senhor nem no sargento mas quando vi o nome dos dois me correu um frio que foi da cabeça aos pés. Sair de onde eu estava e chegar ao Rio de Janeiro, pra mim naquele tempo, era mais difícil do que ir pru céu! Foi um sonho. Não sei se o senhor lembra direito da história. Para ganhar dinheiro em São Luís do Maranhão carreguei a feira numa mulher e pra minha sorte ela era casada com o sargento Ubaldo, que Deus tenha ele lá no céu. Acho que o senhor não esqueceu o que fez por mim. Até dinheiro, quando andei procurando meu tio, o senhor me deu pra passagem.

- Pois é, conforme lhe disse ao telefone, o sargento Ubaldo morreu, de câncer. Senti a perda dele, realmente era uma pessoa singular. Quem o conhecia se beneficiou, pelo menos, imitando-o na dignidade e inteireza de caráter -. Com essas palavras em tom baixo, pela emoção, o coronel encerra as reminiscências e pergunta: - Finalmente, valeu a pena a sua vinda para o Rio de Janeiro?

Aprígio, colhido de surpresa pela pergunta, ajeita-se na cadeira, olha para o teto e responde meio gaguejando:

– Foi o que de melhor eu fiz naquele tempo.

E Aprígio começa um longo relato, um pouco para si mesmo. Lembra a vida que levava em Carolina, quando menino, nadar no remanso do rio, pescar, jogar bola no terreno ao lado da igreja, chupar pedra de gelo de cupuaçu no bar do Guimarães, que tinha uma geladeira a gás... Mas tinha o outro lado ruim. A mãe ficou viúva com três filhos, ainda nova. O pai gostava de caçar, mas como não tinha tempo, usava a caçada de armadilha. Ele cevava o bicho durante três, quatro dias e depois botava a espingarda armada para ser disparada pela caça, quando tocasse na ceva. Um dia não tinha bicho nenhum morto e por isso ele foi mudar a ceva de lugar e nem se lembrou que a armadilha estava armada. A espingarda disparou e quem levou toda a carga de chumbo foi ele. A mãe estranhou a demora e foi atrás, voltou correndo chorando. Tava morto. A vida pra ela ficou difícil.

Aprígio fez uma pausa, tomando coragem para continuar. Mas ele estava decidido, o coronel precisava saber da história toda. Só o coronel poderia ajudá-lo, e para isso ele precisava se abrir. Tomou fôlego. Vai daqui, vai dali, ela morena meio cor de índia, achavam ela bonita, mas casar e levar de quebra três filhos ninguém queria. Ficar uma noite e de manhã cedo ir embora era só ela querer. O avô morava longe e vivia trabalhando nas palmeiras de babaçu por empreitada.

Ganhava quase nada. Não podia dar ajuda. A vida foi apertando, a mãe lavava roupa pra um, pra outro, promessa daqui e dali mas trabalho pra valer não saía nada. Conversa fiada era só o que ela ouvia toda boca da noite. Falar em casamento ou mesmo se juntar ninguém falava. Uma noite era um, noutra já era outro e ele já taludinho, era esperto e começou a saber das coisas, porque os moleques mais velhos lhe contavam. Aí a vida começou a ficar ruim. Com uns treze anos jogando bola, tomando banho no rio, ficou sabendo tudo de mulher.

- Minha mãe não teve saída – continuou Aprígio, a cabeça baixa. – Montou uma casa que só tinha mulher e nesse ramo ficou até hoje. Me contaram que ela tá num garimpo administrando, com licença da palavra, um puteiro. Nem amarrado volto pra Carolina.

O coronel interrompe o monólogo:

- Essa era a sua história. E agora, o que você está fazendo?

Aprígio baixou um pouco a cabeça, retirou do bolso um lenço. Passou no rosto, enxugando o suor da tarde quente, misturado com algumas lágrimas disfarçadas pelo tom de voz elevado.

- Quando o senhor disse ao sargento Ubaldo: “Bote

ele na lista e dê o embarque”, eu disse pra mim mesmo: “Tou no céu”. Pra mim, abaixo de Deus, aqui na terra, o senhor foi um pai, foi minha salvação. Tenha paciência para ouvir o que vou lhe contar em resposta à sua pergunta “o que faço agora”.

- Esteja à vontade, Aprígio. Na minha idade, se vive mesmo é de conversa. E meu caminho foi parecido com o seu: vir para o Rio de Janeiro para começar a vida independente. Mas fale.

Fragmentos de uma Conversa Social

*Já vivi a insensatez de minhas certezas
E a ousadia dos donos da verdade
Mas o rio da vida me levou nas correntezas
E aprendi na escola da idade
Como são frágeis as certezas
E quão duvidosa é a verdade.*

*Como pois definir minha tristeza
Se nem mesmo dizer eu saberia
Quando é alegre minha tristeza
Ou quando é triste a minha alegria?*

*E minha felicidade ou desventura
Se tão mutáveis e inconsistentes
Numa mesma linha existentes
Ora encantamento ora amargura?*

*Não sei definir coisa abstrata
Nem conheço a metafísica da razão
Por isso à crueza matemática
Prefiro a fantasia da emoção.*

*Gosto do amor pela doce alegria de amar
Gosto de soltar minhas lágrimas
se minha vontade é chorar
Gosto de libertar o meu canto
se meu desejo é cantar
Gosto das flores suas formas
suas cores seu cheirar
Gosto das árvores seus ramos seus frutos
suas sombras de repousar
Gosto dos pássaros sem gaiolas
e de seu liberto trinar
Gosto de pôr do sol e de auroras
e de suas cores anunciar
Gosto das montanhas com seus picos
furando o azul do ar
Gosto dos rios de sua força
de sua decidida corrida para o mar
Gosto das cascatas que em sua eterna queda
nunca param de cantar.*

*E assim vou minha andança compartilhando
No meu mundo de emoção e fantasia
A chama da vida aos poucos se apagando
Mas eternos ficarão o belo e a poesia.*

27

Verdade Verídica

– Aprígio, se você não encontrar seu tio esta semana, vou levá-lo para Guaratinguetá. Lá estamos implantando uma escola e tem trabalho para você. – Foi assim mesmo que o senhor me disse, o senhor lembra?

– Lembro-me sim. A resposta que me trouxeram foi que você teria deixado na véspera o alojamento.

– Não me esqueço, coronel. Foi numa quarta-feira. Eu tinha localizado meu tio. Ele tinha uma birosca lá na Rocinha, com muito movimento. – Faz uma pausa.

– Engasgou, Aprígio? – pergunta-lhe o coronel.

– Engasguei sinsinhô... O senhor promete ouvir toda a história e me ajudar?

– Se estiver dentro das minhas possibilidades, ajudo.

Aprígio conta que trabalha agora num bar no Largo do Boi, na parte baixa da Rocinha, para um traficante de drogas. Esse era o comércio do tio, acobertado pela birosca, que começou a ser frequentada pelos filhos de muita gente rica. Operário, desempregado, feirante, soldado, fuma um cigarrinho de maconha de vez em quando para esquecer a miséria. Mas quando começou a chegar mercadoria fina, apareceu a granfinagem. Primeiro foi para o carnaval, mas aí o pessoal queria dar um embalo nas festas. O negócio muda com o vício. Filho rouba do pai, depois de roubar as jóias da mãe, para comprar a droga.

- Eu sou um entregador e agora ganho bem - continua Aprígio. - Meu tio arranjou um jeito, não sei como, passou tudo adiante e com o dinheiro no bolso, com toda a família, anoiteceu e não amanheceu. Ele vinha se queixando do coração, andava tomando remédio. Vai ver era invenção para sumir. Não tenho notícia dele. A lei é não ouvir, não falar e não ver. Quem não cumprir isso, morre. Tou lhe dizendo isso porque o senhor é como meu pai, coronel. Tou perdido. Tenho algum dinheiro, não quero morrer, mas se largar eu morro - concluiu Aprígio, a angústia no olhar e no tom de voz.

Apesar da longa experiência de vida do coronel, que não tinha vícios, nem sequer fumava, aquelas palavras do Aprígio explodiram como uma bomba dentro dos seus ouvidos:

- Continue, quero ouvi-lo. Sua vinda aqui, pelo jeito, é um grito de socorro.

- É isso mesmo, coronel, tou lhe pedindo socorro. Tou perdido, sem parentes e nem mesmo o endereço da minha mãe eu sei. Mas também, com que cara eu ia atrás dela? Já homem feito, sem conhecer ninguém no garimpo onde ela está, iam pensar que eu era mais um freguês... aí eu ia morrer de vergonha. Não sei nem onde andam minhas irmãs. Tenho medo de tentar saber. O senhor com sua experiência deve imaginar o que sofro.

O coronel guardava um ar pensativo, o queixo apoiado na mão. Aprígio se animou a continuar:

- Pior de tudo isso é que não tenho como mudar de trabalho. Até que dinheiro eu tenho, pra ficar um ano sem ganhar, mas o difícil é deixar o que tou fazendo. Pru senhor ter uma ideia, um cara chamado Tagarela, que eu conheci, fazia o serviço que eu faço, deixou do dia pra noite o serviço e se mudou para um subúrbio num endereço sem número. Pois mesmo assim não durou quinze dias, morreu atropelado.

Aprígio começou a detalhar a história. Quando chegou, o tio o colocou para trabalhar na birosca. Enquanto aprendia a ler alguma coisa com os primos, começou a fazer entregas, que no começo ele

nem sabia direito do que se tratava. Aos poucos foi tomando pé da situação, percebendo o risco, aí já não tinha mais volta. Ganhou uma bicicleta para não precisar fazer as entregas a pé ou de ônibus. Depois foi uma lambreta, melhorando de vida.

- Nunca fui preso, graças a Deus. Nunca roubei, tenho minha consciência limpa. Mas agora tou numa encruzilhada desgraçada: quero deixar tudo isso enquanto tenho ficha limpa na polícia e tenho que arranjar uma companheira porque daqui a pouco tou velho e só no mundo.

O coronel, surpreendido com o inusitado da conversa, era só ouvidos, o pescoço esticado para a frente num gesto inconsciente de querer ouvir melhor. Sem vivência no mundo policial, escutava pela primeira vez o relato balizado pelo medo, mortes, sofrimentos decorrentes de atividades do submundo ilegal.

Sentiu-se no meio de uma pane que nunca tivera em toda sua vida profissional, como se fosse a parada das turbinas, na decolagem, ao retirar o avião do chão. Mesmo com técnica e competência, sem muita sorte não haveria solução. Pragmático, o coronel perguntou diretamente a Aprígio:

- O que você vê ao meu alcance que possa ajudá-lo?

- Quero que o senhor me tire dessa vida. Com o dinheiro que tenho guardado, posso recomeçar a vida noutra cidade, trabalhar em feira ou numa barraca minha, vendendo cachorro-quente, até encontrar o meu caminho certo. Tenho muito medo, principalmente agora sem a cobertura do meu tio.

Aprígio aguardou ansioso o que decidiria o coronel.

Saudade de Vavá

*Vavá era feliz na fazenda Grita Gó
de tio Totonho onde
O galo cantava no terreiro,
As galinhas cacarejavam,
E os passarinhos acordavam
em sonora algazarra,
para saudar o dia que,
naquelas terras sem sombra,
gloriosamente nascia.
Vavá saltava da rede
Ja lá fora
Respirava e comia aurora.
Com sua cuiazinha de cabaça
Vavá corria
Vavá sorria
Vavá trepava na cerca do curral
onde seu Zé, o vaqueiro, tirava
leite das vacas.*

- Seu Zé, o meu com muita espuma.

- E eu num sei, sô.

Vavá bebia cuia e mais cuia
até além do fartar.

Nos imbuzeiros carregados

Catava e comia imbu,

Levava imbu pra imbuzada.

De caminho, no (seco) Riacho das Araras

Vavá parava extasiado para ouvir

o concerto das araras, papagaios e periquitos,
das espécies mais belas e raras.

Nos poços - sobrados - do leito
do rio Vasa-Barris,

Vavá tomava banho e nadava.

E quando o rio secava e

o sol reverberante queimava,

Em suas areias escaldantes

assava batata-doce, cozia ovos,

e despreocupado os comia.

Quando tinha circo,

Vavá acompanhava o palhaço
de longas pernas de pau:

- Palhaço que é?

- Ladrão de mulher! respondia,

Só para ganhar uma entrada
para ver as acrobacias de Nair,

*a menina artista, sua namorada.
Até o circo partir
Vavá não fazia mais nada!*

*Nos festejos de São João,
Assava milho,
Comia do bom feito de milho,
Pulava fogueira,
Brincava,
Cantava.
Francado, por segurança,
Pela fresta da janela olhava
a "guerra de buscapê".
Vavá era feliz!*

*Nas festas de fim de ano,
Jogava caipira com dados
Arriscava no "vinte e um"
Tentava a sorte nas quermesses
Montava nos "cavalinhos"
Lambia sorvete de gelo
Comia galinha de arroz
Comia bolo de puba, de milho de aipim
Bebia caldo de cana
Bebia jinjibirra.
Vavá era feliz!*

*Jogava bola na rua
Jogava bola de gude*

*Exibia-se no ioiô
Lançava o pinhão
Empinava "arraia"
Caçava passarinho
Catava fruta silvestre
Pastava seu carneirinho.*

*Tocava na banda de música
Cantava no coro da igreja
Gostava de Santa Missão.
Tomava banho nu
no Tanque da Nação
na lagoa do Oco do Padre
no rio Piauitininga
em todas as quedas d'água.
Bebia água da Fonte da Mata
e à sombra de sua floresta
Vavá, feliz, repousava!*

*Gostava de estudar no
"Grupo Escolar Severiano Cardoso"
Onde as pernas cabeludas
da professora D. Eulália
(excitantes nas meias de seda)
Lhe provocava inocente
(mas gostosa) ereção.*

*Vavá era assim
Espontânea e selvagememente feliz!*

*Esquecido da vida...
Esquecido da vida que nada!
Vavá não tinha vida para esquecer.*

Vavá virou saudade!

*Cai aqui levanta acolá,
Sem mais sonhos ingênuos pra sonhar.
Vai seguindo o ex-Vavá...
Impiedosa,
A realidade batendo
Batendo
Batendo sem cansar...*

29

Retirantes

“Só deixo meu Cariri no último pau-de-arara! Enquanto a minha vaquinha estiver no couro e no osso e puder com o chocalho pendurado no pescoço, eu vou ficando por aqui, que Deus do céu me ajude, quem sai da terra natal em outro canto não para, só deixo meu Cariri no último pau-de-arara!”

O cancionero popular registra o dramático crescimento do êxodo rural desde o final da guerra. As novas indústrias do Sul eram um apelo irresistível para o trabalhador nordestino machucado pela seca, pela miséria, pela injustiça do latifúndio, pela desassistência. Àquela altura eram dois milhões de nordestinos vivendo fora de seus estados de origem. O Maranhão ainda tinha terras devolutas, mas de um modo geral a migração atingiu mais de dez por cento da população, como no Ceará, mais ainda na Bahia e em Alagoas, onde esse índice chegou a dezessete por cento, segundo o censo de 1950.

Os caminhos foram muitos, as estradas, o caminhão, a gaiola do São Francisco embarcando em Petrolina para descer em Pirapora, em Minas, onde começam as corredeiras, e de lá seguir de trem para o Rio de Janeiro ou São Paulo. O morador, o agregado, já não se sujeitava a morrer pelo patrão. Ser jagunço ou cangaceiro deixou de ser meio de vida. O que a maioria não sabia é que a cidade grande não poderia receber a todos. Só pela porta dos fundos.

Ouvindo a triste história relatada pelo amigo Aprígio em desespero, do desencontro com seus sonhos, veio à cabeça grisalha do coronel o destino marcado de tantos aprígios, ainda jovens, perdidos, vencidos pela exaustão social. Talvez com muito esforço nos bancos escolares pudessem reescrever a história, ter o direito de sonhar com um futuro. E será assim por muitos e muitos anos, pensou o velho coronel, que não encontrou uma forma simples de passar a Aprígio sua amarga reflexão.

Ele próprio saíra do interior de Alagoas para realizar o sonho de ser alguém. Com apoio de pai e mãe, estudara em bons colégios, tinha para quem escrever e receber resposta. Podia escolher a carreira de advogado, médico, engenheiro, aviador. Não precisaria trabalhar no eito, com as mãos cheias de calos e pé no chão, sem instrução, sem alternativas.

– Aprígio, tive uma ideia. Talvez eu possa ajudá-lo.

O coração de Aprígio disparou. Ele não sabia muito bem o que esperar do capitão, aliás do coronel, para ele uma espécie de deus com asas que o salvara uma vez. Quem sabe de novo. E não é que o homem ia mesmo dar um jeito na sua vida? Valei-me, meu padim Ciço.

– Se realmente você tem ficha limpa na polícia, conheço um delegado, filho de um velho amigo de muitos anos, que talvez possa nos orientar. Afinal, você quer ser uma pessoa de bem, trabalhadora. Prometo conversar com ele. Volte aqui dentro de oito dias que lhe darei uma resposta. Venha entre três e quatro horas da tarde.

– Tenho certeza que foi seu sargento Ubaldo, lá do céu, que deu essa idéia ao senhor – gaguejou Aprígio, fazendo menção de beijar a mão do coronel, em sinal de respeito e gratidão.

Foi uma espera angustiante. A excitação não o deixou dormir. Aos pensamentos de gratidão se misturavam os sonhos de onde poderia reconstruir sua vida. Mas meu Deus do céu, como tenho sorte, nunca pensei de encontrar uma saída pra largar essa vida arriscada, a não ser num caixão de defunto. Esse coronel

quando morrer vai direto pru céu só pelo bem que já me fez. Toda noite agora vou rezar um pai-nosso pra ele. A cabeça de Aprígio fervia pensando na cidade onde pudesse abrir seu negócio de rua ou de feira.

Na hora exata acertada, Aprígio tocou a campainha da casa do coronel.

- Você nasceu mesmo com a bunda pra lua – saudou-o alegremente o coronel.

- O que o senhor arranjou pra mim, coronel?

O coronel mudou de expressão:

- Escute bem o que vou lhe dizer agora, porque não verei mais você depois desse encontro.

Aprígio empalideceu ao ouvir essas palavras, pronunciadas em tom baixo e circunspecto.

- Minha conversa com o delegado foi franca e sem rodeios. Repeti todas as complicações e implicações no setor do tráfico de drogas que você me contou. O delegado me disse que era isso mesmo. Diante da minha garantia de que você tem ficha limpa e deseja realmente abandonar o tráfico, ele aceitou discutir um plano.

Em nome da velha amizade das famílias, o jovem delegado confessou não ter perdido totalmente a esperança na regeneração das pessoas. Resolveu dar a sua contribuição. Afinal, seu pai e o coronel tinham lutado juntos por tantas causas nobres. Mas havia muitos riscos. Era preciso o máximo cuidado. Até porque a cabeça dele, delegado, ficaria a prêmio, se descobrissem a sua participação no plano.

O coronel começou a explicar a “operação” a Aprígio:

- De hoje a trinta dias, na parte da manhã, lá pelas dez horas, um policial vai chegar no bar, à sua procura, com ordem de prisão para averiguações. Naturalmente, o dono vai demonstrar surpresa. Nenhuma explicação será dada ao seu patrão. A sua segurança será o seu silêncio e o pleno desconhecimento do seu destino por parte do patrão.

O delegado explicara ao coronel que a essa altura o seu afilhado já deveria estar pronto para deixar o Rio de Janeiro de ônibus ou trem para outro estado, já com a cidade escolhida.

- O resto da operação é com ele – dissera o delegado.
- Meu compromisso com o senhor é tirá-lo vivo do tráfico de drogas, garantindo que o chefe dele não queira fazer uma queima de arquivo. Coronel, espero não me arrepender – despediu-se o delegado com

um aperto de mão e um sorriso, referindo-se à satisfação dos que são solidários, mesmo quando a ética não obedece à mesma lógica da lei escrita.

30

Balanço

*Queria saber o que tinha feito
Nestes longos anos de lida.
Relutei. Mas era o único jeito:
Abrir o baú de minha vida.*

*Que desordem!
Papéis envelhecidos estalados
Não pude reler meus sonhos
e esperanças neles grafados
Nem mesmo minhas angústias
Decepções e ansiedades.
Em vão procurei fotografias
Mesmo amarelecidas me serviram
Para fitá-las e recordar
o que tão ternamente prometiam.*

*Somente intocado lá estava
O cofre forte onde cioso eu guardava*

*A minha mais pungente dor.
Ao abri-lo meu grito soltou-se
Violento e forte
Como um animal selvagem
Ferido de morte.*

Lá no fundo da gaveta, em papel amarelado, estava escrita uma mensagem anônima, sem data nem lugar de procedência. Se não me equivoco, a data de minha morte é vinte e cinco de novembro de 1965. Onde estou, não sei. Escrevo essa mensagem tendo a certeza de não receber resposta. Não seja curioso. Envio essa mensagem por meios que não sei explicar. Você a receberá. Não tenho endereço, nem explicação a dar. Apenas um desabafo, consequência de longas meditações, de quem não tem o que fazer. Não morri do meu gosto. Será que alguém tem gosto de morrer? Sei que relutei, implorei a Deus vida mais longa, prometi reestruturar minha vida. De nada adiantou. Vi os filhos, quase todos. Separados por longa distância geográfica e também por convicções que determinaram condutas diferentes em nossas vidas, senti uma ausência. Sem quebra dos vínculos de sangue, respeito e amor, percorremos caminhos diferentes. Nos últimos tempos, só ouvi discursos que mais pareciam um refrão. Aqui parado, sem calendário nem relógio, sem compromissos, sem bens – também para quê? – biombo silencioso atrás do qual medito, sem zunidos de cassandras.

Distante de tudo e de todos, onde a palavra não existe – só os pensamentos plácidos, como um sonho interminável – me alegra concluir que cometi um irreparável equívoco nos anos que precederam essa infinita viagem.

Alucinação

*Minha mente está confusa,
Sem passado, sem presente.
Procuro vencer o transe
Viajo pelo inconsciente!...
- Meu juízo está perfeito
Ou fiquei louco de repente?*

*A memória me atormenta
A memória me transforma
A memória que me resta
É a memória da memória.*

*Tive tanta coisa sem pedir
Tanta coisa tive sem querer
Não sei se tive o que quis
Ou se tive o que devia ter.*

*Não sei se estou partindo
Não sei se estou chegando
Não sei onde é que estou
Não sei do que estou falando.*

...

*Perdi-me pelo espaço,
Não tenho perto nem chão.
Vou montar a nuvem branca
Viver na alucinação!*

Não me digo alucinado porque a paz é total. Tudo é plano. A paisagem é um nevoeiro denso, eterno, creio terminar no infinito. O silêncio... o silêncio... me parece um ruído distante... Existe? Dor, futuro, Paraíso, choro... Como relógio causa transtornos! Estou confuso... será que não estou escrevendo? São pensamentos dos meus minutos finais? Não. Eles foram dolorosos. Chorei. Desejei fazer pedidos, recomendações, pedir perdões. Mas o relógio marcava o último segundo. Era o fim. Não. Era o começo do fim. Impossível mensurar o fim. O fim sinaliza outro começo. Será que o fim não tem fim? Ou não há começo?

Adeus A Nádia

*Você chegou filhinha
Sem fazer zoadas
Trazendo a alegria
dos que são esperados
E foi amada.
Tão forte a sua presença
Que tudo foi tomando sua forma
sua marca
Nada ficou intocado
Que força sua fragilidade!
Nosso céu ficou mais claro
Nosso riso mais fácil
Nossas vidas tinham gosto de vida.
Mas havia aquela coisinha indefinida
Escondida irrelevada sofrida.
Ninguém pode ter tanto
Sem ser ameaçado!
Você partiu para longe
Tão longe que não há como revê-la.*

*A nossa dor tão grande
Tão grande quanto o mistério de
sua vida
Não nos matou.
Queremos viver porque você continua
misteriosamente conosco.*

O tempo é sempre brumoso, não há começo nem fim de dia, de século ou milênio. Sou um átomo de um universo. E só. Após, desobrigado com todos e com tudo. Só, sem ver, sem ouvir, até meu olfato tão acurado perdi. Sem ninguém para formular perguntas, sem corpo para alimentar, vestir. Caminhar... para onde? Entendo o atordoamento dos que por aí ficaram.

O Tempo

*Há tempo para tudo!
Tempo para semear
Tempo para colher
Tempo para amar
Tempo para sofrer
Tempo para trabalhar
Tempo para o lazer.*

*O tempo tem todo o tempo
Que o tempo deseje ter.
Alguns dizem não ter tempo
Outros falam em fim dos tempos!
Cegos, não veem que o tempo
Nunca lhes nega tempo
Tempo para pensar
Tempo para bem ou mal usar.*

*Por fim, ao gastar o tempo
Que o tempo lhe premiou,
Você não viu que o tempo
Para cada tempo que deu
Um novo tempo ganhou.
Se você só perdeu tempo,
Agora não há mais tempo
Porque seu tempo acabou.*

Valores pessoais... para quê? Prestígio, riqueza, poder, por aqui são males. Ainda bem que não os trouxe na misteriosa viagem. Não necessito do que construí e por aí deixei. Será que construí? Ou destruí-me... Como se percorrem vielas curvas pelo tempo afora!...

Só O Tempo Absolve

*O tempo apaga tudo!
Todo dia acordo absolvido
Pronto para novos erros
Puro para novos pecados.*

*Sem premeditações
Sem constrangimentos
Vou errando
Vou pecando*

*Até que o dia acabe
A noite avance
O sono chegue
E o novo dia me absolva
E me devolva
Pronto para mais errar
Puro para mais pecar.*

31

O Plano

– Trazer você ao Rio de Janeiro foi bem mais fácil do que mandá-lo embora – brinca o coronel, para disfarçar a própria emoção quando Aprígio começou a chorar como criança, beijando-lhe as mãos. – Você ouviu tudo direitinho, né? Já sabe que tem que seguir rigorosamente tudo o que eu falei – acrescentou inutilmente, tentando desvencilhar-se. – Agora vá, que seja um novo começo, Aprígio, dessa vez como homem de bem.

– Que Deus lhe guarde, coronel, e ao delegado. Eu... não sei o que dizer, coronel. Desculpe, seu coronel... – tenta se recompor Aprígio. – Pode deixar, seu coronel, não vou gastar essa chance, não vai passar outro cavalo encilhado desse na minha vida, esse vou montar, coronel, com unhas e dentes.

Não poderia haver saída mais feliz para quem se atolou até as orelhas num negócio sujo como o tráfico.

Semi-analfabeto, entregue à própria sorte, a família sendo a sua maior vergonha, deixado pelo tio numa encruzilhada quase mortal, sua única alternativa era usar o pé-de-meia que tinha conseguido juntar e iniciar um caminho de negócios – modestos – mas que não tivessem comprometeros. Agora chegara onde sonhara: vida nova com dinheiro marcado pela sujeira da sua procedência mas igualzinho a todos os outros que diariamente entram e saem pelos guichês dos bancos. Faltava-lhe cultura para analisar essas implicações sociológicas, o que importava mesmo era o resultado. Este estava no seu bolso, sem peso na consciência. Não assaltou, não matou, era abençoado por Deus. Era um artifício quase inconsciente para purificar, na verdade, lavar, o bolo de dinheiro que juntara ao longo desses anos. Mas o mais importante era poder abandonar a profissão ilegal e com vida garantida. Isso ele se dizia: devo ao coronel, abaixo de Deus.

Cada dia que passava aumentava a euforia e o nervosismo de Aprígio, que se confundiam. Ele escolheu a cidade de Salvador, Bahia, pelo que ouvia falar. Muita praia, muita gente de fora passeando, cara nova chegando e saindo todos os dias, ambiente propício para o trabalho que ele imaginara.

No dia marcado, o delegado, pessoalmente, dirige-se ao bar-restaurant e pergunta à moça da caixa:

- Quem é o dono ou gerente?
- É aquele senhor sentado na mesa perto da porta da cozinha.
- Qual o nome dele?
- Seu Evaristo.
- Obrigado. Seu Evaristo, bom dia ou boa tarde, estou sem relógio, mas isso não tem importância para o que desejo saber.
- Quem é o senhor?
- Sou o delegado responsável por todo esse bairro, é estranho que o senhor não me conheça.
- Desculpe, estou reconhecendo, o que o senhor manda? – apressou-se a responder Evaristo, fazendo menção de se levantar.
- Vou me sentar discretamente a seu lado e o senhor levante-se e traga-me agora o seu empregado chamado Aprígio, que vou levá-lo para averiguações.
- É coisa séria, delegado?
- Isto é que vou apurar.

Pálido pela surpresa, Evaristo informa que é dia de limpeza e que Aprígio está trabalhando lá no fundo:

- Só um instante, seu delegado, vou buscá-lo. O senhor fique à vontade, quer beber alguma coisa? Marilda, atende aqui o delegado. Só um minutinho.

- Aprígio, pelo amor de Deus, me conta o que você arranjou por aí porque um delegado veio lhe buscar.

- Seu Evaristo, agora estou perdido.

- Você andou falando muito?

- Eu, não senhor, quase que só abro a boca pra comer...

- Taí o rapaz que o senhor procura, o Aprígio. Seu delegado, quando posso saber notícia dele?

- Daqui a oito dias. Não telefone. Vá pessoalmente na Delegacia na hora do expediente. Como é a conduta dele no trabalho?

- Até hoje não tenho de que reclamar, mas faz falta um pouco mais de leitura.

- Isso é um mal geral, seu Evaristo.

Aprígio, de cabeça baixa, quase sussurrando:

- Seu delegado, posso ir no meu quarto pegar umas coisas?

- Olha, rapaz, cheguei a delegado porque não sou bobo. Sair da minha vista agora só atrás das grades. É bom mesmo porque acho que você vai mofar. - E virando-se para o patrão: - Seu Evaristo, vou logo me despedir do senhor porque quero ganhar tempo e de lá do quarto desse rapaz vou direto para a delegacia.

O delegado conta o dinheiro para pagar o guaraná, mas Evaristo intervém:

- Por favor, deixe a casa fazer uma cortesia pro doutor.

Aprígio, acompanhado do delegado, passa no quarto para apanhar a maleta arrumada de véspera, com a documentação pessoal, todo seu dinheiro e alguma roupa e mostra para o delegado a passagem comprada para Salvador da Bahia. Tomam o carro particular do delegado, que se dirige diretamente para a rodoviária.

- Aprígio, pela primeira vez na minha vida invento uma prisão, e foi para atender ao pedido de um amigo muito especial do meu falecido pai. Você tome muito cuidado para não fazer besteira, não vá me queimar. Eu disse para o coronel que espero não me arrepender. Boa sorte, rapaz. Tome juízo.

Aprígio, trêmulo de emoção, sem palavras para agradecer ao delegado, entrou no ônibus Rio-Salvador, ocupou a cadeira da janela doze, depois de colocar a mala embaixo do banco. Respirou fundo para afastar o nervosismo, abriu o vidro da janela e finalmente conseguiu balbuciar em tom baixo:

- Muito obrigado, que Deus lhe pague.

O ônibus partiu sob as vistas do delegado. Do telefone público da rodoviária, o delegado liga para o coronel:

- Missão cumprida, coronel.

32

Descontentado

*As estradas retas o enfadaram
E as sinuosas o tonteiam.
Os aviões sempre o amedrontam
E os navios sempre o mareiam.
Contudo, está pronto a viajar,
Se viaja, só pensa em voltar.
Se ama teme ser enganado
Se não ama sente-se abandonado.
Isolado quer ter um vizinho
Se o tem prefere estar sozinho.
Em gaiola, deseja a amplidão
Solto, sente falta de prisão.
Escravo, luta pela liberdade
Livre, não cura a catividade.*

*Esse Homo, o descontentado
Que jamais aprende a ser feliz.
Insatisfeito e amargurado*

*Mesmo tendo tudo o que quis.
 Não percebe o bem que é a vida
 E mal um tropeço lhe acontece
 Implora que o leve a "morte amiga".
 Mas quando a caveira lhe aparece
 E erguendo a lâmina afiada
 Diz: "Que quer de mim, alma penada?"
 O covarde responde espavorido:
 - Tudo bem, foi só malentendido!*

Aprigio estava inquieto em seu lugar. A cada parada do ônibus, queria descer logo, esticar as pernas. Mas ao mesmo tempo ficava desconfiado com a maleta debaixo do banco. Reparou na moça sentada a seu lado, junto ao corredor. Desculpe eu lhe incomodar pra sair e entrar. Não se preocupe, quem senta na ponta tá sabendo que tem que dar passagem para o outro. Já vi que você não é da Bahia, pelo jeito de falar. Não, sou não. De onde você é? - pergunta-lhe a moça falante e desembaraçada. Ah, sou mesmo do Maranhão mas já moro há um tempão no Rio. Enjoei e vou morar em Salvador. Você tem parentes na Bahia? Não, mas de tanto ouvir falar bem da Bahia, deixei meu emprego no Rio e vim arriscar. Mas sem parente, sem emprego certo, você tem coragem! O que você fazia lá no Rio? Era garçom, mas aqui estou pensando em trabalhar por conta própria. Nós estamos conversando e não nos apresentamos. Meu

nome é Maria Quitéria, e o seu? Aprígio, seu criado. Muito prazer em conhecê-lo, Aprígio. Já vi que estou com sorte, quem sabe vou morar perto de você. Moro num bairro afastado do centro, perto da praia. É o que tem de mais bonito em Salvador, depois de você, arrematou Aprígio em forma de galanteio.

Coisas do Amor

*Eu temia que fosse acontecer.
Entregar-me cegamente no amor
É meu incorrigível jeito de querer.*

*Hoje não quero bebidas fortes,
O álcool anestesia.
Na mesa deste bar, sozinho,
Preciso estar lícido
E gastar minha dor devagarzinho.
Vou afogar a minha mágoa.*

*Coisas do amor. Coisas da vida.
Vai-se a amada, fica a ferida.*

*Banhada em ouro chega a aurora.
O primeiro clarão do sol apareceu.
Agora, vou-me embora,
Novo dia amanheceu.*

Ao contrário do poeta, Aprígio não era versado nas coisas do amor. As namoradas que tivera foram mais passatempo, nenhuma roubara seu coração. Ele agora estava decidido a constituir família, fazia parte de seus planos para recomeçar a vida. Mas não sabia muito bem como encontrar uma boa companheira. O acaso parecia estar lhe favorecendo.

Você já tem algum lugar em vista para morar? Não tinha, mas agora vou dar um jeito de morar perto de você porque já somos conhecidos. Meus pais têm uma pensão, mora muita gente do interior que trabalha ali pelo bairro. Veja como é o destino, eu vinha justamente pensando em como encontrar um bom lugar pra morar, que me ajudasse a encontrar trabalho. Você não disse que quer trabalhar por conta própria? Justamente, pensei de começar com uma barraca de bebida na praia, fazer clientela e ir melhorando o negócio, quem sabe chegar a ter um bar de verdade.

Maria Quitéria, nome de heroína, era mais simpática que bonita, os dentes alvos em contraste com o moreno da pele. Tinha estudado só seis anos na escola, mas trabalhava como professora numa escolinha do bairro, improvisada numa sala anexa à pensão.

A chegada a Salvador interrompeu a conversa animada dos dois. Aprígio não sabia se continuava a olhar Quitéria, encantado, ou para a cidade que

tinha escolhido para morar. A primeira impressão era de ser muito colorida e barulhenta. Táxi aqui é muito caro, vamos pegar um ônibus que nos deixa na porta da pensão. Se você gostar, fica lá e amanhã pode começar a cuidar da sua vida. Vou seguir seu conselho, Quitéria. Chegamos! Que lugar bonito, exclamou Aprígio. Apesar de morar perto da praia de São Conrado, no Rio, ao pé da Rocinha, Aprígio ficou encantado com a cor do mar esverdeado, e a brisa que corria na orla. Aqui é ótimo porque o coqueiral não deixa o vento da praia entrar com toda força pela casa e também empurra pra longe o calor da tarde, falou Maria Quitéria, alegre por rever a família e os vizinhos, a quem apresentou o recém-chegado.

Fico com o quarto número treze, é meu número de sorte, escolheu Aprígio. Por três vezes ganhara no bicho, acertando a dezena na borboleta. Apesar da fechadura reforçada da mala, onde o dinheiro estava guardado num fundo falso, Aprígio verificou a tranca da porta, pensando em trocá-la no dia seguinte. Seu Humberto e dona Anália, pais de Maria Quitéria, simpatizaram com o novo hóspede, a quem aconselharam não se apressar, que conhecesse bem a cidade antes.

Às sete horas da manhã de seu primeiro dia em Salvador, Aprígio tomou o café reforçado da pensão, se

esbaldando com a pamonha da dona Anália. Saiu a caminhar pela praia, observando as barracas de vários tipos. Prestou atenção na variedade de preços em função de mesas forradas ou não, garçonetes ou garçons uniformizados, toldos para conter o vento quando forte... Uma semana foi tomada para observação. Também reparou na venda de água de coco e sorvetes em carrinhos bem aparelhados, cachorro-quentes, peixe frito na brasa à beira d'água.

Aprígio aprendera que a ostentação é um defeito das trouxas, alvo fácil dos malandros. Resolveu abrir sua primeira conta bancária, agora que tinha documentos e até carteira de motorista. Mas só podia depositar uma parte do dinheiro, para não chamar atenção. Negociou o arrendamento de uma barraca pequena, que o dono queria passar adiante. Não tinha pressa. Dera muita sorte de conhecer Maria Quitéria logo no ônibus. A moça não só lhe abrira as portas da pensão dos pais e da cidade. Pelo visto, começava a abrir as portas do seu coração destreinado.

33

Coração e Razão

*Meu coração diz que sim
Que não me diz a razão
Mas quem seguirei por fim
Na hora da decisão?*

*Sei que é assaz perigoso
Não escutar a razão
Mas como é delicioso
O que diz meu coração!*

*Mexo remexo não acho
A melhor resolução.
Sigo a razão e a deixo?
Que será do coração?*

Cada vez mais Aprígio confiava em Maria Quitéria. Apesar de mais jovem que ele, a moça parecia muito equilibrada, e rapidamente tornou-se sua conselheira e confidente.

A vida familiar complicada pela morte do pai e o convívio cheio de comprometerimentos com o tio Luiz no Rio de Janeiro criaram um vazio, uma insegurança que não permitia a Aprígio o cultivo de amizades. Agora em Salvador, distante de tudo e de todos, ele precisava reaprender as coisas simples das pessoas comuns, convivendo no dia a dia.

Aprígio não sabia o que era o amor. Todos os seus passos, seus planos presentes e futuros eram compartilhados com Maria Quitéria, que interpretava tanta confiança como sinal de amor. No começo ela se comportava como socorrista, depois conselheira e em seguida brotou uma forte paixão. Aprígio conhecera várias formas de afeto, e até belas manifestações de solidariedade. Mas amor, paixão, ele nunca se permitira. Quando alguma namorada começava a falar em compromisso sério ele pulava fora. Não vai dar certo com meu trabalho, pensava. No fundo, no fundo, ele sentia muito medo. Maria Quitéria não compreendia a postura do amigo, que estreitava o relacionamento mas fugia de um olhar mais comprido, um roçar casual. Aprígio custou a perceber que aquele prazer de estar junto dela não era apenas uma amizade confiante.

Paixão

*A paixão é um vinho forte!
Fraco de beber, eu sabia
O risco que corria.
Invés do cálice permitido
Bebi até ao limite da demência.
Vivi deliciosa inconsequência
Fui envolvido e envolvi
– Até mesmo o ser querido –
Em armadilhas que não escolhi.*

Maria Quitéria, não sei o que está acontecendo comigo! Já está tudo pronto para iniciar meu negócio com uma barraca maior com coco verde, peixe frito, salgadinhos e muitas outras coisas. Só não quero vender é cachaça. Mas cadê coragem para começar... Essa noite quase não dormi pensando no jeito de falar com você. Falar o quê, Aprígio? Não me entra na cabeça fazer alguma coisa sem você estar no meio. Só faço o negócio se você for trabalhar comigo. Trabalhar de balconista? Prefiro ser professora das minhas crianças. você será minha sócia. Sócia! Você pensa que professora ganha dinheiro que dê para se associar a negócios? Mal me visto com o que ganho, o resto é meu pai que me ajuda. Agora você chegou onde eu queria. O que você queria? Dizer que quero casar com você.

Maria Quitéria quase teve um troço. Como casar se nem estavam namorando?! Namorar, pra mim, Maria Quitéria, é ter vontade de ficar junto, de combinar o que vai fazer, de dividir o bom e o ruim e... dormir juntos. Você quer casar comigo, Aprígio? É isso mesmo. Você não acha que precisamos de mais tempo para um conhecer o outro, saber se os nossos gênios combinam, se minha família está de acordo? Por tudo isso posso esperar, mas já quero fechar meu negócio pensando em você. Contar comigo está bem, mas então você gosta de mim Aprígio? – pergunta Quitéria, com um sorriso brejeiro. Ué, se quero casar com você acho que não preciso dizer mais nada, responde Aprígio, constrangido.

Quitéria viu que não adiantava insistir naquele momento, seu "noivo" já estava suficientemente confuso. Sorriu consigo mesma, confiando na própria meiguice baiana para amolecer os modos daquele maranhense curtido que já mexia com o seu coração há tempos.

Então está bem, eu aceito trabalhar com você, enquanto a gente vai amadurecendo a ideia de casamento e esperando a hora certa de falar com a minha família. Tou de acordo, diz ele, porque sua família naturalmente quer ver se tenho condições de tocar o negócio de que venho falando. Então amanhã vou fechar com o dono da barraca e na outra semana

você assume comigo e mais dois empregados. Não quero empregado parente. Na hora de apertar, de cobrar, sempre tem pelo meio um pedido para amolecer. Se há uma coisa que tenho experiência é essa de empregado parente do dono do negócio. Olhe que tou falando de mim mesmo. Trabalhei muito tempo para tio e eu sempre achava que estava garantido no emprego por ser sobrinho. Empregado é empregado, e fim. Então quando entra sindicato no meio atrapalha tudo. É direito de férias, décimo-terceiro salário, horas extras trabalhadas por mês, feriado não quer fazer nada e só ficar de perna pru ar e por aí vai. E tem uma tal de Justiça Trabalhista que só dá razão ao empregado.

Mas se não for assim volta tudo para o tempo da escravatura, diz ela. Com a diferença de que agora passa a ter escravo de tudo que é cor. Ganhar dinheiro é muito bom para o patrão e para o empregado. Ficar o ganho só para um lado não está certo. Maria Quitéria, você tá parecendo comunista! Comunista não sou não, mas viver no bem bom, cheio de dinheiro, de papo pru ar e o outro andar na miséria com a calça rasgada na bunda passando vergonha, sou contra mesmo. E você sabe duma coisa, Aprígio? Todo mundo pensa como eu até que começa a ganhar dinheiro. É o olho grande no que é dos outros que dá começo a ladroeira. É isso mesmo, Quitéria. Lá no Rio eu trabalhei uns anos com meu tio e ele

dizia que, por incrível que pareça, gente sábia era quem trabalhava pra bicheiro ou dono de morro, que vendia droga. Por que, perguntou Maria Quitéria, se esse pessoal trabalha na ilegalidade com a polícia atrás? Por isso mesmo. Abriu o bico para falar o que escutou ou que viu, ia direto para o cemitério. Será que as pessoas só andam no caminho certo se tiver a vida em perigo? Parece que é, Maria Quitéria, como o dinheiro não chega para todo mundo, quem tem, não quer perder. E com medo que isso aconteça, procura juntar o dele e o dos outros, roubando. Quem tá com o bolso vazio corre atrás do dinheiro, mesmo que isso custe a vida dos outros. Me faz lembrar um cara que falava num programa de rádio e dizia mais ou menos assim, se alguns estão roubando, que o roubo seja um direito de todos.

Ambos entusiasmados com o novo horizonte, agora misturados amor e negócios, comunicaram aos pais de Maria Quitéria que dentro de duas semanas estariam inaugurando a lanchonete na beira da praia. A nova lanchonete MQ teria o chão de cimento vermelho, cadeiras para sentar de roupa molhada, uma cozinheira e uma ajudante, além de um garçom, todos uniformizados, com batidas de frutas e música de sanfona.

Puxa, está tudo dando certo, pensou Aprígio. Agora é deixar correr mais alguns meses e casar de papel

passado com MQ. O negócio é não avançar no dos outros mas também não deixar que levem o que é meu. No convívio com Maria Quitéria adquiriu o hábito de ler o jornal com os anúncios, conferir as notas fiscais, saldo bancário. Sobre o passado ele queria passar uma borracha, só guardando para um dia contar sua saga marcada por três figuras inesquecíveis, o sargento Ubaldo, o coronel e agora a vizinha do ônibus, Maria Quitéria, seu amor.

Da família ele tinha tristes recordações. Do pai que perdeu ainda menino lembrava-se das reclamações do pau do babaçu, que atacava a vista, e o dinheiro que mal dava para comer. Carne, só comia quando tinha sorte nas cevas para as caçadas. Lavando roupa para fora, sua mãe ajudava nas necessidades da casa. Mas pensando bem, fora a perda do pai, a alternativa encontrada pela mãe para sustentar a ele e duas irmãs – duas tristezas profundas na sua vida – e o trabalho sujo com o tio que o levaram de Carolina aos braços carinhosos de Maria Quitéria...

Náufragos

*Enfeitiçado
Sem me dar conta de perigos
Para a teu lado
Nadar
Atirei-me às ondas do
Mar.*

*Eu não sabia
Que não sabia
Nadar...*

Casaram-se ao final de seis meses. Os sogros passaram a ajudar de vez em quando na lanchonete MQ, que ia de vento em popa. Aprígio, com razão, considerava-se um vitorioso. Aos poucos, na conversa na cama, falando baixinho, ele ia contando, sem pressa, página por página da vida de menino e a romanceada viagem para o Rio de Janeiro. Os problemas que teve, o envolvimento com o tráfico ilegal na biosca do tio, isso tudo ele considerava águas passadas, graças a Deus. O artifício que o seu protetor, o coronel, arranjava para tirá-lo das atividades comprometedoras, em lugar de assustá-la, encantou Maria Quitéria.

Esse coronel ainda está vivo? Acredito que sim, respondeu Aprígio perdendo o embalo de falar das reminiscências. Você tem o endereço dele? Este não perco nunca. Ainda não escrevi pra ele porque minha leitura é fraca. Escrever é simples, difícil é construir a ideia e essa, Aprígio, só você tem toda ela em forma de história, arrumadinha na cabeça. Eu posso escrever pra você, você vai falando e eu vou escrevendo, depois você assina. Nem queira saber quantas cartas já escrevi. Volta e meia chegava algum pai de aluno, todo sem graça, analfabeto, querendo escrever para os parentes no interior. Mas você vai aprender a escrever num desembaraço só, eu vou te ajudar. Mas e o coronel, ele está muito velho? Quando ele me trouxe pro Rio, eu rapazola, ele era capitão. Já tem muito tempo. Ele certamente teve uma vida boa. Deve estar conservado. E pra ser aviador, tem que ter saúde. Mas vamos dormir que já é tarde.

Sua mulher era mesmo uma danada. Aprígio ainda ficou um tempão de olho aberto, pensando na carta que gostaria de escrever para o coronel. Contando com orgulho que se transformara num homem de bem, casado, daqui a pouco pai de filho. Ele sentia ter tirado a sorte grande. Só uma sombra ainda existia entre ele e Maria Quitéria. Não conseguia contar pra ela o verdadeiro motivo que o fizera deixar Carolina. Não, não dá, envolvido com o tráfico de drogas ainda vai, não matei, não roubei, não tive escolha. Mas filho

de puta é demais. Não dá pra voltar pra Carolina. Vai ter sempre alguém pra me lembrar do puteiro da minha mãe. Essa vergonha eu não quero passar.

34

Desafio da Amizade

*Você disse que eu sou PROSA
Minha PROSA é porcaria
Não é poesia-PROSA
Nem é PROSA-poesia*

*Faço verso, faço PROSA,
PROSA e verso em harmonia.
Posso versejar em PROSA
PROSEAR em poesia.*

*Falar mal de quem é PROSA
Ou de PROSA criticar,
É negar que é belo e PROSA
Da mulher PROSA o andar.*

*Vamos parar de ser PROSA
Esquecer PROSA e verso
Tirar "dois dedos" de PROSA
Mas de PROSA não converso.*

– O senhor se lembra da carona que me deu daqui da porta do seu pai para o Rio de Janeiro num avião da Força Aérea Brasileira em 1951?

Não, não me lembrava. Difícil reconhecer aquele cidadão que me abraçava tão efusivamente, ao nos encontrarmos por acaso na rua principal de Cupira. A cidade fez parte do antigo município de Panelas, no agreste pernambucano. Foi meu pai, o major Bastos, quem conseguiu a sua emancipação e foi seu primeiro prefeito. Hoje a prefeitura funciona no "Palácio Major Bastos", nome também da praça principal. Era a primeira vez que eu ali retornava, depois de tantos anos.

– Sou o único comunista aqui da cidade de Cupira que nunca mudou de posição. Não mudei porque o mundo não mudou. Antigamente era o petróleo, agora é o bloqueio das nossas exportações, é a roubalheira da biopirataria e uma dívida externa que só faz crescer. Como é que posso deixar de ser comunista?

Para minha surpresa, rememorou os detalhes da campanha do "Petróleo é Nosso", nos anos 1940-1950, os nomes das altas patentes da Forças Armadas que assumiram o apoio à campanha, a minha própria participação. Comoveu-me profundamente.

– Era uma contradição que eu não entendia, entre a sua posição claramente de esquerda e o seu pai dono de terras, prefeito por partido conservador. Quando Pernambuco fervia com as ligas camponesas, perto do golpe de 1964, você esteve aqui perto, num comício em Palmares, ao lado de Arraes e Francisco Julião. Teve até maledicente para fazer intriga com o major Bastos, que se saísse a reforma agrária defendida pelo filho dele, que iam começar pelas terras dele...

Não sei se realmente alguém foi dizer isso a meu pai, ele morreu quando eu estava no exílio, no Uruguai. Nunca pude esclarecer essa possível mágoa.

Ali no meio da rua, em pé, ouvi essas palavras que magicamente me lançaram ao passado, de um cidadão de quem sequer me lembrava o nome. Foi tão intenso que parecia estar num avião que acaba de romper a barreira do som, com grande estrondo. Percorri com os olhos a antiga pista de pouso em frente à fazenda Vera Lúcia, de meus pais, hoje trecho de estrada. Encontrei um velho cupirense que participou do mutirão para construir o campo, que emudeceu de emoção ao saber que eu era aquele piloto que ali pousara, há quase sessenta anos. Refiz mentalmente a minha passada em voo baixo para a despedida de meu pai e minha mãe, falecidos há mais de três décadas.

A viagem atual começara em Recife, para o lançamento de meu romance *Tauã*, apelido de minha avó, uma saga romanceada da história da família. Acompanhado por irmãos, sobrinhos e netos segui por estradas que cruzavam verdes canaviais para São José da Laje, na Zona da Mata de Alagoas. Não me surpreendeu achá-la menor do que na minha lembrança, parecia mirrada. As ruas amplas se tornaram vielas, as estradas, meras veredas, os casarões, casas de quatro águas. Mas foi só minha memória infantil que me traiu. Duas cheias levaram uma banda da cidade às margens do rio Canhoto.

A estrada de ferro Recife-Maceió foi desativada há muitos anos. Na estação abandonada, agora pastam algumas cabras. Dali parti em 1937 a caminho do Rio de Janeiro tentar a vida, a cabeça cheia de sonhos. Nos arredores da cidade, quase não se vê alguma roça, toda terra é tomada pela cana-de-açúcar. Uma monocultura que empobrece, há séculos, as terras tomadas da mata atlântica. O verde da palha da cana embelezou o visual para o turista e empurrou para os infernos os agricultores familiares que não tiveram como resistir à concorrência. Venderam suas pequenas propriedades às usinas ou aos grandes plantadores de cana e se transferiram para a cidade, na vã esperança de dias melhores. Só a igreja conserva no alto da torre o seu tradicional galo de ferro. O velho padre Xavier, pároco por vinte e sete anos,

morreu há muito tempo. O rio Canhoto, com seus lajedos, transformou-se em cloaca.

Na visita de cortesia ao prefeito e à Câmara dos Vereadores pensei em perguntar quanto de impostos são pagos pela Usina Serra Grande, certamente a maior fonte de poluição dos rios do município, com o vinhoto resultante do beneficiamento da cana. Mas engoli a pergunta, para não causar constrangimento. Não há recursos para saneamento. As máquinas de arar o solo, plantar e colher a cana eliminaram os milhares de homens e mulheres que viviam entre a escravatura e a vida digna, mas que tinham trabalho.

Deixamos Laje para trás e fomos em direção a Ibatiguara, antigo distrito, agora município. Cidade com quatro entradas, centro ladeado por duas longas fileiras de casas misturadas, residências e comércio. As pontas de rua acumulam a pobreza como um escoadouro do centro. As mocinhas, mesmo em casas paupérrimas, usam as mesmas roupas provocantes da cidade grande, certamente por efeito da televisão. Lembrei-me de meus tempos de tenente-aviador fazendo o Correio Aéreo do Tocantins, nos confins do Brasil, quando as mocinhas disputavam as revistas para se vestirem como se estivessem em Copacabana.

A dois quilômetros de Iateguara, serviram-nos um lauto almoço numa fazenda cinematográfica, mantida por uma senhora rica do Recife. Não faltaram buxada, o sarapatel, a macaxeira, o feijão de corda, os doces caseiros. Um verdadeiro banquete, com quartos arrumados para o nosso descanso, se desejássemos, como só a hospitalidade nordestina sabe oferecer.

Finalmente chegamos à vila de Roçadinho, junto ao antigo engenho onde nasci. Hoje pertence à Usina Serra Grande. A igreja, descuidada. O cemitério, mais triste ainda por causa do abandono. Lá estão enterrados meu pai e meus avós. O número de casas do povoado aumentou mas a pobreza é a mesma. O velho galpão do engenho lá está, com as telhas originais, escurecidas, os esteios de madeira secular onde terminou seus dias Mãe Preta, mãe de leite de Tauã. Apenas no chão as marcas da velha construção, em frente à porta da cozinha, cafezais e pastos para o gado, hoje é um mar verde de palha de cana, sem casas de colonos, sem terreiros para galinhas. A casa grande do engenho, reformada por dentro, mantém as características senhoriais, como o retrato envergonhado de uma época, que repousou nos ombros negros dos escravos.

Percorri a grande varanda outrora enfeitada por cortiços de abelha-uruçu pendurados em toda sua extensão. Na memória, vejo os bois e a burrama comendo

bagaço de cana entre o engenho e a varanda da casa grande. Do caminho vem o gemido do carro de boi transportando a cana cortada pela mão dos trabalhadores, os feixes amarrados com a própria palha, o ferrão guiando os bois-de-carro. Toda essa gente perdeu o trabalho e só piorou de vida, foi morar na ponta de rua das vilas vizinhas, sem qualquer direito ou aposentadoria.

"A verdade verdadeira que seu Norberto contou", subtítulo do livro *Tauã*, ali estava nua e crua, o sofrimento secular dos nordestinos que jamais calçaram sapatos. Triste e vergonhosa foi a constatação da miséria aumentada e relegada. Saneamento, escolas, casas para humanos, empregos, são promessas de quatro em quatro anos. Diante das autoridades da cidade de São José da Laje, onde nasci, perdi o interesse, a curiosidade e até minha característica de afoitar, diante do quadro calamitoso e pobre decorrente da monocultura do açúcar, hoje um negócio mecanizado.

Lembro-me que às vésperas do golpe militar de 1964, no auge da crise, perguntei ao presidente João Goulart: – E agora, qual será a saída? – O maior engole o menor, respondeu Jango. – O difícil é, a essa altura dos acontecimentos, criar o maior –. Com outras nuances, sem o franjado de golpes, sem derramamento

de sangue à vista, o maior engoliu o menor. O verde dos canaviais, as águas sujas e contaminadas do rio Canhoto, as taperas de ponta de rua dos vilarejos, as crianças de pés descalços, a ausência do poder central, a modorra geral, a concentração da riqueza... e agora, José? Lamentavelmente não disponho de outros noventa anos para retornar à Laje do Canhoto.

35

Aprígio em Buquim

Aprígio não teve mais desculpa, Maria Quitéria vivia insistindo que eles viajassem de férias para Carolina, sua cidade natal. Mas eu nem tenho mais parentes por lá, tentava escapar Aprígio. E os lugares da sua infância? Sempre tem uma tia, um colega, a casa onde você morou. Eu quero conhecer a cidade do meu marido, daqui a pouco pai do meu filho. Então vamos sair assim sem rumo, combinado? A gente vai vendo... porque é meio longe, quem sabe a gente não encontra lugar mais interessante no caminho, propôs para ganhar tempo.

Aprígio e Maria Quitéria estavam bem estabelecidos em Salvador. A lanchonete MQ era sucesso, Aprígio pretendia procurar um lugar maior perto da praia para abrir o restaurante MQ, assim que voltassem de férias. Os sogros fizeram questão de tomar conta do negócio enquanto eles viajavam. Com a gravidez e o bacurinho a caminho, ia ser

difícil eles passearem nos próximos tempos.

Mas o principal problema, Aprígio não tinha resolvido. Era como uma maldição, uma sombra na sua vida que ele não conseguia desmanchar, mais difícil que o passado de envolvimento com o tráfico. Não tivera mais notícias da mãe nem das irmãs. Tampouco do tio Luís. Mas desconfiava que ele estivesse bem.

Saíram de carro pelo litoral, conhecendo as praias. Era época da desova das tartarugas, mas quase não se via mais tartaruga, por causa da pesca predatória. Anos mais tarde a Praia do Forte, a cem quilômetros ao norte de Salvador, seria a sede do Projeto Tamar, a mais bem sucedida iniciativa de recuperação da nossa fauna, que conseguiu transformar a população litorânea nos grandes protetores e conhecedores das quatro espécies de tartaruga que desovam em nossa costa. Na altura de Estância, no Sergipe, tomaram a estrada para o interior. Pararam para almoçar numa cidadezinha que era um antigo entroncamento ferroviário. Buquim.

A dona da pensão era uma simpatia. Essa cidade vocês estão vendo assim meio parada mas já teve muita gente importante nascida aqui. Teve o compositor e poeta Hermes Fontes, o José Martins Peralva... tem até um general que foi herói de guerra. Mas vocês precisam provar da minha carne de sol de bode, é famosa em toda a região.

A hospitalidade simples encantou Aprígio e Maria Quitéria. Resolveram pernoitar em Buquim, num hotel modesto mas caprichado. Os lençóis impecavelmente brancos tinham uma barra de renda de bilro, rescaldo do enxoval da dona do hotel, abandonada no altar pelo noivo. No quarto, a moringa com água fresquinha e dois copos. Um primor.

Maria Quitéria estranhou o silêncio do marido. Depois do jantar, sentaram na pracinha, onde se via uma grande fonte, agora sem água. Aprígio, você está triste, meu amor?

Aprígio olhou a mulher, invadido por uma onda de ternura como nunca sentira antes por ninguém. A barriguinha já empurrando o vestido não deixava margem a dúvidas, daí a quatro meses Aprígio ia ser pai. De repente, foi como uma luz que se acendeu em sua mente.

A vida me sorriu, pensou ele. Conseguira quase o impossível. Se não fossem as três pessoas maravilhosas que encontrou na vida, estaria até hoje mergulhado na vergonha ou no crime. De vez em quando Aprígio lia no jornal a notícia de algum assassinato mal explicado no Rio de Janeiro, que ele sabia ser queima de arquivo. O tráfico se misturando com o contrabando e o bicho se complicava, ele saltou fora na hora certa.

Olhou para Maria Quitéria como se nunca a tivesse visto. Sorriu. Beijou-a ternamente. Aprígio percebeu que tinha a seu lado alguém que merecia a verdade. A sua verdade. Pensou na mãe, pela primeira vez com saudade. E entendeu. Se ele, Aprígio, se vira obrigado, por vários motivos, a traficar drogas, o que diria de sua mãe, viúva cheia de filhos, sem instrução nem profissão definida. Uma dor fina furou-lhe o peito. Um soluço preso há tantos anos desatou o choro. Aprígio chorou como criança no colo de Maria Quitéria, na pracinha de Buquim. Aos poucos se acalmou, e conseguiu contar à mulher a desgraça da morte do pai, a fome, o trabalho da mãe, sua vergonha.

Aniversário de D. Dulce

*Em nossa casa que já não mais existe,
 - Pois as casas também morrem -
 Imagino-te nesta data, velhinha querida,
 Cercada de filhos, netos, bisnetos,
 tataranetos,
 Todos nós em festa cobrindo-te de zelos
 e carinhos.
 Estranhas as liberalidades das meninas:
 - Um pouco de recato, mocinhas!
 A mim, cobras:
 - Filho, uma cartinha de vez em quando,
 que te custa?*

*Perdoador de minhas negligências,
(perdoar é a vocação das mães!)
Acerco-me de ti, abraço-te, beijo-te,
arrependo-me
E me penitencio de não ter tido ouvidos
Para teus conselhos tantas vezes repetidos.
Filhos de ontem, de hoje, de sempre,
Em nosso arrependimento tardio enxergo
um enredo que a vida escreve com sabedoria:
Se tivéssemos sido certinhos, sem pecadilhos,
Não saberíamos, depois, perdoar
os próprios filhos.*

– Agora podemos visitar Carolina! – exclamou Aprígio, abraçando a mulher, finalmente reconciliado consigo mesmo e suas dores.

36

Sempre Irmãos

Olhe só o verde escuro da mata, não é maravilhosa? Vai me dizer que parece a mata lá de Buquim? Estávamos no sítio Córrego das Pedras em Teresópolis, em plena mata atlântica. Água pura cristalina, captada no alto da montanha, abastece todas as residências. O menino de Buquim, na verdade baiano, rende-se à maravilha e faz silêncio. Os seus noventa anos de idade são iguais aos meus, com meses de diferença. A emoção nos trai. Waldemar, um fluxo de reminiscências subiu-me à cabeça, vamos sentar nesta barranca, à sombra.

Foi a primeira vez que Waldemar apareceu no sítio, que tenho há mais de vinte anos. Ele pouco sai de casa, todos esse anos com a Zota acamada e cada vez mais tomada pela doença. Ele, pela tristeza. Mas foi com um sorriso de antigamente que me abraçou ao chegar, acompanhado pelo neto. Paulo, isso é para você, diz ele me entregando um grosso caderno espiral. Não

era exatamente um caderno, mas a cópia xerox dos seus poemas manuscritos. Na primeira página, sob o título “Caminhante”, a charge que o Fortunato fez do Waldemar fumando um cachimbo, a cara dele. Uma citação: *“O que vale na vida não é o ponto de partida e, sim, a caminhada – Cora Coralina”*.

Senti uma grande alegria ao vê-lo. Apesar de nossa amizade a toda prova, pouco nos vimos nos últimos anos. Eu e a Edelena passamos a maior parte do tempo no sítio, a pouco mais de cem quilômetros do Rio. Descemos regularmente para ver os filhos e um ou outro compromisso social. Tentaram me convencer a não vir dirigindo, por causa da idade. Mas me sinto perfeitamente bem e acabo de renovar minha carteira de motorista. Waldemar não poderia fazê-lo, já enxerga bem pouco.

Convido meu amigo-irmão para uma volta no sítio. O que tem de melhor aqui é a água de nascente, farta. Mas depois de um verão que choveu menos que o esperado resolvi fazer um poço artesiano, por garantia. A nascente é protegida pela mata, que não deixo mexer. Agora plantei um monte de semente de palmito. Vou explicando e mostrando para o Waldemar, as mudinhas nascendo. Quando brota é um talinho duro, depois é que abre a folhinha, assim esparramada, uma mão. O palmiteiro é bom porque cresce mais rápido e sombreia as outras mudas de árvore, que vou

plantando às margens do córrego. Tem muito pau d'arco, que aqui é ipê, roxo, amarelo.

Num tronco de árvore recém-derrubada por forte temporal acomodamos nossos cento e oitenta anos bem vividos. Não há velho atleta nem jovem sábio, dizem os chineses. Você que é mais poeta que general, que me diz do panorama? Não sou poeta, ver-sejo minhas alegrias e meus desencantos. Mas não é a beleza da floresta – que é fantástica – não são as águas frescas de Buquim que mais me inspiram.

Meus Poemas

*Meus poemas...
 Bem o sei são lineares, nada a decifrar.
 São os meus desabafos tão somente
 Tão somente o meu jeito de cantar
 E de gemer as mais das vezes
 E de sorrir tão poucoamente.*

*Meus poemas são gritos simplesmente
 Simplesmente meus gritos nada mais!
 Lembranças que me chegam de repente
 Bilhetes que escrevo com meus ais!*

*Meus poemas... pedaços de mim mesmo
 Pedaços de mim mesmo nada mais...*

– Paulo, não quero publicar meus poemas. Eles são seus. Você faça o que quiser com eles.

Meu Neto Ricardo - Rick

*Meu amigo, meu neto Poeta-Maior,
Quisera ser poeta como você
Então, o meu mais belo poema comporia
E vaidosamente escreveria:
Meu amigo, meu neto, meu irmão na poesia!*

*Poeta, você tange as cordas de sua lira
E na pureza de seus quinze anos tira
O sublime som com que sua musa dança
E canta os mais sentidos versos,
Que envolvidos em sua alma inda criança
Você me oferta com tanto amor, tanto!
E, para meu encanto
Dizer apenas que também o amo
É pouco!
O poeta-maior é um deus sem era
E aos deuses não só se ama, se venera.
Você é meu orgulho, minha glória!
Em você eu continuo a minha história.
Nenhuma força há que nos separe:
– O mapa de minha Estrela é meu segredo
Mas para você, neto querido,
não existe restrição.*

*Quando quiser
 Esteja você onde estiver
 Eu estenderei a minha mão
 E lhe conduzirei à minha Ilha Encantada
 Que é minha mas, também, sua morada.*

Waldemar tomado de ternura pelo neto Ricardo, então com 15 anos, que se revelara poeta. Olho meu amigo, envelhecido. Difícil imaginar que ele lutou na guerra, que talvez tenha sido obrigado a atrocidades. O menino de Buquim, no Sergipe, foi para a guerra para com ela acabar, sem vencê-la.

Meu irmão general-poeta, ou poeta-general. Outro general, esse historiador, o Nelson Werneck Sodré, conta em seu livro “Memórias de um Soldado” a insólita reação do Waldemar, então coronel do Exército, quando submetido a uma revista vexatória por subalternos, no momento de sua prisão no navio Princesa Leopoldina, logo em seguida ao golpe militar de 1964. Enquanto o próprio Werneck Sodré preferiu se apresentar à paisana no quartel, na crise de 1961, “para não manchar a farda”, Waldemar foi além, ficando totalmente nu, enquanto declarava: “Vocês, companheiros, não humilharam a mim e sim ao Exército em particular, às Forças Armadas em geral, e, acima de tudo, a vocês próprios. Os golpistas estão espancando a nobreza dos nossos mais caros e sagrados princípios, os quais eu lhes

relembro: prerrogativas do posto, hierarquia, respeito mútuo, espírito de corpo e a sã camaradagem”.

Paulo, somos amigos há setenta e um anos, jamais trocamos uma palavra sobre política partidária. Entretanto, você, na Aeronáutica, e eu, no Exército, nos encontrávamos no Clube Militar na mesma trincheira, defendendo posições nacionalistas, em acirrados debates. Foram anos difíceis e arriscados, mas a Petrobrás está aí para nossa grandeza e independência.

É verdade. Em 1955, após a criação da Petrobrás e o suicídio de Vargas, o governo criou o ISEB, Instituto Superior de Estudos Brasileiros, uma espécie de alternativa democrática à Escola Superior de Guerra. Com o tempo, os intelectuais direitistas, que se diziam “sem ideologia”, foram se desligando do ISEB, como Roberto Campos e Hélio Jaguaribe. Durante o Governo JK os fundadores Roland Corbisier e Nelson Werneck Sodré consolidaram as formulações nacionalistas no Instituto. O Corbisier era tão inteligente que parecia maluco, o cabelo espetado. É nesse contexto que em 1959 o major-engenheiro Waldemar Dantas Borges é convidado a dar um conferência sobre mineração no Brasil, como técnico de reconhecida competência para integrar a série de palestras sobre a “Estrutura dos Recursos Naturais do País”.

Algum tempo depois, já no governo João Goulart, uma palestra minha no ISEB sobre a crise na Aviação Comercial Brasileira, mergulhada, como agora, em sérios problemas de segurança de voo ignorados pelas companhias aéreas – o que nos levava a propor a criação da Aerobrás – acabou provocando a demissão de meu amigo Ivan Alkmin, rádio-telegrafista da Panair do Brasil e dirigente sindical como eu. Alkmin mudou de carreira e até hoje atua como advogado.

Quando voltou da guerra, Waldemar ingressou na Escola Técnica do Exército, que em 1947 criou o curso de engenheiro industrial e de automóveis. Dois anos depois surgiria o Instituto Militar de Tecnologia, sob a recente influência norte-americana, para a indústria. Em 1959 as duas instituições iriam se fundir para formar o IME, Instituto Militar de Engenharia, até hoje uma referência na formação de engenheiros civis e militares.

Foi com essa qualificação que Waldemar participou ativamente da implantação da primeira refinaria de petróleo do Brasil, a Refinaria Presidente Bernardes, em Cubatão, com capacidade de refino de 45 mil barris diários, inaugurada em 16 de abril de 1955 pelo presidente da República Café Filho. “Dutra iniciou, Getúlio construiu e Café Filho inaugurou”, diz a manchete do jornal Diário, de Santos. O antigo distrito de Cubatão era até pouco tempo atrás conhecido pela produção de bananas e extração de

areia, com rios piscosos e ar puro, onde se jogava o lixo de Santos. Aliás, lixo inicialmente buscado pelos bananicultores para adubar suas plantações. Emancipada em 1949, Cubatão tinha um privilegiado sistema viário e rodoviário e algumas fábricas.

Em pouco tempo a refinaria puxou para Cubatão o Estireno, a Alba e a Union Carbide, mais adiante a Carbocloro. Numa época em que não havia preocupação com o meio ambiente, a concentração de indústrias químicas favoreceu a instalação de uma siderúrgica. Em 1959 o presidente Juscelino Kubitschek é carregado nos ombros de entusiasmados operários para descerrar a placa marcando o início das obras da Usina Siderúrgica José Bonifácio de Andrada e Silva.

O polo petroquímico de Cubatão, ainda hoje um dos maiores da América Latina, foi pioneiro na produção de asfalto, gasolina de avião, fertilizantes, eteno, coque de petróleo e o único a produzir a Podium, a melhor gasolina do mundo, fornecida para a equipe BMW-Williams de fórmula 1.

Ato Institucional nº 3

TRANSFERÊNCIA PARA A RESERVA DE OFICIAIS DAS FORÇAS ARMADAS –

O Comando Supremo da Revolução resolve, nos termos do parágrafo 1º do artigo 7º do Ato Institucional de 9

de abril de 1964, transferir para a Reserva os seguintes oficiais da Forças Armadas:

*(...) 22) Ten-Cel Inf QEM Waldemar Dantas Borges...
Rio de Janeiro, Guanabara, 11 de abril de 1964. – Gen
Ex Arthur da Costa e Silva – Ten-Brig Francisco de Assis
Correia de Mello – Vice-Almirante Augusto Hamann
Rademaker Grunewald.*

Lá estava o Waldemar entre 76 patriotas do Exército, como o Ten-Cel Dagoberto Rodrigues, diretor geral dos Correios; Ten-Cel Cav Niepce da Silva Filho, engenheiro colega de turma e amigo do Waldemar; Ten-Cel Cav Paulo Eugenio Pinto Guedes; Cel Art Jefferson Cardim de Alencar Osório, que viria a liderar no ano seguinte uma incursão armada no Brasil, quando foi preso e barbaramente torturado; Cap Art Eduardo Chuahy, ajudante de ordens do Jango; Maj Cav Joaquim Pires Cerveira, depois assassinado no DOI-Codi do Rio; Maj Inf Araken Domingues da Costa...

Mais 14 bravos companheiros da Marinha, como o Almirante-de-Esquadra Pedro Paulo de Araújo Suzano; o Vice-Almirante Fuzileiro Naval Cândido da Costa Aragão, o “Almirante Vermelho”; o Capitão-de-Mar-e-Guerra Paulo Silveira Werneck, meu amigo; o Capitão-de-Fragata Thales Fleury de Godoy, aquele goiano que se tornou capitão da marinha mercante de Cuba e quase foi atropelado pela Marinha do Pinochet, no Chile.

E mais 31 dos meus colegas da Aeronáutica, como meu outro irmão Major Brigadeiro-do-Ar Francisco Teixeira; Brigadeiro Engenheiro Dirceu de Paiva Guimarães, Brigadeiro-do-Ar Ricardo Nicoll, voou muito pelo Correio Aéreo Nacional; Cel Av Príamo Ferreira de Souza, grande gaúcho, que comandou a operação em que fomos buscar os primeiros aviões no Estados Unidos, em 1947, que eu conto em meu livro *Salvo-Conduto*; Cel Av Fortunato Câmara de Oliveira, autor da caricatura do Waldemar; Ten-Cel Esp Met Emanuel Nicoll que também tinha uma filha chamada Liana; fundou com o Aragão a Resistência Armada Nacionalista, no Uruguai; Ten-Cel Av Paulo Malta Rezende, meu vizinho em Laranjeiras, no Rio; Ten-Cel Av Otacílio Lupi, Ten-Cel Av Hélio de Castro Alves Anísio, que substituíra o Teixeira nos contatos clandestinos da Forças Armadas; Ten-Cel Av Oscar Ferreira Souza, irmão do Príamo; Cap-Av Alfredo Ribeiro Daudt, meu companheiro de xadrez no exílio, foi quem protagonizou uma fuga espetacular da prisão graças ao capitão Lamarca, que depois se tornaria guerrilheiro; 1º Ten Esp Av Avelino Iost, que depois entraria para a esquerda armada...

Na véspera, em 10 de abril de 1964, o Diário Oficial da União de nº 68 publicou a suspensão de meus direitos políticos pelo Comando Supremo da Revolução, baseada no Art. 10º do Ato

Institucional de 9 de abril, só que erraram meu nome, saiu Humberto Mello Bastos. O decreto publicado no D.O.U. de 17 de julho de 1964, folha 6382, retifica o Ato nº 1, desta vez para corrigir o nome do “requerente”, como consta no meu *Habeas Data*, parecendo que eu requeri minha própria cassação.

– É verdade que vocês são irmãos? – pergunta o recém-chegado, desavisado.

– Essa sua pergunta é descabida, intervém Aldônio, gaúcho, velho companheiro da pensão. Realmente, Aldônio, você falou certo. Porque irmão, em princípio, é filho do mesmo pai e da mesma mãe. Para mim, esse é o significado menos importante, porque tem muito irmão que esquece que mamou no mesmo peito. Irmão, de verdade, é aquele que na dificuldade ou no perigo surge como por encanto para dividir o amargo, o doloroso da vida. E as alegrias também.

Filosofando

*Não contes a ninguém os teus pesares
Por mais valor que a eles atribuas.
Teu ouvinte tem suas próprias dores
Para ele mais doidas que as tuas.*

*Não negues ajuda ao necessitado
Tampouco espere ser reconhecido.
Quem te procura sente-se humilhado
Ao invés de grato é um ressentido.*

*Não cobres nem te entregues ao tormento
Se gratidão de amor nunca tiveste.
Amar mais que prazer é sofrimento
Contenta-te em amar o amor que deste.*

*Na vida o destino inevitável
Sempre será a eterna procura.
Sentimentos em equilíbrio instável
Ora sanidade ora loucura.*

*Chegarás é certo ao fim do caminho
Cheio de experiências a passar.
Mas o jovem prefere errar sozinho
Pois tu mesmo não paraste de errar.*

O menino que não era de Buquim, mas de Ribeira do Pombal, na Bahia, ingrato com seu cajueiro que vó Dona plantou, colecionador de passarinhos engaiolados, pegos com grude de jaca, carreira no Exército de aspirante a general, engenheiro químico, defensor da criação da Petrobrás, preso, excluído da ativa do Exército no golpe militar de 1964, tornou-se poeta de seus encantos e desencantos. Para minha surpresa, depois de injustiças, sofrimentos, frustrações, brota o poeta. Poesias de sonhos, amor, esperanças e realidades do nosso Nordeste. Nunca as publicou. Tenho o privilégio de lê-las e relê-las escritas de próprio punho.

O NORDESTE É UM SÓ

Posfácio

– Waldemar se foi.

Abraçada carinhosamente comigo, minha filha Liana, psicanalista, que sabe falar ao meu coração, foi escalada para dar-me a triste notícia.

No livro de minha autoria
O Nordeste é um Só
Enriquecido com poesias
De meu irmão Waldemar
Seja prosa, seja verso,
Seremos pó.

Waldemar, com este livro, retribuo seu carinhoso gesto. Desculpe algum deslize.

De seu irmão,
Paulo.

F I M

Este livro foi impresso em Adobe Caslon Pro 13/16 e 20/24, Snell Roundhand 16/16 e 23/27.6 na Gráfica Ediouro, Rio de Janeiro em papel pólen 90 gr, em outubro de 2010, para a Família Bastos Editora.

LIVROS PUBLICADOS:

Salvo-Conduto, Um Voo na História, 1a. ed. Garamond, 1998; 2a. ed. F. Bastos, 2003.

Nos Bastidores da Anistia, F. Botelho, 2000.

Tauã, A Verdade Verdadeira que seu Noberto Contou, F. Bastos, 2003.

A Caixa-Preta do Golpe de 64, A República Sindicalista que Não Houve, F. Bastos, 2006.

OUTROS LANÇAMENTOS DA FAMÍLIA BASTOS PRODUÇÕES:

LIVROS

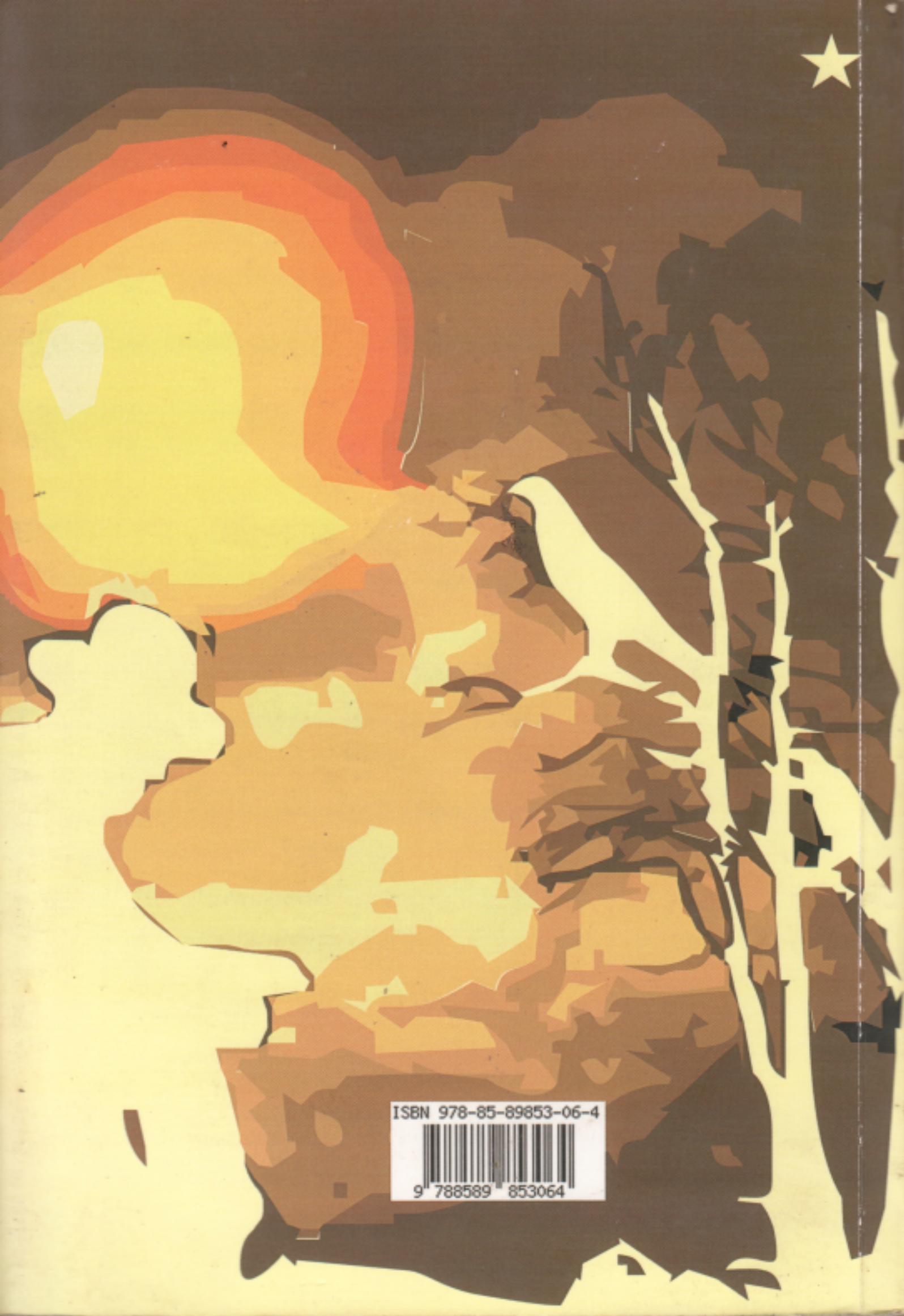
O Elogio da Bobagem, de Alice Viveiros de Castro, 2004.

O Paraíso é no Piauí, a Descoberta da Arqueóloga Niède Guidon, de Solange Bastos, 2010.

FILMES DOCUMENTÁRIOS

Brad, Uma Noite Mais nas Barricadas (55'), de Miguel Castro, 2007.

Piauí Entocado (40'), de Miguel Castro, 2010.



ISBN 978-85-89853-06-4



9 788589 853064